

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA

JACKSON LUÍS SANTOS DE VARGAS

**UMA ABORDAGEM ETNOMATEMÁTICA SOBRE AS IMPLICAÇÕES DOS
NÚMEROS NO BATUQUE DO RIO GRANDE DO SUL**

Porto Alegre

2016

JACKSON LUÍS SANTOS DE VARGAS

**UMA ABORDAGEM ETNOMATEMÁTICA SOBRE AS IMPLICAÇÕES DOS
NÚMEROS NO BATUQUE DO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS.

Orientadora: Dra. Isabel Cristina Machado de Lara

Porto Alegre
2016

Ficha Catalográfica

V297a Vargas, Jackson Luís Santos de

Uma abordagem Etnomatemática sobre as implicações dos números
no Batuque do Rio Grande do Sul / Jackson Luís Santos de Vargas
. – 2016.

136 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Educação em Ciências e Matemática, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Machado de Lara.

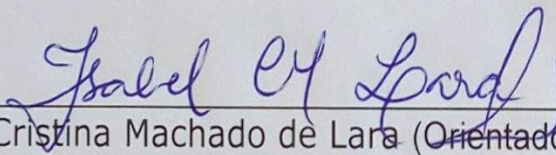
1. Cultura. 2. Etnomatemática. 3. Batuque do Rio Grande do Sul. I.
Lara, Isabel Cristina Machado de. II. Título.

JACKSON LUÍS SANTOS DE VARGAS

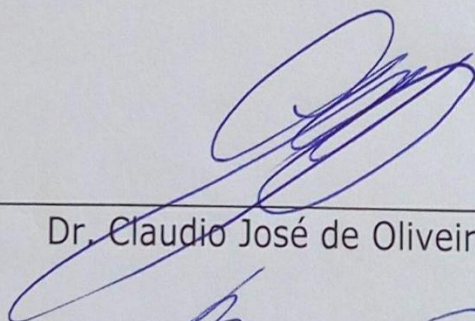
"UMA ABORDAGEM ETNOMATEMÁTICA SOBRE AS IMPLICAÇÕES DOS NÚMEROS NO BATUQUE DO RIO GRANDE DO SUL"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

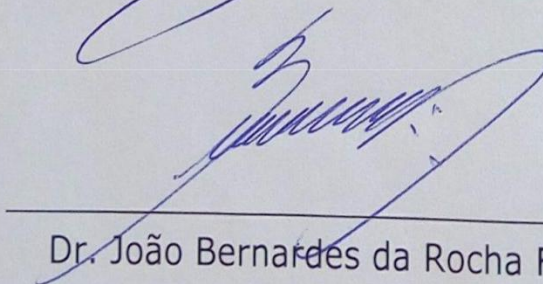
Aprovado em 29 de dezembro de 2016, pela Banca Examinadora.



Dra. Isabel Cristina Machado de Lara (Orientadora - PUCRS)



Dr. Claudio José de Oliveira (UNISC)



Dr. João Bernardes da Rocha Filho (PUCRS)

Dedicatória

Dedico este estudo à minha família e a todos os praticantes e simpatizantes do Batuque do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este estudo, agradeço a *Olódùmarè, Ògún* e a todos os *Òrìṣà do Irúnmalè* pertencentes ao Batuque do Rio Grande do Sul. Embora tenha sido realizado por mim, o mesmo não teria sido possível sem o apoio e compreensão de várias pessoas que me auxiliaram, me compreenderam e apoiaram sempre que preciso.

Aos meus pais, Paulo de Vargas e Nelci de Vargas, por todo apoio, compreensão e ensinamentos. Seus exemplos e palavras conduziram meu caminhar. São meu maior exemplo. É um orgulho ser filho deles.

Aos meus irmãos, Jonas de Vargas e Hiago de Vargas, pelo apoio, compreensão e torcida nessa nova etapa de minha vida.

À minha filha, D'jully de Vargas, a “gatinha do papai”, pela compreensão de minha ausência nesse tempo que não lhe dei toda a atenção que merecia. Papai te ama!

Ao meu filho, Francisco de Vargas. A distância física que nos separa, é pequena para nossos corações. Papai te ama!

Aos meus filhos do coração, Manuella e Caio, pelo carinho e compreensão de minha ausência em diversas ocasiões.

À minha cunhada, Edna e aos meus sobrinhos: Paulinho, Evelyn e Yasmin, pelo carinho e apoio.

À minha orientadora, Dra. Isabel Cristina Machado de Lara, pela dedicação e paciência. Sua sensibilidade, aliada à competência, foram fundamentais para que este estudo fosse concluído.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da PUCRS.

Aos colegas e amigos, mestrandos e doutorandos, que me acompanharam durante o curso de Mestrado. Nossas trocas de informações nos cafés, almoços e congressos serão guardadas com carinho por mim.

Ao quadro que integra a secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da PUCRS. Em especial agradeço à Luciana Schwert Apolo, pela presteza, atenção e gentileza ao longo do Mestrado.

Aos babalorixás participantes desta pesquisa, pela humildade, paciência e colaboração. Suas sabedorias e amor pelo Batuque do Rio Grande do Sul ficarão em minha memória.

Aos meus irmãos de Religião, por compreenderem que minhas exiguidades foram necessárias, muitas vezes, para que este estudo fosse realizado.

Aos meus colegas professores e equipes diretivas das escolas onde leciono, nesse tempo de curso do Mestrado. Meus agradecimentos por compreenderem minhas ausências e também por adequarem meus horários, em diversas ocasiões.

Por fim, agradeço à minha esposa, Carmen de Vargas, pelo apoio incondicional, compreensão, respeito nos momentos de ausência, incentivo, paciência e correções de escrita deste estudo. Amo-te, simplesmente, porque não sei te amar de outra maneira.

È şeun púpò!
(Muito obrigado!)

O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO

O pequeno príncipe chegou
montado em seu cavalo preto.
Preta também era sua cor
cor de menino perfeito.

Mas é claro que alguém estranhou
pois nas histórias que ouvimos os
príncipes têm outra cor
não a cor deste menino. Ao
que o príncipe respondeu:

do lugar de onde venho
os príncipes são todos pretos
os reis, as rainhas, todo o reino.

E aqui, pelo que vejo,
tem tanta gente pretinha!
Vou procurar uma princesa
e fazer dela rainha.

Para que um dia as histórias
possam ter cor diferente
Uma cor que também é bela,
uma cor que traduza a gente!

Marcelo Serralva

RESUMO

Este estudo apresenta uma análise dos processos de geração, organização e difusão relacionados aos saberes envolvidos na associação dos números, à representação mística utilizada no Batuque do Rio Grande do Sul. Os participantes de pesquisa foram quatro babalorixás com mais de vinte anos de culto aos orixás e pertencentes a algumas nações praticadas no Rio Grande do Sul. Todos os participantes de pesquisa residem no Rio Grande do Sul e seus ilês estão em funcionamento. Os instrumentos de coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas e observações realizadas no Ilê de um dos babalorixás. O método de pesquisa utilizado foi a Etnomatemática alicerçada principalmente nos estudos de D'Ambrosio (1985,1993, 1996, 2001) e Gerdes (1989, 1991, 2012). Como método de análise das respostas fornecidas pelos participantes de pesquisa utilizou-se a Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2011). A estruturação das categorizações teve como base três categorias *a priori*: Geração dos saberes; Organização dos saberes; Difusão dos saberes. A partir dessas categorias, subcategorias emergiram possibilitando a compreensão e encaminhamento às respostas das questões de pesquisa. A partir de convenções realizadas pelos precursores do Batuque do Rio Grande do Sul evidencia-se que, em relação à Geração dos saberes, cada Orixá possui um número, múltiplo e submúltiplo atribuído e esse número deve ser respeitado em todas as obrigações. A respeito da Organização dos saberes, mostra-se que existem normas definidas acerca do uso dos números e que os mesmos são sagrados. Do mesmo modo, crenças relacionadas às formas geométricas se mostraram necessárias para a preservação do culto e sua organização. Acerca da Difusão dos saberes, aponta-se que os números são utilizados em todos os rituais pertencentes ao Batuque do Rio Grande do Sul, pois os mesmos representam os orixás. Além disso, os resultados da análise revelam que os números utilizados são essenciais para a manutenção e continuidade do culto, uma vez que é a partir dos números de cada Orixá, seus múltiplos e submúltiplos que são organizados todos os rituais do Batuque do Rio Grande do Sul. Desde uma simples oferenda até valores monetários cobrados nos ilês, os números dos orixás estão implicados e são representativos. O uso da geometria no preparo das comidas dos orixás também segue normas estabelecidas de acordo com a Nação praticada. Por fim, conclui que, embora os participantes de pesquisa não saibam explicitamente explicar a origem dos números, dentro de sua cultura, a análise de

seus ditos sugere que os mesmos foram associados por meio dos mitos que cada Orixá traz e pelo significado místico que os números representam para a cultura africana.

Palavras-chave: Cultura; Etnomatemática; Batuque do Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

The study presents an analysis of the generation's, organization's and diffusion's process, related to knowledge about the relation of numbers and mystic representation, used in Batuque from Rio Grande do Sul. The participants that participate of the survey were four babalorixás with more of 20 years of cult to the orixás and they belong to some nações that are practiced in Rio Grande do Sul. All the participants live in Rio Grande do Sul and it's ilês are operating. The instruments used to collect information were an interview from a semi structures questionnaire and with observations realized at one of the babalorixá's Ilê. The method used was Ethnomathematics present on the researchs of D'Ambrósio (1985,1993,1996, 2001) and Gerdes (1989,1991,2012). To analyze the answers given by the participants of the survey, was used discursive textual analyses (MORAES; GALIAZZI, 2011). First the categories were structures in three types : knowledges's generation; knowledge's organization and knowledge's diffusion. Using this categories, new categories were created making possible the understanding of the answers for the questions of the survey. Using the conventions realized by the precursors of Batuque in Rio Grande do Sul, it's evident that in relation of the generation of knowledge each Orixá has a number, multiple and submultiple related, and this number must be respect in all the obligations. The knowledge's organizations shows that exist defined rules about the use of numbers which are sacred. In relation to that , the belief in geometric shapes is required to preserv the cult and it's organization. The knowledge's diffusion shows that numbers are used in all the rituals that belongs to Batuque of Rio Grande do Sul, because they represent the orixás. Besides, the analysi's results reveal that numbers used are essencial for the maintenance and to continue the cult using the numbers multiples and submultiples of each Orixá that are organized all the rituals of Batuque from Rio Grande do Sul. Since an simple offering until monetary values that are collected on the ilês, the numbers of the orixás are involved and are representative. The using of geometry to prepare the food for the orixás also obey rules related to the Nação that is practiced. I conclude that although the participants don't know exactly how to explain the origin of the numbers, inside of the culture, the analyze about what they said shows that it was associated by the miths that each Orixá has, and for the mystic meaning that numbers represents for the african culture.

Keywords: Culture; Ethnomathematics; Batuque from Rio Grande do Sul.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Sequência histórica acerca dos diferentes contextos surgidos dentro da Matemática	25
Figura 1 - Orixá Bará	39
Figura 2 - Orixá Ogum	40
Figura 3 - Orixá Oiá	41
Figura 4 - Orixá Xangô.....	42
Figura 5 - Orixá Odé	43
Figura 6 - Orixá Otim	44
Figura 7 - Orixá Ossãe	45
Figura 8 - Orixá Obá	46
Figura 9 - Orixá Xapanã	47
Figura 10 - Orixás Ibeji	48
Figura 11 - Orixá Oxum	49
Figura 12 - Orixá Iemanjá	50
Figura 13 - Orixá Oxalá	51
Quadro 2 - Diagrama da pancada Aré.....	55
Quadro 3 - Exemplo de fragmentação.....	60
Quadro 4 - Exemplo do processo de categorização realizada com as respostas dos Bábás 1 e 2 à segunda pergunta.....	61
Gráfico 1 - Frequência de cada subcategoria emergente.....	64
Esquema 1 - Frequência das subcategorias emergentes na primeira Categoria <i>a priori</i>	65
Quadro 5 - Convergências e divergências em relação aos números dos	66
Figura 14 - Guia imperial de Xangô.....	67
Figura 15 - Opeté do Orixá Bará.....	68
Figura 16 - Opeté para saúde.....	69
Figura 17 - Opeté de Oiá.....	69
Figura 18 - Opeté de Ossãe.....	70
Figura 19 - Opeté para saúde.....	70
Esquema 2 - Frequência das subcategorias emergentes na segunda Categoria <i>a priori</i>	72

Figura 20 - Guia comum	73
Figura 21 - Guia imperial	73
Figura 22 - Delogun.....	73
Figura 23 - Búzios fechados naturalmente e abertos	76
Esquema 3 - Frequência das subcategorias emergentes na terceira Categoria <i>a priori</i>	81
Quadro 6 - Significados dos números	85
Esquema 4 - Frequência das categorias <i>a priori</i>	89
Quadro 7 - Detalhamento da análise dos dados coletados	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
2 APORTES TEÓRICOS	22
2.1 CULTURA	22
2.2 SOBRE ETNO E ETNIA	24
2.3 ETNOMATEMÁTICA	25
2.4 A ESCRAVIDÃO NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL	28
2.5 A INFLUÊNCIA DA CULTURA AFRICANA NA CULTURA BRASILEIRA	33
3 RELIGIOSIDADE	36
3.1 O BATUQUE NO RIO GRANDE DO SUL	36
3.2 PANORAMA SOBRE OS ORIXÁS	37
3.3 FALANDO EM ORIXÁS	38
3.4 DANÇAS, VESTIMENTAS E COMIDAS	52
3.5 ILÚ	53
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	56
4.1 MÉTODO DE PESQUISA	56
4.2 PARTICIPANTES DE PESQUISA	57
4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	57
4.3.1 <i>A entrevista</i>	58
4.3.2 <i>As observações</i>	58
4.4 MÉTODO DE ANÁLISE	59
5 ANÁLISE DOS DADOS	63
5.1 GERAÇÃO DOS SABERES	64
5.1.1 <i>Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião</i>	65
5.1.2 <i>A importância da matemática para o Batuque</i>	70
5.2 ORGANIZAÇÃO DOS SABERES	71
5.2.1 <i>Estabelecimento de regras acerca do uso dos números</i>	72
5.2.2 <i>Algumas implicações dos números relacionadas ao jogo de búzios</i>	75
5.2.3 <i>Crença relacionada às formas geométricas</i>	78
5.2.4 <i>Normas estabelecidas em obrigações religiosas</i>	79
5.2.5 <i>A importância dos números para o Batuque</i>	80
5.3 DIFUSÃO DOS SABERES	80

<i>5.3.1 Os diferentes usos dos números no Batuque.....</i>	<i>81</i>
<i>5.3.2 Crença relacionada aos números.....</i>	<i>82</i>
<i>5.3.3 Os números representam o Axé dos orixás</i>	<i>83</i>
<i>5.3.4 As transmissões de conhecimentos</i>	<i>84</i>
6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E INDAGAÇÕES	87
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICES	96
APÊNDICE A	97
APÊNDICE B	99
APÊNDICE C	100

INTRODUÇÃO

No Brasil existem diversos grupos culturais, entre eles, alguns voltados às práticas religiosas. No Rio Grande do Sul destaca-se o Batuque¹ ou como também é conhecido, Nação². Essa Religião criada no Brasil por escravos e seus descendentes é diferenciada pelos batuqueiros³ a partir de lados⁴ religiosos. A Nação praticada na região Sul, especialmente no Rio Grande do Sul, onde foi criada e difundida é diferente de outras culturas religiosas praticadas no Brasil e em outros países.

O Batuque possui poucas semelhanças em seus rituais, se comparado a outras culturas religiosas como o Candomblé da Bahia, o Xangô de Pernambuco, o Tambor de Mina, etc. As casas de nações africanas cultuadas no estado possuem sua cultura própria, a qual é possível perceber nas danças, nos cantos, nos toques de tambor, no jogo de búzios, na gastronomia ou em outros rituais.

Nesse sentido, optei por utilizar o programa Etnomatemática como linha de pesquisa, pela afinidade que a mesma tem com a concepção de grupos culturais diversos. Para D'Ambrosio (1985, p. 45), a Etnomatemática é, [...] “a Matemática que é praticada em grupos culturais identificáveis, tais como as sociedades nacionais-tribais, grupos de trabalho, crianças de uma determinada idade, classes profissionais, etc.”.

Para o autor (2001, p.44), “[...] a Etnomatemática raramente se apresenta desvinculada de outras manifestações culturais, tais como arte e religião. A Etnomatemática se enquadra perfeitamente numa concepção multicultural e holística de educação.”.

Minha escolha em adotar a Etnomatemática como linha de pesquisa surgiu inicialmente a partir da leitura de textos sobre Etnomatemática utilizados na disciplina de Fundamentos da Educação Matemática, do curso de Mestrado. O encantamento

¹ Batuque neste estudo, refere-se à religião Nação, praticada no Rio Grande do Sul.

² Segundo o dicionário Aurélio (2008), Nação é um agrupamento de seres num território, ligados pela tradição, costumes, origem e língua. Os adeptos dessa religião utilizam esse termo para se referir à religião afro-gaúcha.

³ Neste estudo serão utilizados os termos, batuqueiros, adeptos e praticantes, como sinônimos das pessoas iniciadas no Batuque do Rio Grande do Sul.

⁴ Diferentemente da definição do dicionário, chamam-se “lados” as diferentes nações africanas cultuadas no estado do Rio Grande do Sul. Atualmente praticam-se principalmente os seguintes lados: Ijexá, Oyó, Jêje, Cabinda, e, em menor quantidade, o Nagô, devido a sua quase extinção.

pelo tema levou-me ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática (GEPEPUCRS) liderado por minha, a partir de então, orientadora.

Por meio das discussões no GEPEPUCRS entrei em contato com diferentes estudos desenvolvidos com essa abordagem: Paulus Gerdes⁵ com as cestarias dos artistas de Moçambique; a Matemática indígena pesquisada por Pedro Paulo Scandiuzzi no parque Xingu; o movimento Sem-Terra do Rio Grande do Sul, base da pesquisa de Gelsa Knijnik; a Matemática Indígena abordada por Eduardo Sebastiani Ferreira; a Matemática indígena dos índios do Mato Grosso do Sul investigada por Samuel Edmundo López Bello.

Por meio de tais discussões e leituras das obras de Ubiratan D'Ambrosio surgiu minha identificação com o programa Etnomatemática. Meu interesse em fazer uma pesquisa Etnomatemática acerca das implicações dos números presentes no Batuque do Rio Grande do Sul é o de trazer à tona uma cultura que faz parte da história do estado do Rio Grande do Sul, porém desconhecida pela maioria dos outros estados do Brasil.

Nasci em uma família onde a maioria das pessoas são espiritualizadas e cultuam o Batuque e a Umbanda⁶. Iniciei na religião africana e Umbanda há 29 anos e nunca fiz parte de outras culturas religiosas. No Batuque as pessoas não são distinguidas umas das outras pelo dinheiro, pelas roupas ou pelo seu status social. Mas pelo seu tempo de religião, cuidado, zelo com seus orixás e função desempenhada no terreiro⁷.

O respeito pelos anciões dentro da Nação dos orixás é relevante e significativo. Em todos os rituais religiosos realizados no Batuque do Rio Grande do Sul sempre os mais velhos têm a preferência. Desde pequeno percebo que existe racismo e preconceito acerca da cultura afro-brasileira, principalmente as que são voltadas à religiosidade.

Existe uma aversão e “demonização⁸” de parte da sociedade em relação ao Batuque, talvez por desconhecerem realmente os significados e os sentidos que essa

⁵ (1953 – 2014).

⁶ Umbanda é o nome de uma Religião brasileira criada em 1908 pelo Médiun Zélio Fernandino de Moraes e que tem como base de fundação quatro ramificações. O espiritismo, o Catolicismo, a influência indígena e também a influência africana.

⁷ Local onde são cultuados os orixás.

⁸ Demonização nesse sentido está relacionada em comparar as religiões de matriz africana ao satanismo.

cultura traz. Acreditam muitas vezes que são realizados pactos com demônios e práticas do mal para outrem. Porém, o Batuque não é menos importante que outras religiões e pode, do mesmo modo, contribuir para a formação moral, social e cultural dos que pertencem ao seu grupo.

Percebo que há vinte anos as pessoas que estavam dentro do Batuque eram mais simples, com menor poder aquisitivo, menos instrução e, nem por isso, deixavam de ajudar o próximo, de cultuar seus Orixás e serem indispensáveis para a comunidade a qual pertenciam. Entretanto percebo que, atualmente, pessoas de diversos níveis culturais e sociais estão se aproximando mais do Batuque.

Por viver estes dois lados: do estudo e da religiosidade decidi fazer uma pesquisa científica com foco no Batuque do Rio Grande do Sul. Há alguns anos em uma conversa com o meu pai, que também é meu Babalorixá⁹, comentamos acerca de nossa religiosidade e sobre a minha continuidade nos estudos. Contente, me orientou não só a dar prosseguimento, mas também contribuir para a divulgação do Batuque. E como professor de Matemática de uma escola estadual percebia o quanto isso poderia ser possível.

A conversa que tive com meu pai, o pedido que recebi de muitos irmãos de Religião, minhas decepções acerca do preconceito sobre as religiões de matriz africana, me motivaram a seguir adiante com estudos sobre o Batuque do Rio Grande do Sul. A Etnomatemática, como método de pesquisa, torna possível trazer à tona as contribuições que estão presentes nessa cultura religiosa. Colaborando com a Matemática e outros componentes curriculares das escolas de Ensino Básico, de acordo com a Lei 11.645/08¹⁰ que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena.

Diante disso, uma pesquisa que tenha como foco perceber as implicações da utilização dos números pelo Batuque do Rio Grande do Sul torna-se relevante e justifica esse estudo. Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é *“compreender por meio da Etnomatemática o modo como foram gerados, organizados e difundidos os saberes matemáticos envolvidos na associação dos números à representação mística utilizada pelo Batuque do Rio Grande do Sul”*.

⁹Babalorixá, vulgarmente conhecido como pai de santo, é responsável por uma comunidade religiosa.

¹⁰Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em 22 de julho de 2016.

Para que esse objetivo seja alcançado, estabeleci algumas metas específicas:

- a) resgatar registros históricos acerca da utilização dos números nas religiões de matriz africana trazidas para o Rio Grande do Sul;
- b) identificar semelhanças e diferenças em relação ao modo com que cada Nação faz essa utilização;
- c) verificar os saberes envolvidos na escolha dos números que constituem essa representação mística;
- d) compreender como esses saberes foram gerados, organizados e estão sendo difundidos dentro de cada Nação.

Com isso, a finalidade desse estudo é abordar o problema: “*De que modo foram gerados, organizados e difundidos os saberes envolvidos na associação dos números à representação mística utilizada no Batuque trazidas para o Rio Grande do Sul?*”.

Dessa forma, busquei respostas para as questões que emergem de cada objetivo específico. Sejam elas:

- a) quais são os registros históricos existentes sobre a utilização dos números nas religiões de matriz africana trazidas para o Rio Grande do Sul?
- b) caso existam, quais são as semelhanças e diferenças em relação a essa utilização?
- c) quais são os saberes que estão presentes na numerologia do Batuque do Rio Grande do Sul?
- d) de que modo foram organizados e estão sendo difundidos dentro de cada Nação os saberes acerca da utilização dos números?

Para o desenvolvimento dessa pesquisa consultei documentos históricos, livros, revistas, documentários e filmes sobre o Batuque do Rio Grande do Sul, além de entrevistas e observações que realizei.

Para tanto, a organizei em seis capítulos.

No primeiro capítulo, *Introdução*, encontram-se descritos os motivos que me levaram ao tema de estudo, bem como a justificativa, os objetivos gerais e específicos, o problema de pesquisa e as questões de pesquisa. Apresento algumas pressuposições acerca da Etnomatemática e os porquês da escolha de entrevistas com babalorixás e observações durante rituais religiosos.

No segundo capítulo, *Aportes Teóricos*, apresento os referenciais teóricos que tratam dos conceitos que inicialmente servirão como base para esta pesquisa, sejam

eles: cultura; etno e etnia; Etnomatemática. Além disso tratará da escravidão no Brasil e no Rio Grande do Sul e a influência da cultura africana na cultura brasileira.

No terceiro capítulo, *Religiosidade*, abordo brevemente a história do Batuque afro-gaúcho. Mostro um panorama da religiosidade de matriz africana praticada no Rio Grande do Sul e adquirido por mim, ao longo de minha trajetória como membro de uma comunidade que cultua e pratica o Batuque do Rio Grande do Sul.

No quarto capítulo, *Procedimentos Metodológicos*, descrevo o método de pesquisa, os instrumentos utilizados, os participantes de pesquisa e o método de análise adotada, Análise Textual Discursiva.

No quinto capítulo, *Análise dos dados*, apresento os resultados da pesquisa a partir de três categorias *a priori*: **Geração dos saberes; Organização dos saberes; Difusão dos saberes.**

No sexto capítulo, *Algumas considerações e indagações*, exponho as considerações finais acerca da pesquisa realizada.

Diante disso, esta pesquisa tem o intuito de contribuir para a diminuição da intolerância religiosa, racial e social. Para tanto, pretende colaborar para o ensino da cultura africana nas escolas, contemplada pela Lei 11.645/08 por meio da Etnomatemática.

2 APORTES TEÓRICOS

Neste capítulo realizo um levantamento bibliográfico que servirá como aporte teórico acerca das principais concepções adotadas para o desenvolvimento desta pesquisa. Ressalto que são apresentados definições e conceitos de cultura, etno e etnia, em separado, por considerar que tais termos são essenciais para a compreensão das diferentes definições dadas à Etnomatemática.

Vale salientar que alguns termos e nomes de orixás e/ou rituais específicos citados durante o referencial teórico ao longo deste estudo e pertencentes ao Batuque do Rio Grande do Sul, não estão escritos conforme o idioma de origem, lorubá¹¹ e sim, de acordo com a transcrição fonológica dos mesmos, para uma melhor compreensão. Optei também por esse aportuguesamento visando à conformidade em relação a realidade aprendida na maioria dos terreiros ou ilês¹², que priorizam a fala e não a escrita original desses termos.

2.1 CULTURA

De acordo com Tylor¹³ (1871), cultura é o conjunto de saberes que são formados por determinadas vivências do homem em uma comunidade incluindo suas aptidões. Para o autor (1871, p. 2), cultura é, “[...] todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Segundo o dicionário Houaiss (2004), cultura é todo o conjunto de comportamentos padronizados, costumes, bem como de crenças mantidas por um determinado grupo social.

Conforme Geertz¹⁴ (1989, p. 15), o conceito de cultura é, “[...] essencialmente semiótico, [...] não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Para o autor os homens adquirem sentido em suas experiências vivenciadas a partir de signos e símbolos ordenadamente semióticos. Isto é, as experiências culturais de um determinado grupo

11 É um idioma Nigero-Congolês.

12 Ilê é o mesmo que terreiro, casa, ou templo religioso.

13 Edward Burnett Tylor (1832 – 1917).

14 Clifford James Geertz (1926 – 2006).

social devem ser buscadas e interpretadas pela antropologia por meio dos sinais alcançados individualmente por cada pessoa.

Mello (1986, p. 26), indica que a mesma pode ser entendida em um sentido amplo, como todo o conjunto de obras humanas. Nesse sentido, a cultura torna-se compreensível quando se tem evidente a multiplicidade de seus aspectos que devem ser buscados pelos seus objetivos e manifestações. Para o autor, a denominação de cultura é todo o conjunto etnográfico que,

[...] apresenta, com relação a outros, afastamentos significativos. Se se procura determinar afastamentos significativos entre a América do Norte e a Europa, tratar-se-ão as duas como culturas diferentes: mas supondo-se que o interesse tenha por objeto afastamentos significativos entre, digamos, Paris e Marselha, estes dois conjuntos urbanos poderão ser provisoriamente construídos como duas unidades culturais. Como o objetivo último das pesquisas estruturais são as constantes ligadas a tais afastamentos, a noção de cultura pode corresponder a uma realidade objetiva, apesar de permanecer função do tipo de pesquisa considerado. (MELLO, 1986, p. 26).

Os conjuntos de procedimentos que, em consonância com as experiências, valores e representações adquiridas e transmitidas às próximas etnias podem ser entendidos, de acordo com Bosi (1992), como cultura. Assim, a cultura adquirida por um grupo social assegura a reprodução contemporânea da sociedade.

Schein (2009, p. 16), afirma que é possível entender que cultura é um complexo de pressuposições criadas por um determinado grupo cultural que, “[...] descobriu ou desenvolveu ao aprender a lidar com os problemas de adaptação externa e integração interna e que funcionaram bem o suficiente para serem considerados válidos e ensinados a novos membros [...]”. Para o autor, a resistência que a cultura mantém sobre as mudanças impostas pelos grupos étnicos contribui para que continue existindo. Qualquer alteração que não seja conveniente à maioria das pessoas, pode afetar o modo como se relacionam, vivem e sobrevivem (SCHEIN, 2009).

Assim, para realizar este estudo adotei o termo cultura na perspectiva desses autores, compreendo cultura como todo o conjunto de saberes e práticas sociais que são adquiridas e vivenciadas por um grupo social. Dessa forma as tradições desse grupo devem ser mantidas para que o mesmo não se descaracterize e perca sua identidade.

2.2 SOBRE ETNO E ETNIA

Embora as palavras etno e etnia possuam a mesma raiz etimológica, ambas apresentam significados diferentes quanto ao seu uso. O vocábulo etno, para o dicionário de Panoff e Perrin (1979), representa o prefixo que une diferentes áreas de atuação da Etnociência em consonância com seus sufixos. São exemplos, Etnolinguística, Etnopsicologia e Etnosociologia. Em concordância com os países, áreas do conhecimento ou autores, tais expressões podem assumir um ou outro significado.

A palavra etnia, conforme Panoff e Perrin (1979), determina uma comunidade que compartilha a mesma língua, costumes, enfim, a mesma cultura e, que se legitima como tal. Para o dicionário Aurélio, (2008. p. 383), etnia refere-se à “[...] população ou grupo social que apresenta homogeneidade cultural, compartilhando história e origens comuns.”. Esses grupos sociais não incluem fatores biológicos, tendo a etnia um significado unicamente social. Corroborando essa ideia, consta no Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana:

‘Etnia’ ou ‘grupo étnico’ designa um grupo social que se diferencia de outros por sua especificidade cultural. Atualmente o conceito de etnia estende-se a todas as minorias que mantêm modos de ser distintos e formações que se distinguem da cultura dominante. Assim, os pertencentes a uma etnia partilham da mesma visão de mundo, de uma organização social própria, apresentam manifestações culturais que lhe são características. ‘Etnicidade’ é a condição de pertencer a um grupo étnico. É o caráter ou a qualidade de um grupo étnico que frequentemente se autodenomina comunidade. (BRASIL, 1997, p.132/133).

Os grupos étnicos são distinguidos a partir de suas particularidades culturais, com isso em uma mesma Nação, é possível que existam diversas etnias (MUNANGA, 1990). Para o autor (1990, p. 52), “Uma etnia é um conjunto de indivíduos possuindo em comum uma língua, uma cultura, uma história, um território e não necessariamente uma unidade política. ”

De acordo com Sturtevant (1964), no século XIX, etnógrafos já utilizavam o termo etno como prefixo para designar novos conceitos como: Etnoastronomia; Etnolinguística; Etnobotânica; Etnozoologia; Etnociência. Dessa forma o termo etno é utilizado como prefixo para designar diferentes ramos surgidos a partir da Etnociência,

enquanto etnia refere-se a um grupo étnico. Um grupo étnico é definido a partir da particularidade, tradição e idioma comum ao grupo. Enfim, a partir da cultura legitimada e compartilhada. Excluindo de tal forma, qualquer fator biológico ou político.

2.3 ETNOMATEMÁTICA

Durante uma palestra sobre Educação Matemática no ano de 1950, Wilder¹⁵ afirmou para os matemáticos presentes, que perceber a disciplina Matemática como parte da cultura, já não era mais novidade (ROSA; OREY, 2011). No Brasil, a partir da década de 1970, foram formadas, entre os educadores matemáticos, algumas correntes pedagógicas.

Com isso, iniciou-se um movimento que reagiu fortemente em relação ao modo como essa disciplina era ensinada nas escolas como sendo uma verdade universal, absoluta e incontestável. De acordo com Gerdes (1991), diversos saberes matemáticos surgiram para diferenciar a Matemática acadêmica da Matemática escolar, conforme o Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 - Sequência histórica acerca dos diferentes contextos surgidos dentro da Matemática

Sociomatemática	Zaslavsky (1973)
Matemática espontânea	D'Ambrosio (1982)
Matemática Informal	Posner (1982)
Matemática oprimida	Gerdes (1982)
Matemática não-estandardizada	Gerdes, Caraher e Harris (1987);
Matemática escondida ou congelada	Gerdes (1985)
Matemática popular/ do povo	Mellin-Olsen (1986).

Fonte: elaborado pelo autor com base em Gerdes (1991)

Ainda na década de 1970, o programa Etnomatemática teve início com D'Ambrosio. Desde então, o termo vem sendo utilizado internacionalmente por diversos pesquisadores que acreditaram nesse novo olhar lançado à Matemática

¹⁵ Raymond Louis Wilder (1896 – 1982).

(D'AMBROSIO, 1993). Esse novo campo do conhecimento articula-se à Sociologia, Antropologia, História da Matemática e aos estudos étnicos de um grupo social.

O programa Etnomatemática apresenta em uma perspectiva da Educação Matemática a busca e valorização pelo modo como foram criados, organizados e difundidos os saberes matemáticos legítimos de um determinado grupo social.

D'Ambrosio defende que a Etnomatemática, “[...] é um programa que visa explicar os processos de geração, organização e transmissão de conhecimento em diversos sistemas culturais e as forças interativas que agem nos e entre os processos.” (1985, p. 7). O autor assinala que o programa Etnomatemática não é apenas um estudo étnico de um determinado grupo social, ou, um estudo acerca de Matemáticas existentes. A Etnomatemática traz em si uma abrangência muito maior, uma vez que:

Diferentemente do que sugere o nome, a Etnomatemática não é apenas o estudo de “Matemáticas de diversas etnias”. É muito mais do que isso. Uma liberdade etimológica nos permite falar em Etnomatemática como o estudo de várias maneiras técnicas, habilidades (técnicas ou ticas) de explicar, de entender de lidar e conviver (matema) nos distintos contextos naturais e sócio-econômicos, espacial e temporalmente diferenciados, da realidade (etno). (D'AMBROSIO, 1996, p.48).

Para Barton (2004), a Etnomatemática faz uma tentativa de conhecer e apresentar a forma como as ideias¹⁶, são entendidas e utilizadas por outras pessoas que não compactuam do mesmo entendimento sobre a “Matemática”. O autor (2004, p. 55), destaca que: “Ela tenta descrever o mundo matemático do etnomatemático na perspectiva do outro. [...] A Etnomatemática, de fato, cria uma ponte entre a Matemática e as ideias (e conceitos e práticas) de outras culturas.”.

Para Knijnik, a Etnomatemática está alicerçada entre os pensamentos de Wittgenstein e Foucault e assemelha-se a uma caixa de ferramentas que permite a análise dos discursos que, “[...] instituem as matemáticas acadêmica e Escolar e seus efeitos de verdade e examinar os jogos de linguagem que constituem cada uma das diferentes matemáticas analisando suas semelhanças de família.”. (KNIJNIK et al., 2012, p.28).

Conforme Gerdes (1989, p.2), “[...] a Etnomatemática tenta estudar a Matemática (ou ideias matemáticas) nas suas relações com o conjunto da vida cultural

¹⁶ Nesse sentido, segundo o autor, “ideias” são as formas que os etnomatemáticos entendem as matemáticas existentes.

e social.”. De acordo com Gerdes (2012), os etnomatemáticos destacam e analisam os fatores e influências socioculturais acerca do ensino, desenvolvimento e aprendizagem da Matemática. O autor destaca que cada povo, bem como cada cultura e subcultura, gera seus próprios saberes matemáticos. Corroborando essa ideia, Oliveira (2006) salienta que: “Com as “lentes” da Etnomatemática a Educação Matemática passa a valorizar, também a produção da Matemática praticada por diferentes grupos étnicos, profissionais ou comunitários.”. (p. 248).

Para o autor, as matemáticas praticadas por diferentes grupos sociais, “[...] são vistas também numa perspectiva cultural, e o conhecimento matemático é visto como historicamente construído de forma não linear, marcado por elementos da cultura dos diferentes grupos.”. (OLIVEIRA, 2006, p. 248).

Gerdes (2012), afirma que as pesquisas realizadas em Etnomatemática objetivam trazer novos subsídios que vão ao encontro da realidade de professores e alunos para que o ensino da Matemática seja qualificado. Segundo o autor, a Educação Matemática procura conseguir, “[...] valorizar as raízes e conhecimentos científicos inerentes à Cultura, utilizando-os como alicerces para ascender melhor e mais rapidamente ao patrimônio científico de toda a Humanidade.”. (GERDES, 2012, p. 13).

Gerdes (2012) defende que o desinteresse dos discentes em estudar Matemática ao ver a disciplina como enfadonha e descontextualizada da realidade vivenciada pelos mesmos, é um dos principais desafios aos professores de Matemática na África, uma vez que,

[...] um dos principais desafios aos educadores matemáticos da África em geral e da África Austral, em particular. Muitas meninas e meninos nas escolas encaram a matemática como uma disciplina bastante estranha e sem utilidade que, se não é importada por completo de fora de África, é no máximo ‘montada’ em África como bicicletas e carros. Aqui se encontra o desafio: a herança cultural africana devia ser o ponto de partida no desenvolvimento de um currículo de matemática para poder melhorar a qualidade do ensino, para poder aumentar a *auto-confiança social e cultural* de todos os alunos, tanto de meninas como de meninos. (GERDES, 2012, p. 161).

Para esses novos desafios aos educadores matemáticos, Gerdes ressalta que a Etnomatemática pode contribuir trazendo algumas respostas, uma vez que possibilita analisar as “[...] tradições matemáticas que sobreviveram à colonização e actividades matemáticas na vida diária das populações, procurando possibilidades de

as incorporar no currículo. ” (2012, p.161). Além disso, analisar os “[...] elementos culturais que podem servir como ponto de partida para fazer e elaborar matemática dentro e fora da escola. ” (2012, p. 161).

Por outro lado, Gerdes (2012) evidencia o baixo desempenho de estudantes oriundos de países africanos, na disciplina Matemática. Para o autor, possivelmente isso se deva à abstração, à utilização prática dos conceitos e à visão de algo distante, que vem de fora. Para romper essa barreira na aprendizagem,

[...] é necessário rever o currículo. Os objetivos, conteúdos e métodos do ensino da Matemática devem ser enquadrados no ambiente cultural dos alunos. Por um lado, a incorporação da etnomatemática – todos os tipos de atividades, práticas e raciocínio matemáticos na vida das populações – no currículo contribuirá para esta meta. Por outro lado, elementos culturais africanos diversos podem ser utilizados como *ponto de partida* para inventar, criar e fazer Matemática interessante dentro e fora do contexto escolar. A valorização educacional da cultura da família da criança, da zona, do país e do continente tornará o aluno mais confiante nas suas capacidades. (2012, p. 7).

Essa valorização cultural pode contribuir para que os estudantes tenham mais facilidade em aprender, pois identificar-se-ão com elementos que estão presentes em suas culturas. (GERDES, 2012). Desse modo, considerando que esta pesquisa assume uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico-cultural evidenciando os saberes tácitos na associação dos números pelos praticantes do Batuque do Rio Grande do Sul, assumo o programa Etnomatemática definido por D’Ambrosio para determinar as categorias de análise deste estudo: geração dos saberes, organização dos saberes e difusão dos saberes.

A Etnomatemática está alicerçada na Educação Matemática, na Antropologia e na Sociologia. Busca compreender, reconhecer e demonstrar a maneira como os saberes matemáticos tácitos de um determinado grupo cultural foram criados, ordenados e transferidos. Colaborando dessa forma para a valorização e preservação da cultura de um povo e contribuindo para a aprendizagem matemática.

2.4 A ESCRAVIDÃO NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

A escravidão não é um fenômeno ocorrido apenas no Brasil. Na África, conforme Maestri Filho (1986), a escravidão também existiu e tinha, em alguns casos,

uma conotação doméstica e parental, de subsistência e não de comércio. Os africanos, nessa perspectiva, não eram vistos como escravos, mas como mão de obra. Nesse sentido, o autor (1986), afirma que, se uma pessoa for submetida à força a algum determinado trabalho, não necessariamente deve ser considerada escrava. Além disso, reforça que as sociedades primitivas tinham por costume aprisionar inimigos, sobretudo estrangeiros, para que fossem sacrificados em cerimoniais de cunho religioso.

Para Maestri Filho (1986, p.3), uma pessoa para ser considerada escrava deve encaixar-se em três determinações:

O cativo, considerado como uma simples mercadoria, deve estar sujeito às eventualidades próprias aos bens mercantilizáveis – compra, venda, aluguel, etc. A totalidade do produto do seu trabalho deve pertencer ao senhor. A remuneração que o cativo recebe sob a forma de alimento, habitação, etc., deve depender, ao menos formalmente, de vontade senhorial. Por último, o *status* escravo deve ser vitalício e transmissível aos seus filhos.

O autor ainda acentua que a escravidão é um fenômeno atual sobre a história da humanidade e pressupõe o desenvolvimento de determinadas forças produtivas como as matérias primas, ferramentas, forças de trabalho, técnicas, etc. Além disso o desenvolvimento de determinadas relações sociais de produção, como, “[...] (relações estabelecidas, a partir de certo nível de desenvolvimento das forças produtivas, entre as classes ‘trabalhadoras’) ”. Maestri Filho (1986, p.3). Nesse sentido, o homem não pode se apoderar completamente de seu semelhante, todavia em parte de seu trabalho.

De acordo com Silveira (2014, p.51): “No início da exploração econômica das terras descobertas no continente americano, os colonizadores buscavam na mão de obra escravizada a melhor forma para rentabilizar a produção agrícola da região.”. Silvério (2013), assinala que apenas após os colonos europeus chegarem em solo africano é que se iniciaram os tráficos comerciais com os escravizados.

O autor ainda aponta que, ao não terem mais interesse na importação de escravos para uso próprio, “[...] as ilhas passaram a exportá-los para a América. Enquanto São Tomé e o Congo abasteciam o Brasil, as ilhas do Cabo Verde, a partir dos anos 1530-1540, voltaram-se para a América espanhola.” (SILVÉRIO, 2013, p.

480). A partir de então, iniciaram-se os movimentos de exportação de escravos para fora de seus continentes e, por conseguinte, sua perda de identidade.

Pinsky (2010), declara que entre os séculos XVI e XVII aconteciam desembarques referentes ao tráfico de negros no Brasil para escravidão. Isso ocorria em locais com maiores demandas de trabalho. Muitos escravos morriam durante a viagem nos navios negreiros, que eram responsáveis pelo transporte escravo, devido a suas péssimas condições.

Moura (1989) salienta que os africanos foram responsáveis por uma notória povoação do Brasil. Infelizmente, de forma desfavorável e desumana, uma vez que o fizeram de forma escrava. O autor enfatiza que, ao contrário do que muitos autores afirmam, as condições de alimentação dos escravos não eram fartas. Os mesmos não eram bem alimentados, mas tratados de forma desigual, em uma circunstância calamitosa acerca de sua alimentação.

De acordo com o autor (1989), as jornadas de trabalho variavam entre catorze e dezesseis horas por dia. Os escravos eram observados integralmente pelo feitor, ou um imediato, que não permitia que tivessem qualquer pausa para descansar. Caso precisasse de descanso era considerado preguiçoso, sendo submetido a castigos que eram realizados por um escravo designado ou pelo próprio escravizador. Para o autor (1989), os escravizadores não tinham limites e construía suas próprias máquinas de tortura e, não obstante, as comercializavam entre os senhores de engenho.

Além de péssimas condições de alimentação, vestuário e saneamento básico, Moura (1989), enfatiza que os escravos tinham as partes das nádegas feridas, salgadas e untadas com pimenta para que melhor cicatrizassem após o cumprimento do castigo. Para que não houvesse o perigo de morte foram estipuladas cinco dezenas de chibatadas. Parte dos escravos era direcionada ao trabalho na construção civil, carpintaria e, principalmente, na agricultura. Conforme Flores (2013), no século XVIII, os escravos que eram trazidos para o Rio Grande do Sul eram oriundos do Rio de Janeiro ou de Salvador. Nessa época, existiam mercados nas cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro que os comercializavam.

Por terem que pagar impostos anuais por seus escravos junto à alfândega, tendo que inclusive declarar uma espécie de passaporte com os dados físicos de cada um, surgiram os contrabandos. Tais atos, segundo Flores (2013, p. 11), começaram com o povoamento litorâneo no Rio Grande do Sul, ainda no século XVIII e, com isso,

“ [...] o contrabando tornou-se uma atividade que ignorou os limites dos reinos ibéricos. A existência de propriedades luso-brasileiros em ambos os lados da fronteira facilitou o transito de gado, de mercadorias e de escravos.”.

Os negros escravizados no Rio Grande do Sul estiveram fortemente presentes na Revolução Farroupilha¹⁷. Entretanto, eram os soldados de primeira tropa, ou seja, os escudos dos demais. Para Pereira:

A utilização dos negros nas forças de combate ocorria devido à dificuldade de encontrar homens livres dispostos a lutar pelos ideais farrapos. Bento Gonçalves da Silva, um dos líderes do movimento, convidou seus seguidores a convocar os escravizados para o combate. Nessa época o branco recrutado podia eximir-se do serviço militar desde que oferecesse em seu lugar um escravizado [...] (PEREIRA, 2012, p. 25).

Pereira (2012), afirma que nessa época os negros e negras desempenhavam diferentes atividades em suas lides. Dentre elas as de ama de leite, cozinheiras, carregadoras de água, charqueadores, estivadoras, etc. Saint-Hilaire (1974), quando em sua passagem pelo Rio Grande do Sul, observou que as mulheres se dedicavam aos afazeres domésticos em geral, porém algumas à prostituição.

Em relação às crianças, estas não foram poupadas, pois desde cedo trabalhavam como auxiliares nas casas dos patrões, como aponta Saint-Hilaire (1974, p. 73), ao observar o cotidiano de uma criança escravizada na charqueada São João, na cidade de Pelotas:

Há sempre na sala um pequeno negro de 10 a 12 anos, cuja função é ir chamar os outros escravos, servir água e prestar pequenos serviços caseiros. Não conheço criatura mais infeliz que essa criança. Nunca se assenta, jamais sorri, em tempo algum brinca! Passa a vida tristemente encostado à parede e é frequentemente maltratado pelos filhos do dono. À noite chega-lhe o sono e quando não há ninguém na sala, cai de joelhos pra poder dormir. Não é esta casa a única que usa esse impiedoso sistema: ele é frequente em outras.

Para Silveira (2014), os escravos procuraram de alguma forma a unificação dos grupos escravizados, culminando com grandes resistências. A espiritualidade em comum, além da cor de pele, foram fatores importantes para a união desses povos. De acordo com o autor (2014, p. 56): “Fugas, aquilombamentos, lentidão no trabalho,

¹⁷ A Guerra dos Farrapos é considerada como a guerra armada do Brasil, de maior duração, tendo seu início em 1835 e término em 1845.

justiçamentos e revoltas foram formas que os negros africanos ou afrodescendentes encontraram para demonstrar toda sua rebeldia com o sistema.”. Segundo Kuhn (2011, p. 67), antes da expansão propiciada pela indústria charqueadora, já havia escravos no Rio Grande do Sul, uma vez que:

Em meados do século XVIII, essa parte do Continente apresentava uma sociedade fortemente dependente da mão de obra cativa, especialmente da africana. A escravidão indígena aparecia já de forma residual, na existência de duas dezenas de ‘administrados’ dispersos entre alguns poucos proprietários. Definitivamente, a escravidão indígena parecia ser uma opção desinteressante no momento, diante da oferta de cativos africanos a baixo preço, distribuídos pelos traficantes do Rio de Janeiro e desembarcados em Laguna ou na vila do Rio Grande. (KUNH, 2011, p. 67).

Complementando, vale destacar Silveira (2014, p.63), ao afirmar que: “Desde então foram fundadas mais de 30 charqueadas em todo o estado, cada uma com um efetivo entre 60 e 80 escravizados”. A carne charqueada é composta de carne de gado salgada, em alguns lugares é curtida ao abrigo do sol pressionada por madeiras e em outros lugares é exposta ao sol para secar. Em relação a isso, Assumpção destaca que:

Em 1814, a maior parte da população era constituída de não brancos. Em nenhuma das freguesias o número de cativos era inferior a duas centenas. Porém, é Pelotas a mais importante cidade do século XIX no Rio Grande do Sul, onde se situava o polo charqueador, que apresentava a maior concentração de africanos e descendentes, superando os 60%. O charque era o principal produto produzido nas charqueadas, assim como o de maior importância nas exportações da província. Eram esses estabelecimentos os impulsionadores da economia do Brasil Meridional. (2011, p. 148).

Conforme Fonseca (2013), os negros escravizados eram verdadeiros gaúchos, sempre preparados para manusear o charque ou semear a terra. Para o autor, (2013), a presença do negro foi indispensável na guerra, sendo proibida inclusive a exportação de escravos do Brasil para colônias espanholas porque enfraqueceria militarmente o país dando, em contrapartida, força às tropas inimigas. Tais fatos contribuíram para que os escravos, como uma forma de resistência, mantivessem sua religiosidade, uma vez que:

As religiões de matriz africana no Rio grande do Sul acompanham a dinâmica da chegada dos trabalhadores escravizados às terras gaúchas, principalmente os que chegaram em grande volume para trabalhar nas charqueadas oriundos de outras partes do Brasil. [...] As principais etnias que formaram o Batuque no Rio grande do Sul são: Jeje (Fon, da região do

Daomé), Ijexá, Oyó (saõ de origem Iorubá, da região da Nigéria) e Cabinda (uma etnia Bantu, da região de Angola). Prevaleceu no Rio Grande do Sul a formação Jeje-Nagô, que se pode verificar através da codificação na forma de execução das cerimônias [...]. (PEREIRA, 2008, p. 74).

Negros de diversas etnias foram agrupados para impedir possíveis rebeliões, o que possibilitou a organização em rituais religiosos, onde conseguiam unificar suas identidades e com isso sentir-se mais “em casa”. Conforme Pereira (2008), no Rio Grande do Sul, o sistema religioso de matriz africana e predominante é o Batuque do Rio Grande do Sul.

2.5 A INFLUÊNCIA DA CULTURA AFRICANA NA CULTURA BRASILEIRA

De acordo com Claro (2012), a cultura africana trouxe igualmente influências significativas à arte ao redor do mundo, como observado nas manifestações de Picasso, que seduzido pela “magia” da cultura africana marcou um novo período sobre a Arte Moderna Ocidental. Para a autora (CLARO, 2012 p. 139), essas influências a grandes nomes das artes plásticas e observadas no início do século XX,

[...] mudariam os rumos da arte ocidental. Picasso diria mais tarde que, através da arte africana, ele havia compreendido seu propósito como pintor: não era apenas o de entreter com imagens decorativas, mas ser mediador entre a realidade percebida e a criatividade da mente humana; ‘exorcizar’ o medo do desconhecido através da criação. Em 1907, depois de fazer centenas de esboços, Picasso, completa a tela *Les demoiselles d’Avignon*. O rompimento radical com os padrões artísticos do período que caracteriza a obra como marco de um novo estilo na Arte Moderna Ocidental.

A música popular brasileira carrega uma notória influência do elemento negro percebido e evidenciado num sentido nacionalista, Giba Giba¹⁸ (1998). Para o autor, “Qualquer um, facilmente, poderá senti-la. Mesmo porque, nas veias da maior parte do povo brasileiro, circulam gotas de sangue negro, daquele generoso sangue que era do pai João Escravo ou da mãe Negra, tão dócil e tão abnegada.” (ibid. p.51).

Na perspectiva de Gilberto Freyre (2006, p.367), a influência da cultura Africana no Brasil está, “[...] em tudo que é expressão sincera da vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de Mamar [...]”. De acordo com Fernandes (2005, p.379):

¹⁸ Gilberto Amaro do Nascimento (1940 – 2014).

Apesar desse fato incontestável de que somos, em virtude de nossa formação histórico-social, uma Nação multirracial e pluriétnica, de notável diversidade cultural, a escola brasileira ainda não aprendeu a conviver com essa realidade e, por conseguinte, não sabe trabalhar com as crianças e jovens dos estratos sociais mais pobres, constituídos, na sua grande maioria, de negros e mestiços. Nesse sentido, uma análise mais acurada da História das instituições educacionais em nosso país, por meio dos currículos, programas de ensino e livros didáticos mostra uma preponderância da cultura dita “superior e civilizada”, de matriz europeia.

Pereira (2012), evidencia que a Capoeira, criada e desenvolvida pelos escravos, é legitimamente brasileira. Concebida como divertimento para os dias de folgas dos escravos consiste em uma luta que aparentemente é uma dança.

O grafite também pode ser visto como um elemento de resistência por parte dos negros, já que eles não podiam manifestar seus feitos em salões de artes e suas lamentações, reivindicações, etc. Segundo a autora, no rap “[...] as marcas africanas também são evidentes [...] A contestação da ordem social e a denúncia da violência presentes nas letras desse gênero musical fazem parte de um movimento de valorização da negritude [...]”. (PEREIRA, 2012, p. 138).

Conforme a autora (2012), a culinária brasileira, da mesma forma que as demais áreas, teve significativa influência por parte da cultura africana. Essa feliz contribuição é notadamente observada nas baianas, que vendem seus quitutes regados a dendê e pimenta. O Rio Grande do Sul, assim como os outros estados do Brasil, se beneficiou de tais influências. Conforme Pereira (2012, p. 155), alguns pratos como,

[...] mocotó, quibebe, feijoada, quindim, doces em calda: de laranja azeda, de abóbora ou de figo; o acarajé e o vatapá, comidas elaboradas desde o período da escravidão ou que são tradicionais da religião de matriz africana. O alimento é sagrado, portanto, faz parte da cultura africana valorizar tudo o que se leva à boca. No ritual das religiões de matriz africana no Brasil o preparo dos alimentos é uma das principais atividades. A função tão importante é exercida por uma cozinheira – Yabássé – a mãe que cozinha o alimento, ou o cozinheiro – Asenjè-alasé – responsáveis pelo preparo das oferendas aos Orixás, ou frequentadores dos ilês ou casas de nação.

Esse cuidado no preparo dos alimentos vem do princípio de que os pratos destinados aos orixás carregam em si a energia, a força e o axé daquele ao qual foi ofertado. Com isso, “[...] o ato de cozinhar, para o afrodescendente, é, também, uma

forma de oração, a cozinha – Ilê-agéún – é um dos espaços mais importantes. ” (PEREIRA, 2012, p. 155).

Com isso, o presente capítulo salientou diferentes concepções sobre etno e etnia, cultura e Etnomatemática, contribuindo do mesmo modo para esclarecer os diferentes conceitos entre as escravidões ocorridas na África, Brasil e Rio Grande do Sul. A revisão bibliográfica apresentada auxilia, nesta pesquisa para o entendimento de diferentes perspectivas acerca da cultura afro-brasileira e sua influência na sociedade brasileira.

3 RELIGIOSIDADE

Considerando que este estudo não seja religioso ou teológico julgo ser importante abordar brevemente a história contida na literatura afro-gaúcha para que seja percebido melhor o assunto e o teor da pesquisa realizada. Em função disso, citei alguns aspectos ou rituais religiosos mesmo que superficialmente.

Vale ressaltar que muitas dessas informações advêm de minha vivência, saberes a mim passados de geração em geração, como um dos membros desse grupo.

Desse modo, parte do texto escrito abaixo é alicerçada em meus saberes em mais de 29 anos de convivência direta com esse tipo de cultura religiosa, sendo os termos específicos utilizados, de domínio público e comum dentro dos terreiros de Batuque do Sul do país. As pinturas dos Orixás que serão apresentadas no panorama sobre o Batuque do Rio Grande do Sul são de autoria da Artista Plástica Cláudia Krindges. Optei pelo fato da mesma reproduzir em suas pinturas os orixás do Batuque no Rio Grande do Sul.

3.1 O BATUQUE NO RIO GRANDE DO SUL

Segundo Passos (1999, p. 31), “[...] os negros africanos trouxeram o Africanismo para o Brasil quando os escravos na época do Império aportavam em nosso país”. Os africanos de uma maneira geral cultuavam seus orixás¹⁹ durante a noite, principalmente no período da madrugada. Dessa forma, podiam evitar possíveis castigos de seus escravizadores, que não reconheciam a religiosidade africana. Os negros, nessa época, não podiam rezar para outros santos que não fossem os da fé dos seus senhores. Precisaram adaptar seus rituais e suas crenças para que os mesmos sobrevivessem. De acordo com Pereira:

Já instalados depois de algum tempo nas fazendas de engenho, os negros, então escravos, cultuavam seus Deuses Orixás de forma sutil, era obrigatório a todo negro escravo servir ao seu dono como também cultivar sua crença religiosa. Os escravos promoviam rituais e festas nas senzalas para seus

¹⁹ Orixás são energias conscientes criadas por Olodumare (Deus) e, que se encontram vivificando a natureza. Entretanto, para alguns, os orixás são antepassados divinizados.

Orixás, cantando as rezas ao som dos tambores, porém dispendo as imagens dos santos católicos sobre os altares. (2008, p. 10).

Outra maneira encontrada por alguns escravos era de enrolar os ocutás²⁰ dos seus orixás em folhas de mamoneiro, depois enterrá-los e, em cima de cada um, colocar uma imagem católica para representar seu Orixá. Com isso conseguiam enganar seus escravizadores e rezar para seus santos²¹.

3.2 PANORAMA SOBRE OS ORIXÁS

Inicialmente, os lados do Batuque que foram fundados no Rio Grande do Sul eram seis: Oyo, Jeje, Cabinda, Ijexá, Moçambique e Nagô. Contudo, com o passar do tempo e também com o desaparecimento dos mais antigos, as nações começaram a se agrupar²² e atualmente é raro encontrar algum terreiro que cultue somente um lado religioso puro²³. É comum as mesclas de Batuque Jeje-Ijexá, Oyo-Ijexá e todas as combinações possíveis de lados, supracitados, com exceção do Nagô que está se extinguindo.

No Brasil, em particular para o Rio Grande do Sul, mais especificamente, se mantiveram ao todo 12 orixás, sejam eles: Bará; Ogum; Oiá; Xangô; Odé; Otim; Ossãe; Obá; Xapanã; Oxum Iemanjá; Oxalá. Esses Orixás se subdividem de acordo com suas classes²⁴. Essa ordem pode ser alterada conforme a Nação religiosa havendo um consenso onde se iniciam os rituais com o Bará, terminando com Oxalá. Cada Orixá possui uma ou mais cores que os representam, números místicos, comidas específicas, partes do corpo humano que predominam e coreografias nas

²⁰Ocutás ou acutás são pedras de rio, cascalho para alguns, utilizadas para representar os Orixás em seus assentamentos.

²¹Dentro do Batuque gaúcho é comum chamar Orixá de santo. Para alguns babalorixás e ialorixás, esse costume vem dos escravos pelo sincretismo vindo com o catolicismo. Para outros é pelo fato de a energia dos Orixás ser tão pura, que pode ser comparada a de um santo católico.

²²É compreensível que esse fato de mesclas dentro do Batuque, esteja relacionado como uma preservação do culto, para que o mesmo não se acabe.

²³Entendemos como puro os lados religiosos que não se misturaram com outros lados.

²⁴Citamos como exemplo de classe de Orixá, o Orixá Bará, que se desdobra em: Bará Lodê, Bará Lanã, Bará Adague e Bará Ajelú.

danças, dias da semana, horas específicas, toques de tambor, axós²⁵, saudações e oríns²⁶. Os oríns e saudações são feitos no dialeto lorubá²⁷.

O Batuque do Rio Grande do Sul embora cultue em sua maioria os mesmos orixás, apontam algumas divergências em relação à ordem de culto. A Nação de Igexá, por exemplo, tem como ordem dos orixás a seguinte: Bará; Ogum; Iansã (Oiá); Xangô; Odé e Otim; Ossãe; Xapanã; Obá; Oxum; Iemanjá; Oxalá. Em alguns terreiros, Obá vem antes de Xapanã ou mesmo Ossãe.

Quanto ao Xangô Aganjú de Ibeji²⁸ e a Oxum Panda de Ibeje, são cultuados antes de Xangô ou antes de Oxum. A ordem da Nação de Cabinda é próxima do Igexá, com poucas diferenças. Diferenciam-se mais por cultuar Elegbará²⁹, Xangô Kamuka³⁰, Azina, em algumas cabindas e o culto aos Eguns ser bem evidente, antes e depois dos rituais.

A ordem da Nação Oyó é diferenciada, se comparada a Cabinda e ao Igexá, por trazer Oiá antes de Oxalá. Esse fato se dá em virtude de Oiá ser considerada rainha dessa Nação. De modo geral, as nações de Jeje e Cabinda seguem o Panteão Igexá. Exemplo disso são os Jejes não cultuarem Voduns, mas orixás. O mesmo acontece na Nação de Cabinda que, mesmo de origem Bantu, cultua orixás e não Inkices.

3.3 FALANDO EM ORIXÁS

Nesta seção apresento algumas características e curiosidades acerca dos 12 orixás cultuados no Batuque do Rio Grande do Sul. Optei em manter ilustrações sobre os mesmos, para que leigos possam compreender melhor algumas características sobre os orixás cultuados.

²⁵ Axós são as roupas utilizadas durante os rituais religiosos.

²⁶ Oríns são os cantos. Que por sua vez são direcionados aos orixás.

²⁷ É preciso entender também que houve uma mistura considerável de povos de várias etnias nas senzalas e esses, por sua vez, falavam dialetos africanos.

²⁸ Ibeji significa Gêmeo.

²⁹ Também chamado de Legba ou, simplesmente Leba.

³⁰ Considerado rei dessa Nação.

Orixá Bará

O Orixá Bará, ou Exu, é o primeiro Orixá a ser cultuado. Dono das chaves, do mercado, do movimento, das encruzilhadas e também da fecundidade. Tem como número representativo o 7 e seus múltiplos. Dependendo de sua qualidade³¹ responde em locais diversos como encruzilhadas, estradas, beira de praia, etc. Dentre suas qualidades destacam-se principalmente, Exu Lodê, Exu Lanã, Exu Adague e Exu Ajelú. Seu dia é segunda feira e sexta-feira para Bará Ajelú. Sua cor é o vermelho. Sua saudação é Alupo. É sincretizado com Santo Antônio e São Pedro. Abaixo, na Figura 1, Orixá Bará.

Figura 1 - Orixá Bará



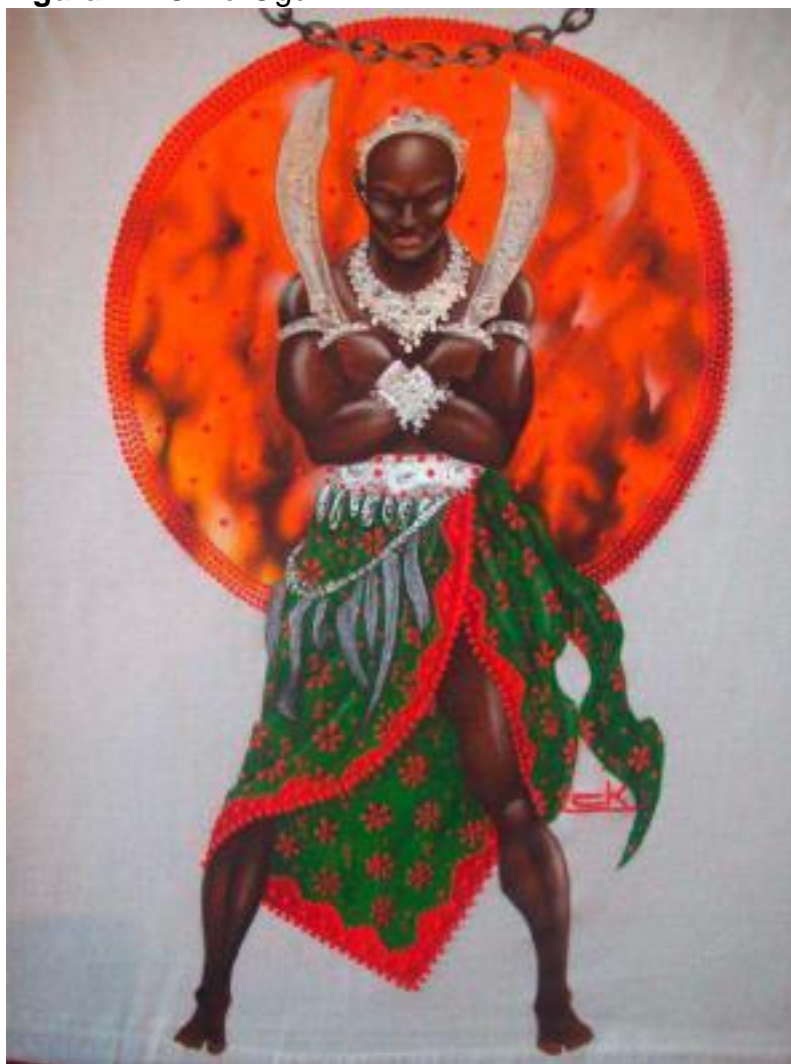
Fonte: Cláudia Krindges

³¹ Qualidade nesse sentido é utilizado como sinônimo de classe de Orixá. São desdobramentos que cada Orixá pode ter. Por ex.: Orixá Bará. Qualidades: Bará Lodê; Bará Lanã; Bará Adague e Bará Ajelú. Cada qualidade de Orixá possui rituais próprios e lugares onde receberão suas respectivas oferendas.

Orixá Ogum

Ogum, Orixá da agricultura e do ferro, conhecido como ferreiro. Dono da faca, é o responsável por armar e fornecer todas as ferramentas para os demais Orixás. Dependendo de sua qualidade responde nas encruzilhadas, no mato, nas estradas ou na praia. Tem como número representativo o 7 e seus múltiplos. Dentre suas qualidades destaque: Ogum Avagã, Ogum Onira, Ogum Olobedé e Ogum Adiolá. Seus dias são segunda e quinta-feira. Sua cor é o vermelho, o verde, e o azul escuro e vermelho para Adiolá. Sua saudação é Ogunhê e é sincretizado com São Jorge e São Paulo, como pode ser percebido na Figura 2.

Figura 2 – Orixá Ogum



Fonte: Cláudia Krindges

Orixá Oiá

Oiá, Orixá dos ventos, dos raios e tempestades. Guerreira, tem como número representativo o nove e seus múltiplos; e também o 7 e seus múltiplos. Atua em todos os campos envolvendo a sexualidade. Dependendo de sua qualidade responde nas encruzilhadas, no cemitério, no mato e, em alguns casos, próximo à praia. Dentre suas qualidades destacamos: Oiá Timboá, Oiá Niké, Oiá Bomi, Oiá Funiké e Iansã. Sua cor é o vermelho e branco; seus dias são segunda e terça-feira. Sua saudação é Epaieio e é sincretizada com santa Bárbara. Na Figura 3, a representação do orixá Oiá, no Batuque.

Figura 3 – Orixá Oiá



Fonte: Cláudia Krindges

Orixá Xangô

Xangô, Orixá do equilíbrio, da justiça, das Leis, da intelectualidade. Dono das pedras, tem como símbolos o machado de dois gumes e a balança. Domina os trovões e o fogo. Considerado Rei em todas as nações. Dependendo de sua qualidade responde no mato, em pedreiras, cachoeiras ou em algumas vezes, na beira da praia. Dentre suas qualidades destaco: Xangô Aganjú e Xangô Agodô. Seu dia é terça-feira e sua cor é o branco e o vermelho. Seu número é 6 e seus múltiplos ou 12 e seus múltiplos. Sua saudação é Kao kabiesilê. É sincretizado com São João Batista, São Gerônimo e São Miguel Arcanjo. Abaixo, na Figura 4, Orixá Xangô.

Figura 4 – Orixá Xangô



Fonte: Cláudia Krindges

Orixá Odé

Odé, Orixá da caça, da alimentação, da fartura, protetor dos caçadores. Seu símbolo é o arco e flecha. Junto com Otim forma o casal perfeito da Nação, uma vez que nunca se separam. Seu número é 7 e seus múltiplos; em alguns casos 8 e seus múltiplos. Responde no mato e, às vezes, na praia por ser filho de Iemanjá. Sua cor é o azul escuro e o branco. Seu dia é sexta-feira. Sua saudação é Okebamo e é sincretizado com São Sebastião. Na Figura 5, Orixá Odé.

Figura 5 – Orixá Odé



Fonte: Cláudia Krindges

Orixá Otim

Otim, Orixá da caça, fartura, alimento e união. Otim, na Nação Ijexá, é uma criação de Olorum. Ilusão de Odé. Por isso, nessa Nação, esse Orixá não pode ter filhos consagrados. Seu número é 7 e seus múltiplos; em alguns casos 8 e seus múltiplos. Responde no mato e às vezes na praia, por ser filha de Iemanjá. Sua cor é o azul escuro e o azul claro. Seu dia é sexta-feira. Sua saudação é Okebamo e é sincretizada com Santa Efigênia. Na Figura 6, Orixá Otim.

Figura 6 – Orixá Otim

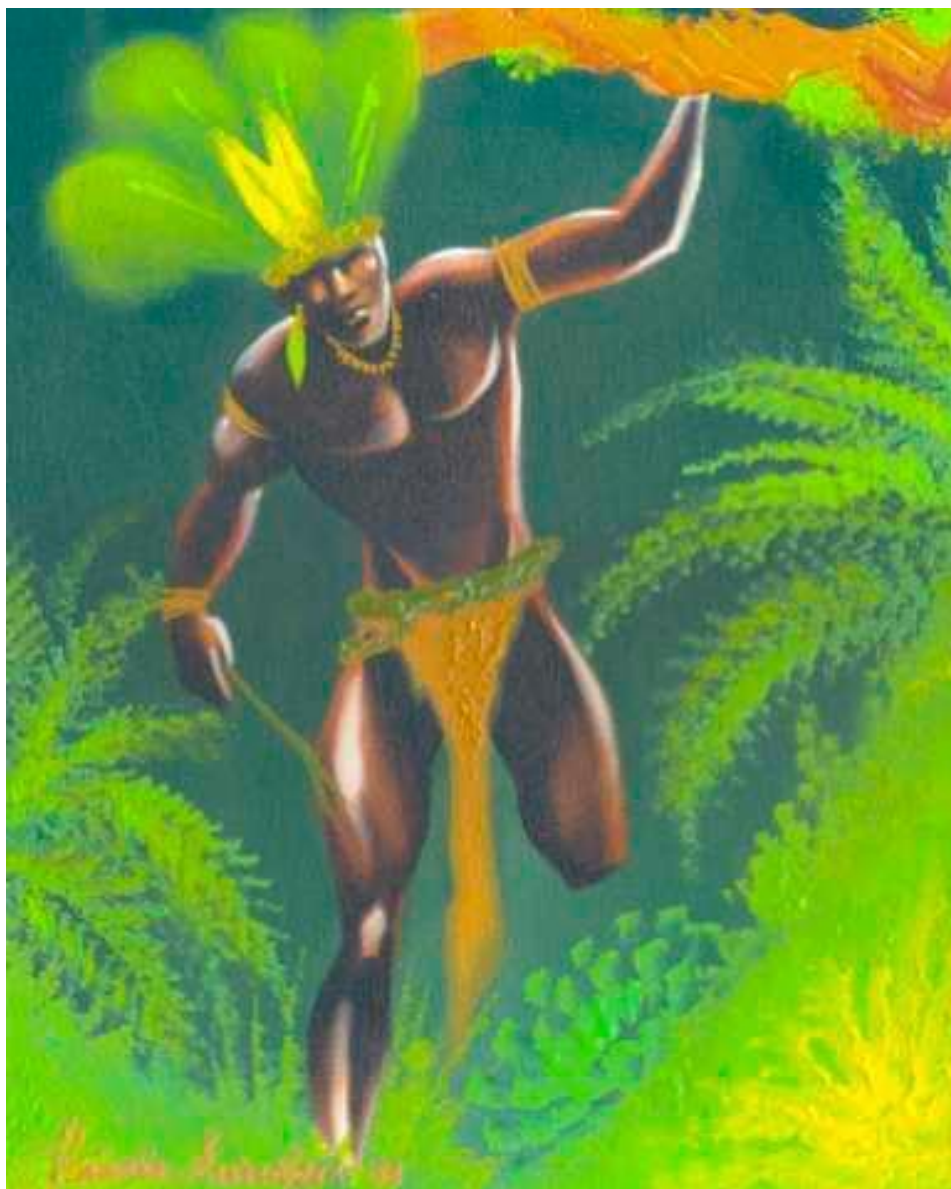


Fonte: Cláudia Krindges

Orixá Ossãe

Ossãe, Orixá considerado médico da Nação. É a ele que recorremos em casos envolvendo doenças. Protetor dos aleijados, pois só tem uma perna. Suas estátuas assim são representadas. Dono das folhas e de todas as ervas medicinais. Seus símbolos são as folhas e a muleta. Atua no mato, seu dia é segunda-feira e seu número é o 7 e seus múltiplos. Sua cor é o verde e branco. Sua saudação é eu eu assa. É sincretizado com São Cristovão. Na Figura 7, Orixá Ossãe.

Figura 7 – Orixá Ossãe

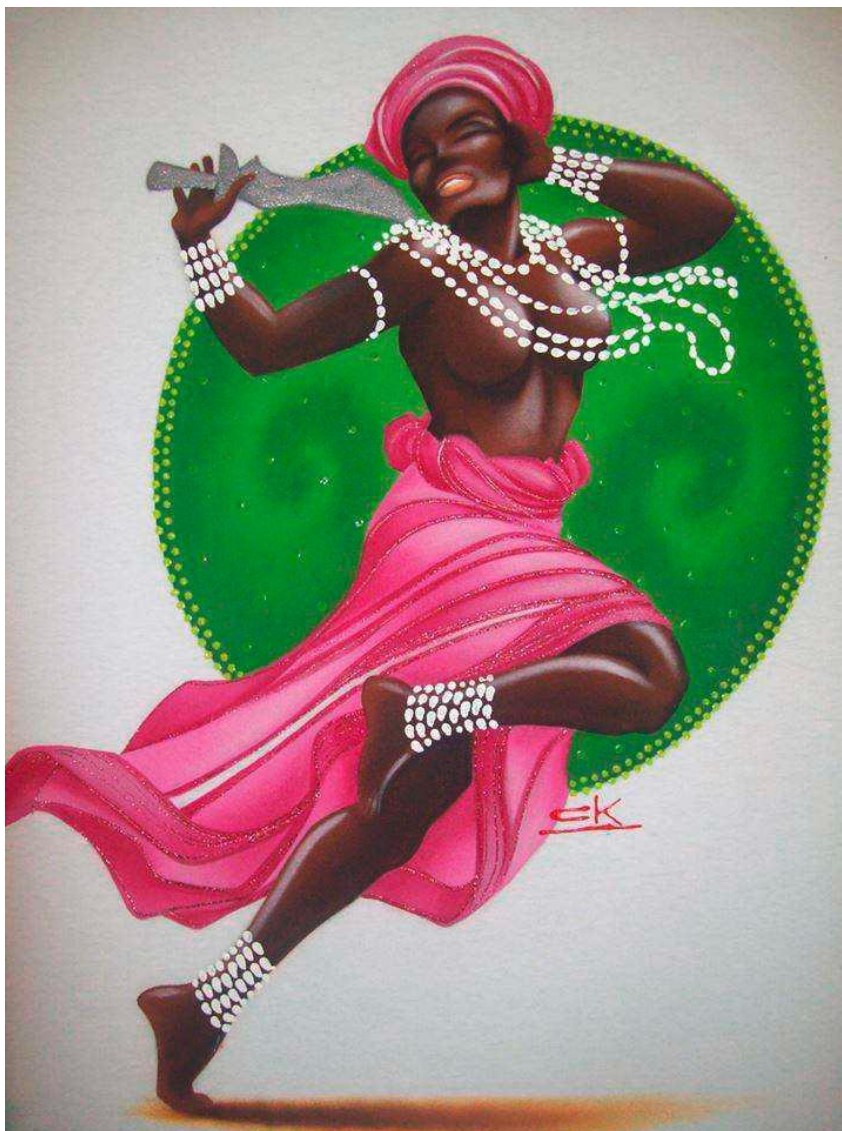


Fonte: Cláudia Krindges

Orixá Obá

Obá, Orixá guerreira, tem por símbolo a navalha e também o facão. Não possui uma das orelhas, por tê-la colocado num amalá para Xangô. Possui poucos filhos iniciados. Sua cor é o rosa. Seu número é 7 e seus múltiplos e seu dia é a segunda-feira. Responde em estradas, em alguns casos na encruzilhada e também no mato. Nos cultos africanos Obá tem ligações diretas com Eguns sendo que existe um culto específico onde somente mulheres podem participar. Sua saudação é Exó e é sincretizada com Santa Catarina. Na Figura 8, Orixá Obá.

Figura 8 – Orixá Obá



Fonte: Cláudia Krindges

Orixá Xapanã

Xapanã é o Orixá da varíola e domina as doenças de um modo geral. Dependendo de sua qualidade responde no cemitério, mato e em alguns casos, na beira da praia. Dentre suas qualidades destaco: Xapanã Sapatá, Xapaná Belujá e Xapaná Jubiteí. Seu dia é quarta-feira e sua cor é o lilás e também o vermelho e preto. Seu número é o 7 e seus múltiplos e, em alguns casos, o 9 e seus múltiplos. Sua saudação é Abao e é sincretizado com São Lázaro, São Roque e com Jesus no calvário. Na Figura 9, Orixá Xapanã.

Figura 9 – Orixá Xapanã

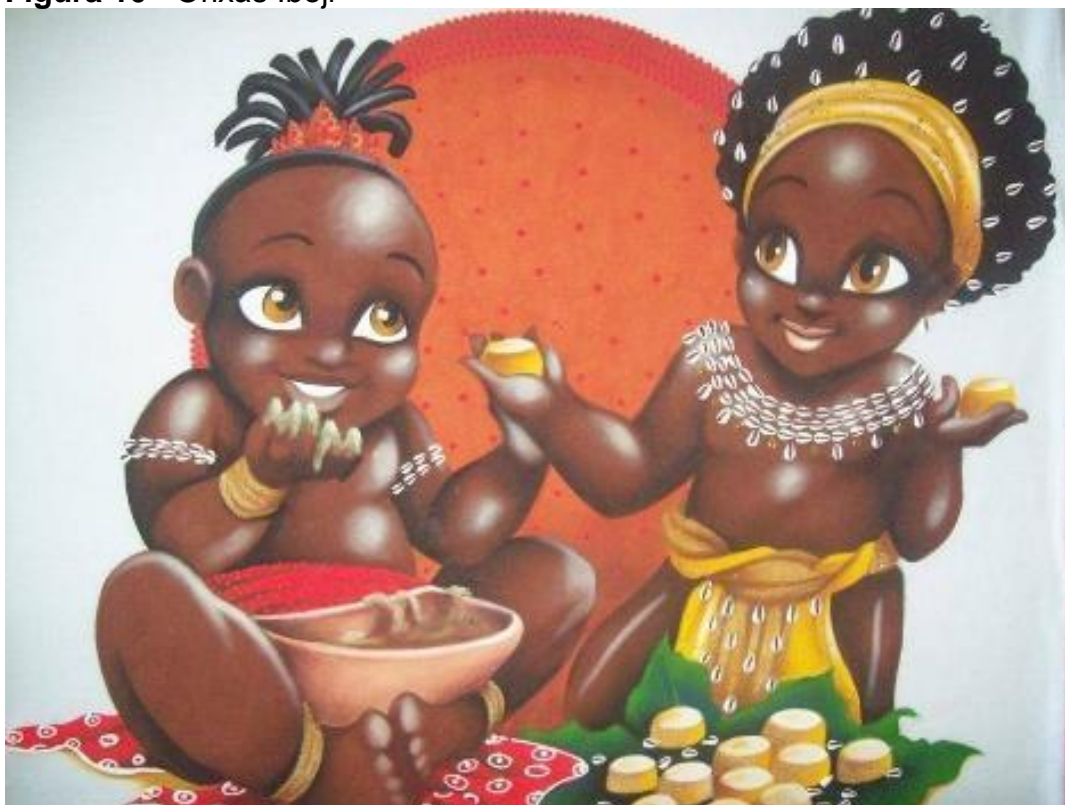


Fonte: Cláudia Krindges

Orixás Ibeji

Os orixás Ibejis, no Batuque Igexá, são representados por Xangô Aganjú Ibeji e Oxum Pandá Ibeji. São gêmeos e representam o nascimento e renascimento de tudo. Na Figura 10, orixás Ibeji.

Figura 10 - Orixás Ibeji

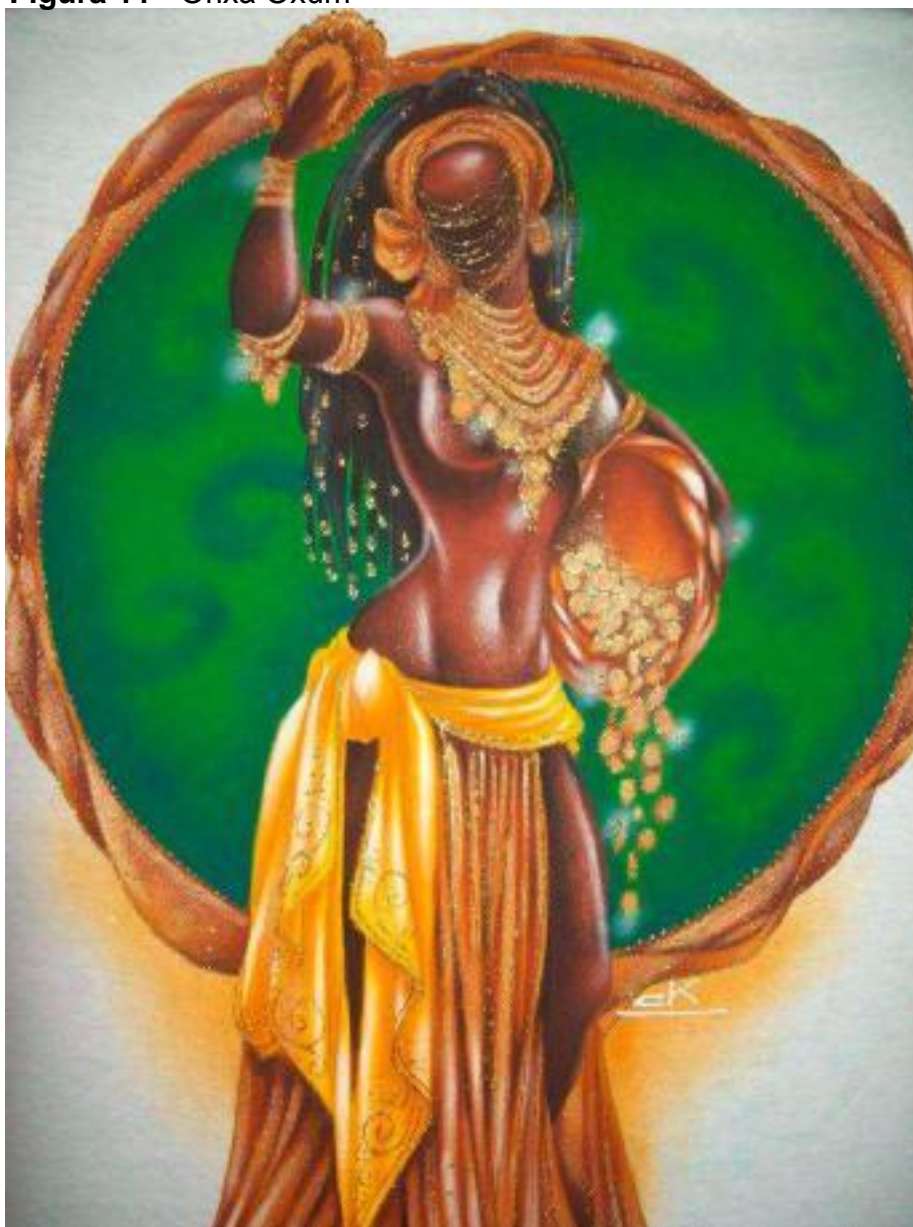


Fonte: Cláudia Krindges

Orixá Oxum

Oxum, Orixá da água (principalmente doce), da feminilidade, vaidade e fertilidade. Têm por símbolos o espelho, o leque e o ouro. Apresenta-se em três formas: Pandá, a jovem, Demum, meia idade e Docô, a velha. Seu número é o 8 e seus múltiplos. Seu dia é sábado. Suas cores são o amarelo claro e o amarelo ouro. Sua saudação é oraieiuo e é sincretizada com Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora de Fátima. Na Figura 11, Orixá Oxum.

Figura 11 - Orixá Oxum



Fonte: Cláudia Krindges

Orixá Iemanjá

Iemanjá, mãe de todos os orixás, protetora dos pescadores e marinheiros. Responde na água (principalmente no mar). Têm como símbolos a âncora, o peixe e o barco. Apresenta-se em duas formas: A nova, Iemanjá Bocí e a velha, Iemanjá Bomí e Também Iemanjá Nanã Burukú. Seu número é o 8 e seus múltiplos. Seu dia é sexta-feira, sua cor é o azul. Sua saudação é Omido e é sincretizada com Nossa Senhora dos Navegantes. Na Figura 12, Orixá Iemanjá.

Figura 12 - Orixá Iemanjá



Fonte: Cláudia Krindges

Orixá Oxalá

Oxalá, pai de todos os outros orixás. Orixá do branco, da paz e sabedoria. É o último Orixá cultuado em todas as nações. Responde na água. Seus símbolos são os olhos, o bastão e o pombo. Seu número é o 8 e seus múltiplos, o 16 e seus múltiplos e também o 32 e seus múltiplos. Seu dia é domingo e quarta-feira. Dentre suas qualidades destaco: Oxalá Bokun; Oxalá Dakun; Oxalá Olokun; Oxalá Jobokun e Oxalá Orumilaia. Sua saudação é Epaô e é sincretizado com Jesus Cristo e com a Pomba do Divino Espírito Santo. Na Figura 13, Orixá Oxalá.

Figura 13 - Orixá Oxalá



Fonte: Cláudia Krindges

É importante ressaltar que foram generalizados alguns dados de acordo com a Nação Igexá. Existem alguns terreiros que cultuam de forma diferente, acrescentando ou retirando alguns orixás e características citadas acima. Isso ocorre ou pelo fundamento da bacia³² ou pela miscigenação com outras nações.

3.4 DANÇAS, VESTIMENTAS E COMIDAS

No Batuque existem danças coreografadas para cada Orixá. Quando é formada a roda de Batuque e são entoados os cantos, os membros da bacia religiosa e convidados dançam para homenageá-los. Cada dança é coreografada de acordo com características marcantes dos orixás. Exemplo disso é a dança para Bará onde são feitos movimentos com o corpo e como se portassem uma chave, balançando o polegar. Nas danças de Ogum são feitos movimentos representando a espada batendo na bigorna e assim por diante.

Na maioria das vezes, os orixás ocupam³³ alguns filhos e por meio de suas danças, contam suas histórias. Durante as danças é proibido o uso de qualquer tipo de calçado e, de preferência, que não sejam utilizadas meias. As vestimentas utilizadas nos rituais de Nação são conhecidas como axós. São roupas confeccionadas a partir das cores dos orixás. Exemplo disso, são os axós de Oxum, onde se predomina o amarelo. Nos axós de Iemanjá, o azul. Nos axós de Oxalá, o branco. Independentemente de o filho ser de Orixá feminino ou vice-versa, o homem deve utilizar calça e a mulher saia.

Isso demonstra que qualquer preconceito que por ventura aconteça, parte das pessoas e não da Religião. Quanto ao critério dos axós, varia de Ilê para Ilê, enquanto alguns padronizam as vestimentas outros deixam a critério do filho a escolha. O mesmo vale para as guias³⁴ utilizadas, que variam de acordo com o fundamento observado.

Dentro do Batuque gaúcho algumas vezes são realizados rituais de sacralização. Por ser uma religião milenar provinda dos antigos caçadores africanos,

³²Entenda-se por bacia, o terreiro do Babalorixá no qual o adepto está filiado.

³³Ocupar é o termo utilizado por praticantes do Batuque, para designar a incorporação do Orixá em seu filho.

³⁴São colares feitos de miçangas. Confeccionados a partir dos números e cores dos orixás.

essa tradição é mantida como fundamento. O achoro³⁵ é utilizado para fortificar o Orixá, o couro dos quadrúpedes para a fabricação dos tambores e a carne para alimentar a comunidade batuqueira, inclusive sendo distribuído, caso sobre, para pessoas carentes ou entidades beneficentes.

As religiões africanas praticadas no Brasil, em especial o Batuque do Rio Grande do Sul, têm particular preocupação em alimentar o seu povo. Dessa forma, se mantém como a única ou uma das poucas religiões existentes, em que as pessoas são alimentadas durante todo o tempo em que permanecerem no terreiro, do início ao fim dos rituais. Vale ressaltar que alguns duram semanas. A esse respeito, Silveira afirma que os banquetes são obrigatórios e que os mesmos estão abertos a todas as pessoas que quiserem comer,

[...] de fato chega-se a distribuir bandejinhas aos participantes que estão indo embora, no final da festa, para que não sobre nada. Este ato se chama 'mercado', o que nos lembra o conceito yorùbá de mercado e a forma de devolução dos tributos cobrados pelo rei, nos banquetes cerimoniais coletivos. Um fator importante que assinalamos é que para prepararem seus pratos típicos no Brasil, foram necessárias adaptações ao novo meio, aproveitando os ingredientes que estavam disponíveis nas regiões em que estavam locados. Daí a diferença entre a culinária afro-brasileira de Salvador, por exemplo, e a de Porto Alegre. (2014, p. 70).

Durante os rituais é proibido que qualquer membro da casa de religião consuma bebidas alcoólicas antes ou durante os cerimoniais. O mesmo vale para cigarros. Não apenas o Batuque do Rio Grande do Sul, mas todas as religiões afro-brasileiras cultuadas em solo brasileiro, aceitam prontamente homossexuais como filhos de religião. As religiões afro-brasileiras não possuem preconceito ou mesmo discriminação quanto à cor, nível social ou opção sexual. Isso explica o grande número de homossexuais dentro dos ilês.

3.5 ILÚ

Ilú, instrumento de percussão utilizado para chamar os orixás. As nações africanas cultuadas no Rio Grande do Sul utilizam-se de (bi)membranófonos³⁶, que

³⁵ Achoro significa sangue.

³⁶ Membranófonos são instrumentos musicais de percussão, cilíndricos, cuja a extremidade é tapada com couro. Um exemplo é o bumbo leguero.

normalmente são produzidos com couros de cabritos utilizados nos rituais. O tocador de tambor é conhecido como Onilú, Ogã-ilú, Alabê ou simplesmente tamboreiro. O mesmo é responsável pelo toque e pelo canto que chamarão os orixás a responderem durante uma obrigação ou para homenageá-los.

Para ser o responsável pela percussão do terreiro, o Alabê precisa conhecer os orins, bem como as pancadas³⁷ utilizadas para cada Orixá. Existem mais de 32 tipos de pancadas de tambor no Batuque do Rio Grande do Sul. O toque de tambor no Batuque tem fundamental importância para a comunicação com os orixás, por isso precisa ser harmônico, haja visto que os oríns podem ser entendidos como cantos e orações. Sobre a musicalidade Pereira (2008, p. 44), afirma que:

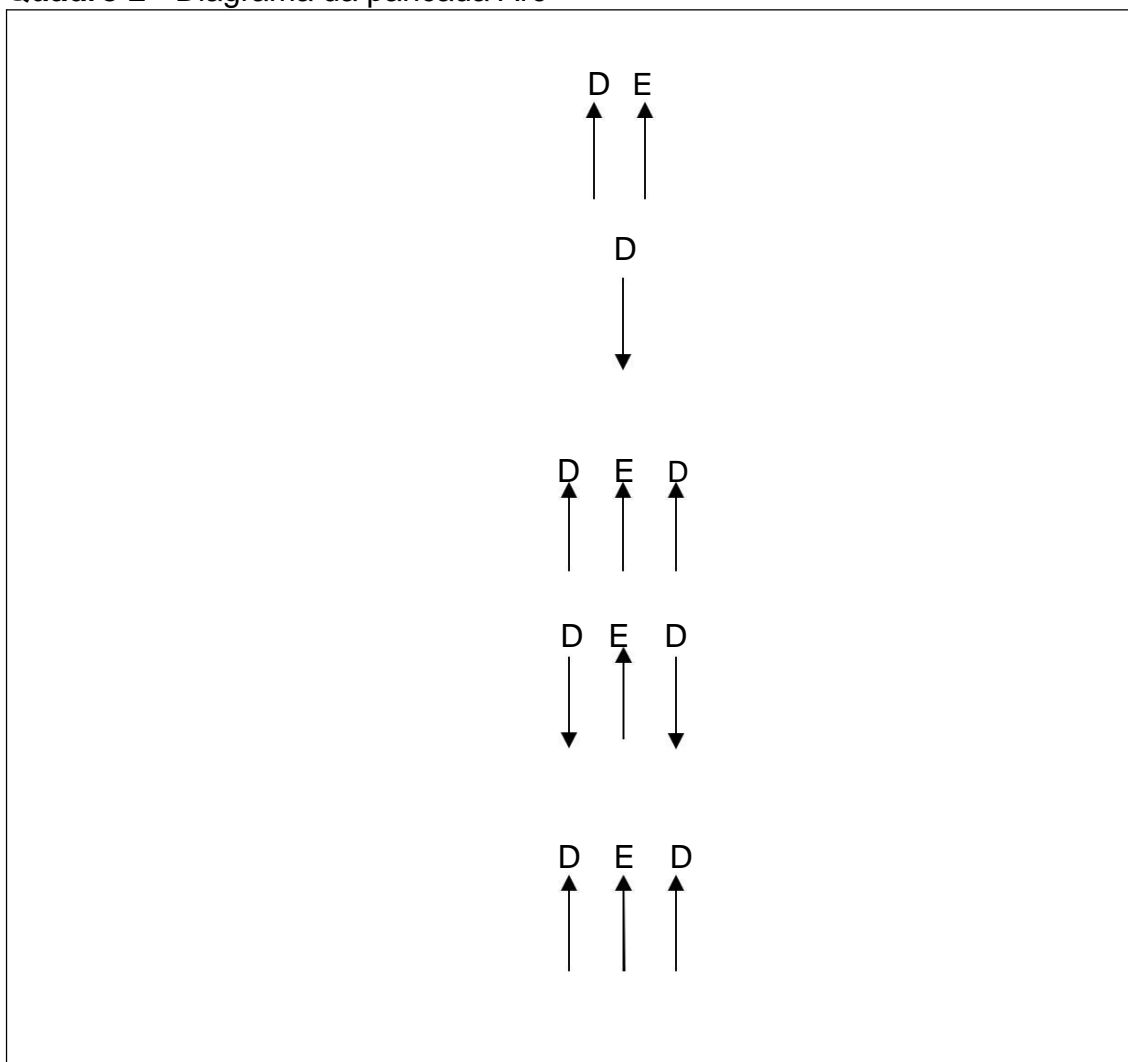
A música exprime em todos os planos superiores a difusão de energia, através do ar no plano terrestre, essas energias são convertidas em frequências que atingem as faixas vibratórias correspondentes as dos Orixás, são variantes de notas musicais associadas às rezas e ladainhas cantadas, verdadeiros mantras que se fundem aos pensamentos dos seres humanos geradores de energia ativa. O tambor dentro dos rituais tem a finalidade de determinar o ritmo das obrigações, é o polarizador da atmosfera em qualquer ambiente, podendo ser em um Batuque onde se celebra a alegria e a vida, como poderá ser nos rituais de despedida e morte.

Antigamente, no Batuque Jeje puro existiam tambores menores e estes eram tocados com aguidavís³⁸. Depois de entoarem alguns oríns, os mesmos eram guardados. Então se pegavam os tambores grandes para serem batidos somente com as mãos. Nos dias de hoje estão desaparecendo as casas que ainda tocam com os aguidavís, ato bastante comum no Candomblé.

No quadro 2, apresento o modelo de pancada, do toque Aré, um dos mais simples dentro do conjunto de ritmos. Os toques de tambor são compostos por um complexo conjunto de movimentos que devem ser executados com harmonia, durante qualquer ritual do culto aos orixás. Entenda-se por **D**: bater com a mão direita; e por **E**: bater com a mão esquerda. As setas para cima indicam que deve ser batido no centro do tambor. As setas para baixo indicam que deve ser batido na borda do tambor.

³⁷Os toques de tambor são chamados também de pancadas.

³⁸Aguidavís são varas com aproximadamente 20 cm de comprimento feitas principalmente de galhos de araçá, podendo ser de marmeleiro.

Quadro 2 - Diagrama da pancada Aré

Fonte: elaborado pelo autor (2016)

O bom Alabê deve dominar os orins para os eguns nos rituais de desligamento e quando são feitas homenagens aos mesmos. Alguns dos toques utilizados no Batuque são: Aré; Jeje; Odan; Copanijé; Aguerê; Adarun; Greffê. Cada toque desses segue um complexo movimento de pancadas no Ilú que variam de velocidade, de acordo com o ritual.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo são detalhados os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste estudo.

4.1 MÉTODO DE PESQUISA

Para dar conta do objetivo desta pesquisa optei por uma abordagem essencialmente qualitativa, de cunho etnográfico-cultural. Esse tipo de abordagem foi escolhido a partir da necessidade de valorizar os saberes e conhecimentos tácitos dos participantes de pesquisa envolvidos, assim como “[...] os fenômenos no próprio contexto em que ocorrem.” (MORAES, 2006, p. 14). No entanto, alguns dados quantitativos serão apresentados durante o estudo.

Para Silva e Menezes (2000, p. 20), na abordagem qualitativa existe uma relação, “[...] dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito [...]. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo”. Conforme Bicudo (2011), o qualitativo de uma pesquisa informa que se está buscando trabalhar as qualidades dos dados a serem analisados.

Corroborando essa ideia, Stake (2011) afirma que é comum as pessoas terem como premissa a pesquisa qualitativa como marca registrada. Uma descrição rica acerca das ações pessoais e ambientes. Contudo, embora esse modo de pensar não esteja errado, a pesquisa qualitativa é conhecida igualmente pela integralidade de seu pensamento. Conforme o autor:

Não existe uma única forma de pensamento qualitativo, mas uma enorme coleção de formas: ele é interpretativo, baseado em experiências, situacional e humanístico. Cada pesquisador fará isso de maneira diferente, mas quase todos trabalharão muito na interpretação. Eles tentarão transformar parte da História em termos experienciais. Eles mostrarão a complexidade do histórico e tratarão os indivíduos como únicos, mesmo que de modos parecidos com outros indivíduos. (STAKE, 2011, p. 41).

Para Severino (2007), é interessante que o pesquisador tenha a liberdade da linguagem para definir se a sua pesquisa será de caráter qualitativo ou quantitativo. O ideal é que utilize o termo abordagem qualitativa ou abordagem quantitativa para se

referir aos métodos. Além disso é, “[...] preferível falar-se de *abordagem quantitativa*, de *abordagem qualitativa*, pois, com estas designações, cabe referir-se a conjuntos de metodologias envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas.” (2007 p.119).

Ao considerar que esta pesquisa pretende analisar os saberes etnomatemáticos de um determinado grupo cultural torna-se adequado uma pesquisa de cunho etnográfico-cultural. A palavra etnografia, segundo o dicionário Houaiss, “[...] é o estudo descritivo das sociedades humanas.” (HOUAISS, 2004, p. 320). A abordagem etnográfica-cultural, segundo Laplantine, “[...] consiste na aceitação incondicional da realidade tal como ela aparece. ”. (2004, p.87). Assim, esse tipo de pesquisa pretende compreender diferentes realidades construídas por distintos grupos culturais.

4.2 PARTICIPANTES DE PESQUISA

A amostra escolhida para esta investigação foi composta por 4 babalorixás, com mais de 20 anos dedicados ao Batuque do Rio Grande do Sul. Todos do sexo masculino. O primeiro participante com 85 anos de idade e 65 anos de Religião. O segundo participante com 49 anos de idade e 42 anos de Religião. O terceiro participante com 44 anos de idade e 38 anos de Religião. O quarto participante com 66 anos de idade e 52 anos de Religião.

A resolução Nº 466³⁹, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, defere importantes recomendações para pesquisas envolvendo seres humanos, ponderando o respeito, proteção e dignidade humana. Diante disso, cada participante de pesquisa assinou um termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B) garantindo seu anonimato.

4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para que os objetivos desta pesquisa fossem atingidos realizei entrevistas semiestruturadas e observações durante alguns rituais religiosos.

³⁹ Disponível em: < <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>.

4.3.1 A entrevista

A intenção de uma entrevista numa pesquisa é de coletar dados que não são possíveis somente por meio de observações e pesquisas bibliográficas. Para Haguette (1997, p. 86), a entrevista é um “[...] processos de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado.”.

Do mesmo modo, os questionamentos precisam seguir uma ordem lógica para que o entrevistado sinta fluência em sua linha de pensamento (LAKATOS, 1996). Realizei entrevistas com 4 membros antigos do Batuque do Rio Grande do Sul, com alguns questionamentos dirigidos. Segundo Ribeiro, a entrevista é:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores. (2008 p.141).

A entrevista para a coleta de dados foi semiestruturada, combinando perguntas abertas e fechadas possibilitando ao entrevistado discorrer sobre o assunto. A gravação de áudio durante as entrevistas foi utilizada para que fossem assegurados que todos os dados das entrevistas não sofressem alterações, além de poderem ser consultados durante as análises de dados.

4.3.2 As observações

Realizei observações antes, durante e após os rituais religiosos no Ilê do Bábá⁴⁰. Conforme Alvarez (1991, p.560), a observação é o “[...] único instrumento de pesquisa e coleta de dados que permite informar o que ocorre de verdade, na situação real, de fato.”. Trata-se, para Marconi e Lakatos (2003, p. 190), de uma técnica de “[...] coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e

⁴⁰ Cada participante de pesquisa a partir daqui será tratado como Bábá 1 ao invés de participante 1 e assim por diante, quando individualmente. O termo Bábá em Iorubá significa pai. E é um diminutivo da palavra Bábáloriṣhà.

ouvir, mas, em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”. Além disso, para Barros e Lehfeld (2000, p.53):

A observação como uma das técnicas de coleta de dados imprescindível em toda pesquisa científica. Observar significa aplicar atentamente o sentido a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e preciso. Da observação do cotidiano formulam-se problemas que merecem estudo. A observação constitui-se, portanto, a base das investigações científicas.

As observações contribuem para a percepção de fenômenos sanando, dessa forma, possíveis dúvidas decorrentes da aplicação das entrevistas.

4.4 MÉTODO DE ANÁLISE

Analisei os dados coletados durante a pesquisa por meio da Análise Textual Discursiva. Vale ressaltar que o objetivo dessa pesquisa não é esgotar o assunto nem trazer uma verdade absoluta. Por se tratar de uma Análise Textual Discursiva, se fossem outros pesquisadores os resultados seriam diferentes, uma vez que cada pesquisador direciona a análise de acordo com seus interesses de pesquisa.

Segundo Moraes e Galiuzzi: “A análise textual discursiva corresponde a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos.”. (2011, p. 7).

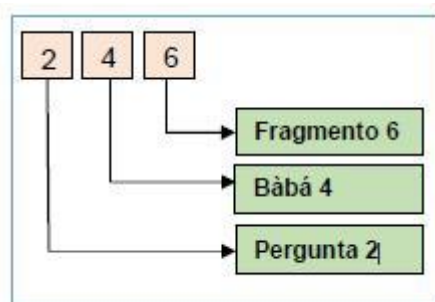
A primeira etapa do processo foi a unitarização. Todas as respostas foram coletadas em um único arquivo. Iniciei a unitarização, a partir das ideias encontradas em cada frase, fragmentando-as. O que se concretizou por meio de uma ou mais leituras para a compreensão de cada ideia. Para Moraes e Galiuzzi: “Com essa fragmentação ou desconstrução pretende-se conseguir perceber os sentidos dos textos em diferentes limites dos seus pormenores, ainda que se saiba que um limite final e absoluto nunca é atingido.”. (2011, p.18).

A codificação foi um processo que consistiu em atribuir códigos combinando números, para que fosse possível localizar a ideia original com maior rapidez no arquivo, caso necessário. A segunda parte do processo de Unitarização foi reescrever cada unidade fragmentada e codificada na primeira parte do processo, para que as mesmas assumissem significados próprios, da maneira mais completa possível. A

terceira parte do processo de Unitarização foi atribuir um título para cada unidade assim produzida, que representasse a ideia central da unidade.

Moraes e Galiazzi (2011) afirmam que: “No processo de Unitarização é preciso ter sempre presentes os objetivos do estudo que está sendo conduzido, os quais servirão de referência para os recortes dos textos.”. (2011, p.51). Assim, ainda nessa fase, foram elaborados quadros para diferenciar um excerto de outro. Utilizei uma representação do tipo **x.y.z** para cada fragmento. Onde **x** é o número referente a pergunta; **y** é o número referente ao participante e **z** é o número referente ao fragmento, conforme quadro 3.

Quadro 3 - Exemplo de fragmentação



Fonte: elaborado pelo autor (2016)

Posteriormente, iniciei a segunda etapa da Análise Textual Discursiva que consistiu no processo de categorização. Neste estudo, optei por utilizar as categorizações *a priori*. Para Moraes e Galiazzi (2011, p.25), as categorias *a priori*, “[...] correspondem a construções que o pesquisador elabora antes de realizar a análise propriamente dita dos dados. Provêm das teorias em que fundamenta o trabalho e são obtidas por métodos dedutivos. ”.

Na etapa de categorização as ideias que foram fragmentadas, codificadas e reescritas foram dispostas em um quadro. Nesse quadro, para cada excerto realizei uma descrição do pesquisador e uma unidade de significado. A partir disso surgiram subcategorias emergentes que foram agrupadas de acordo com as 3 categorias *a priori*: **Geração dos saberes; Organização dos saberes; Difusão dos saberes.** Para explicitar essa execução segue parte desse processo no Quadro 4.

Quadro 4 - Exemplo do processo de categorização realizada com as respostas dos bábás 1 e 2 à segunda pergunta

Pergunta 2: Qual a importância de se manter os números nas comidas dos Orixás?				
Código/excertos	Descrição do Pesquisador	Unidades de significado	Subcategorias emergentes	Categorias a priori
2.1.1 - Exemplo: Bará, 7 balas de mel, tu não pode colocar 6 ou 8 porque ele não vai responder.	Se o número do Orixá for modificado numa oferenda, o mesmo não irá responder como desejado.	Os adeptos do Batuque devem respeitar a numeração que cada Orixá traz consigo.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
2.1.2 - Às vezes temos os múltiplos e submúltiplos mas é fundamental na religião se manter os números.	É essencial que os números sejam mantidos no Batuque, mesmo que sejam submúltiplos ou múltiplos.	Os múltiplos e submúltiplos devem ser mantidos nos rituais do Batuque.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números.	Organização dos saberes
2.2.1 - Os números dentro da religião africana na maioria das vezes se referem aos Axés dos Orixás, aos Axés da casa ou templo religioso, aos Axés dos filhos de santos etc.	Os números estão presentes em diferentes ritos, dentro do Batuque.	Nos mais variados campos do Batuque, podem ser encontrados os números.	A importância da matemática para o Batuque.	Geração dos saberes
2.2.2 - Esses números, (Axés) são de tão suma importância, que devem ser respeitados em tudo que se for realizar aos Orixás, até na hora de cobrar por um Axé, ou seja, (valor cobrado por um trabalho ou ritual realizado pelo Babalorixá ou lalorixá responsável pela casa ou templo religioso).	Os números são tão importantes dentro do Batuque, que são levados em conta inclusive nos valores arrecadados pelos ilês em obrigações.	Existe uma regra estabelecida em relação a arrecadação monetária nas obrigações.	Os diferentes usos dos números no Batuque.	Difusão dos saberes
2.2.3 - Ex.: se a pessoa que for realizar o trabalho pertencer ao Orixá Bará, ela cobrará um valor que tenha o numero 7, se for do Orixá Xangô cobrará um valor que tenha o numero 6, se for de Oxum cobrará um valor que tenha o numero 8, e assim sucessivamente.	Os valores monetários são cobrados de acordo com os múltiplos pertencentes ao Orixá que comandou a obrigação.	As mesmas devem ser de acordo com os múltiplos do Orixá dono da casa.	Os diferentes usos dos números no Batuque.	Difusão dos saberes

Fonte: elaborado pelo autor (2016)

Na terceira etapa da Análise Textual Discursiva separei as 3 categorias *a priori* e, a partir das subcategorias emergentes e unidades de significação, estruturei os argumentos para a análise dos dados. Conforme Moraes e Galiuzzi (2011, p.124), “A descrição visa a apresentar elementos importantes do objeto de pesquisa. Para esse fim utiliza-se das categorias e subcategorias da análise, tendendo a permanecer num âmbito concreto dos fenômenos [...] com a realidade empírica.”.

Para Moraes e Galiuzzi (2011, p.135), “Um bom texto precisa expor as convicções e teses de seu autor. [...] o pesquisador, ao assumir-se autor do que produz, exerce seu poder de sujeito competente, capaz de opinião própria e apto a intervir nos discursos em que se envolve.”. Durante as análises é importante salientar que os participantes de pesquisa foram trazidos para dialogar e fundamentar teoricamente as análises.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresento a análise realizada acerca de todas as perguntas feitas durante as entrevistas (Apêndice A).

Antes de iniciar o processo de fragmentação estabeleceram-se 3 categorias *a priori*: **Geração dos saberes**; **Organização dos saberes**; **Difusão dos saberes**.

Como mencionado anteriormente, tal categorização adveio da definição do Programa Etnomatemática feita por D'Ambrosio.

Nesse sentido, entende-se por **Geração dos saberes** a origem, de onde surgiram, quem detinha esses saberes e quem os explicou. Além disso, como foram convencionados em relação às implicações dos números no Batuque do Rio Grande do Sul. Durante as categorizações surgiram duas subcategorias emergentes: *existência de convenções realizadas pelos precursores da religião*; *a importância da matemática para o Batuque*.

A **Organização dos saberes** é vista no sentido da estruturação de um determinado saber. Diz respeito a tudo o que, com o passar do tempo, foi feito para organizar esses conhecimentos, incluindo as suas modificações e aprimoramentos. Assim, considere nessa categoria a estruturação dos saberes sobre o Batuque do Rio Grande do Sul e as novas convenções e adaptações necessárias para a sobrevivência do culto. Desse modo emergiram cinco subcategorias: *estabelecimento de regras acerca do uso dos números*; *algumas implicações dos números relacionadas ao jogo de búzios*; *as comidas dos orixás e as formas geométricas*; *normas estabelecidas em obrigações religiosas*; *a importância dos números para o Batuque*.

Em relação à **Difusão dos saberes** considera-se sua propagação, todas as ações que procuraram e procuram divulgar o Batuque do Rio Grande do Sul, com o intuito de que a sociedade e a comunidade batuqueira conheçam essa Religião. Com essas perspectivas encontrei quatro subcategorias emergentes: *os diferentes usos dos números no Batuque*; *crenças relacionadas aos números*; *os números representam os Axés dos Orixás*; *as transmissões de conhecimentos*.

Para facilitar a visualização das frequências de cada subcategoria emergente, elaborou-se o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Frequência de cada subcategoria emergente

Fonte: elaborado pelo autor (2016)

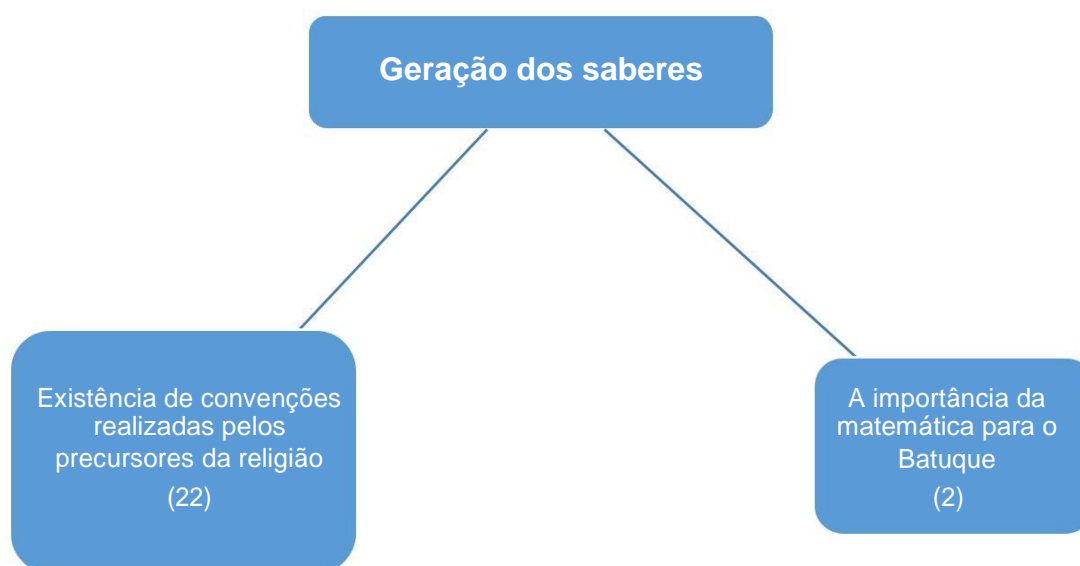
Para apresentar a análise realizada optei pelo detalhamento de cada uma das categorias *a priori*.

5.1 GERAÇÃO DOS SABERES

Na categoria *a priori*, **Geração dos saberes** duas subcategorias emergiram: *existência de convenções realizadas pelos precursores da religião; a importância da*

matemática para o Batuque. Para facilitar a visualização das frequências das subcategorias emergentes, o Esquema 1 foi elaborado.

Esquema 1- Frequências das subcategorias emergentes na primeira categoria *a priori*



Fonte: elaborado pelo autor (2016)

As subcategorias emergiram a partir da significação dada aos ditos dos participantes de pesquisa.

5.1.1 Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião

Na primeira subcategoria, *Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião*, os participantes de pesquisa assinalam determinadas regras que devem ser cumpridas pelos adeptos do Batuque do Rio Grande do Sul em relação às implicações dos números. Dentre elas destaco a relação número-orixá, a qual não pode sofrer alterações, como afirmado pelo Bábá 1, em sua fala: “*Cada Orixá tem um número, e tu não pode desviar desse número*”.

Cada Orixá pertencente ao panteão africano, de acordo com o culto do Batuque do Rio Grande do Sul, é representado por um ou mais números. Por exemplo, o Orixá Bará tem o número 7 como seu representante. Todos os participantes de pesquisa concordam com essa atribuição ao Orixá. Destacam também que esse número deve ser respeitado nos casos das oferendas.

Eles utilizam uma numeração comum e convencionada de acordo com a Nação a qual pertencem. Entretanto, essa convenção pode sofrer variações dentro do Batuque, de acordo com cada Bacia religiosa. Isso ocorre em rituais particulares que convergem em alguns casos e divergem em outros.

Pelas falas dos participantes de pesquisa, compreende-se uma organização acerca de múltiplos numéricos atribuídos às representações dos orixás, como mencionado pelo Bábá 3: “*Os múltiplos dos Orixás Bará Lodê, Ogum Avagã, Iansã Dirã e Timboá, é só até 21, não passa disso, é 7, 14, 21, acabou aí o número deles. Por que acima disso vai passar para orixás, Odé, Ossãe, Xapanã, e assim por diante.*”.

Abaixo, no Quadro 5, observam-se algumas semelhanças e diferenças em relação aos números pertencentes aos orixás, de acordo com a bacia religiosa de cada um e sua utilização efetiva em rituais específicos.

Quadro 5 – Convergências e divergências em relação aos números dos orixás

Orixás	Ilê do Bábá 1	Ilê do Bábá 2	Ilê do Bábá 3	Ilê do Bábá 4
Bará	7	7	7	7
Ogum	10	7	7	7
Oiá	6	7	9	7 ou 9
Xangô	12	6	12	6 ou 12
Ibeji	24	6	24	6 ou 8
Odé	14	8	10	8
Otim	-	8	10	8
Obá	18	7	9	7
Ossãe	14	7	7	7
Xapanã	9	7	9	7 ou 9
Oxum	8	8	5	8
Iemanjá	16	8	8	8
Oxalá	32	8	10	8

Fonte: elaborado pelo autor (2016)

Alguns orixás, conforme afirma o Bábá 3, são representados por números de outros orixás devido a compromissos assumidos com os mesmos. Como, por exemplo, o Orixá Oxum que, na casa religiosa desse Bábá, tem por número atribuído o 5. Entretanto, utiliza o número 8 devido à Iemanjá, como pode ser percebido no seguinte excerto: “*Oxum porque botaram o número 8 pra ela, porque a Oxum foi um orixá que foi muito perseguida por exu e Ogum, foi a maneira que a Iemanjá encontrou para salvar ela desses orixás.*” (Bábá 5). O mesmo ocorre com o Orixá Oxalá que é

representado pelo número 8, por dever obrigação a Iemanjá. Para todos os entrevistados, o número 9 é relacionado a eguns e só deve ser utilizado em algumas obrigações específicas.

No Batuque do Rio Grande do Sul os batuqueiros utilizam guias de acordo com o Orixá ao qual pertence. Um exemplo disso é a guia imperial do Orixá Xangô, que pode ter 6 ou 12 pernas. Essas guias obedecem a normas específicas de tamanhos e quantidades de fios que farão voltas em torno do pescoço da pessoa. Na Figura 14, um exemplo de guia imperial de Xangô com 6 voltas.

Figura 14 - Guia imperial de Xangô



Fonte: imagem capturada pelo autor (2016)

Alguns orixás do Batuque do Rio Grande do Sul recebem o opeté⁴¹ em determinados rituais. Cada opeté destinado aos orixás, obedece uma determinada forma geométrica. O do Orixá Bará, por exemplo, é moldado com batata inglesa amassada com as mãos e disposto em forma de pirâmide, conforme relata o Bábá 2, *“Feito da batata inglês cozida, descascadas, amassada em purê, e com as mãos moldamos uma pirâmide, e junto podemos acender três velas em forma de triângulo.”*. Embora o Bábá 2 tenha se referido ao opeté do Orixá Bará ter a forma de uma

⁴¹ Opeté, apeté ou, simplesmente peté, é uma comida ritual composta de batata inglesa amassada e moldada de acordo com o pedido, ou, obedecendo a forma geométrica correspondente ao Orixá que receberá a oferenda.

pirâmide, o mesmo possui a forma que lembra um cone geométrico, como mostra a Figura 15.

Figura 15 - Opeté do Orixá Bará



Fonte: imagem capturada pelo autor (2016)

Para o Bábá 1, o opeté do Orixá Bará é em forma de porongo. Algumas variações do Orixá Bará podem ter um opeté diferenciado. O opeté de Bará Lanã, para o Bábá 3, é bicudo e achatado embaixo: *“Bará Lana que a gente faz de vez em quando 7 opetés pequenos em cima bem bicudinho e bem achatadinho embaixo, opetés pequenos, digamos assim, 5 ou 6 cm de altura, são 7 opetés, que é para Bará Lanã.”* Para o Bábá 3 e Bábá 4, o opeté do Orixá Ogum tem a forma de uma ferradura⁴².

⁴² Tanto o Bábá 3, quanto o Bábá 4, afirmam que a forma de ferradura é devido ao animal, cavalo, pertencer ao Orixá Ogum. Simbolizando dessa forma a força do animal em consonância com a força do Orixá.

Todos concordam que o opeté do Orixá Oiá deve ser em forma de esfera e feito de batata doce: *“Também para o Oiá a gente usa redondo a forma geométrica fundamental fora esses detalhes, é círculo redondo que é a forma perfeita.”* (Bàbá 1); *“Para o Orixá Iansã podemos fazer igual trocando a batata inglesa por batata doce e moldando uma bola.”* (Bàbá 2); *“Depois tem um opeté para Iansã, que é feito com a batata doce bem cozida com casca, e que ele não é bicudo ele é redondo ele é uma bola, tu faz uma bola e depois tu dá uma achatadinha nele mal mal para que ele não fique oval [...]”.* (Bàbá 3). Nas figuras, 16, 17, 18 e 19 são explicitados alguns tipos de opetés utilizados no Batuque do Rio Grande do Sul.

Figura 16 – Opeté para saúde



Fonte: imagem capturada pelo autor (2016)

Figura 17 – Opeté de Oiá



Fonte: imagem capturada pelo autor (2016)

Figura 18 – Opeté de Ossãe

Fonte: imagem capturada pelo autor (2016)

Figura 19 – Opeté para saúde

Fonte: imagem capturada pelo autor (2016)

Outro Orixá que recebe opetés em suas oferendas é Ossãe. Pode ser moldado em formato de pé, ou pode ter a forma de um cone por remeter, segundo o Bábá 1, ao formato de um monte⁴³ africano: “O opeté em forma de cone para Ossãe, é porque o Ossãe seria médico, Orixá das folhas também, e isso aí tem quando ele sobe no monte Greimi e desce depois pra mata, então isso é um significado.”. Além disso, o Bábá 1 afirma que o Orixá Ossãe é considerado médico e dono das folhas.

5.1.2 A importância da matemática para o Batuque

A segunda subcategoria, *A importância da matemática para o Batuque*, emergiu durante as entrevistas devido aos participantes afirmarem que em diferentes ocasiões a Matemática está presente também nos rituais.

⁴³ O nome do monte, citado pelo Bábá 1, foi escrito conforme o que foi pronunciado.

Assim como ocorre na confecção de guias, o número e as formas geométricas estão presentes na organização de festas, valores atribuídos à arrecadação monetária dos ilês, organização acerca dos dias da semana, tempo de resguardo em obrigações religiosas e em oferendas para os orixás. Entretanto, a Matemática utilizada no Batuque do Rio Grande do Sul não faz parte do ensino formal, nas escolas. Os batuqueiros obtêm esses saberes matemáticos naturalmente, por meio da prática religiosa. Diante disso, é compreensível a terminologia que adotam, nomeando, algumas vezes, de modo diferenciado alguns elementos matemáticos. Exemplo disso, mencionar opeté de Bará em vez de cone, ou opeté de Oiá em vez de esfera.

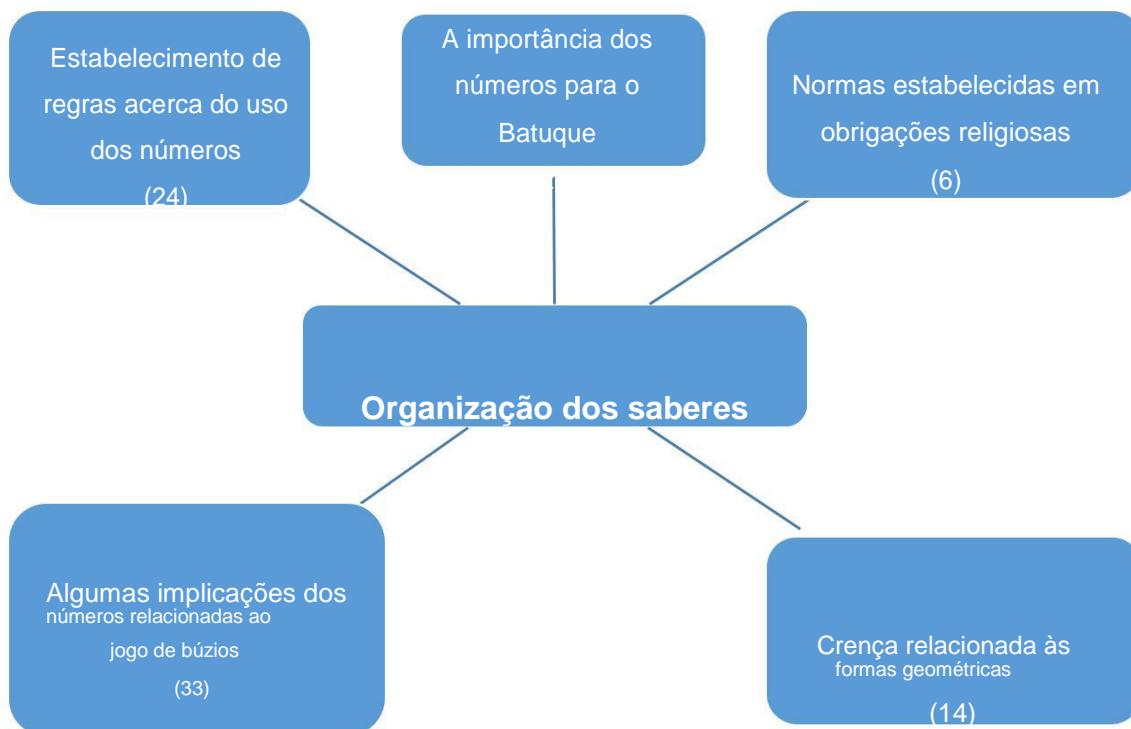
É sabido que muitos adeptos do Batuque do Rio Grande do Sul possuem baixa ou nenhuma escolarização, assim como os precursores da Nação dos orixás, os quais eram, como mencionado anteriormente, há séculos, escravos.

5.2 ORGANIZAÇÃO DOS SABERES

Ao verificar os excertos que estavam relacionados à segunda categoria *a priori*, **Organização dos saberes**, elaborei unidades de significado que apontaram para 5 subcategorias emergentes: *estabelecimento de regras acerca do uso dos números; algumas implicações dos números relacionadas ao jogo de búzios; crença relacionada às formas geométricas; normas estabelecidas em obrigações religiosas; a importância dos números para o Batuque.*

A frequência de cada subcategoria está expressa no esquema 2.

Esquema 2: Frequências das subcategorias emergentes na segunda categoria *a priori*



Fonte: elaborado pelo autor (2016)

Tais subcategorias emergiram a partir dos significados dado as entrevistas dos participantes de pesquisa.

5.2.1 Estabelecimento de regras acerca do uso dos números

Entre os excertos que implicaram na emergência da primeira subcategoria, *Estabelecimento de regras acerca do uso dos números*, estão aqueles nos quais os participantes de pesquisa concordam acerca da existência de cálculos específicos que precisam ser seguidos para que os rituais obtenham o resultado esperado. Isso se evidencia na fala do Bábá 1: “Às vezes temos os múltiplos e submúltiplos, mas é fundamental na religião se manter os números.”. Além disso, o Bábá 1 afirma que se o número do Orixá for alterado em uma oferenda, o mesmo não irá responder como desejado.

A utilização dos múltiplos e submúltiplos numéricos nas oferendas dos orixás é permitida apenas em alguns casos. Por exemplo, quando o adepto não tenha condições financeiras de ofertar a quantidade determinada dos ingredientes para a

oferenda do Orixá em questão, poderá utilizar um submúltiplo desde que seja autorizado pelo Babalorixá ou Ialorixá. Por exemplo, ofertar 2 quindins a Oxum em vez de 8. Nesse caso, com a permissão do Babalorixá ou da Ialorixá, há a possibilidade de serem oferecidas 8, 4 ou 2 cocadas. Considera-se, conforme o relato do Bábá 1 que, ainda assim, os números desse Orixá estão sendo preservados:“

Muitas vezes as pessoas não têm condições de colocar 32 para Oxalá. Nossa Nação Oxalá come cocada, muitas vezes é difícil colocar 32 cocadas, então, tu pode colocar submúltiplos.”.

As guias seguem os padrões de ordem numérica utilizadas nas comidas ofertadas aos Orixás e são combinadas a partir das respectivas cores de cada um. A guia denominada delogun só pode ser utilizada por pessoas prontas⁴⁴, com Orixás assentados. A guia imperial é exclusiva para identificar um Orixá. Embora as duas guias possuam vários fios e só possam ser utilizadas por pessoas prontas, elas se diferem. A guia imperial só pode ser utilizada por babalorixás e ialorixás, pois são pessoas que possuem assentamentos de todos os Orixás. Nas figuras 20, 21 e 22, é possível perceber diferenças existentes entre a guia comum, a imperial e a delogun.

Figura 20 - guia comum



Figura 21 - guia imperial



Figura 22 - delogun



Fonte: imagens capturadas pelo autor (2016)

⁴⁴Uma pessoa é considerada pronta de cabeça, quando tem uma obrigação de animais quadrúpedes. Nessas ocasiões, a maioria aproveita para realizar o assentamento de seu Orixá.

A guia imperial, utilizada por quem joga búzios, tem 8 voltas de fios porque o número 8 é um submúltiplo de 32, número atribuído a Oxalá, de acordo com o Bábá 1. Somente é possível alterar os números dos Orixás para uma obrigação dos adeptos do Ilê, com a devida autorização, que é concedida mediante consulta nos búzios. Nesse sentido, percebe-se que a utilização de submúltiplos ou mesmo múltiplos numéricos para os Orixás devem sempre ser autorizadas pelo Babalorixá ou pela lalorixá.

Em diferentes rituais é possível perceber as implicações dos números e regras que devem ser cumpridas nas numerações dos Orixás. Em obrigações feitas pelos praticantes da Religião é necessário cumprir um tempo de resguardo. O número de dias de resguardo equivale ao número de cada Orixá. Para Oxalá, o Bábá 1, assinala que em obrigações de 4 pés é preciso 32 dias. Algumas pessoas não conseguem respeitar esse tempo estipulado devido principalmente ao trabalho, como citado na fala do Bábá 1: *“A gente às vezes atualmente é forçado a fugir desses detalhes porque como tu sabes a vida atual é muito agitada, o pessoal todo trabalha [...]”*.

Em casos específicos como esse, o filho precisa ficar pelo menos a metade do número de seu Orixá em sua obrigação, para que a mesma não seja prejudicada, como explica o Bábá 3: *“Um exemplo, vou fazer uma obrigação para um filho de Xangô. O ideal do filho é ficar pelo menos a metade do axé do Orixá dele, de obrigação de resguardo de guarnição para o Orixá.”*

Cada obrigação realizada aos Orixás implica em uma determinada quantidade de dias. Numa obrigação de 4 pés é exigido, no mínimo, 6 dias de disponibilidade do adepto. Esse tempo é referente aos dias que o mesmo permanecerá dentro do terreiro, em total isolamento. As obrigações grandes, onde são realizadas festas, podem durar de 14 a 36 dias dependendo do nível. Conforme salienta o Bábá 3: *“Na medida do possível até que se termine a obrigação vão levar de 21 a 36, é nessa média, nunca tu vai terminar uma obrigação com menos de 14 dias.”* Além disso, o Bábá 3 afirma que, por Ogum ser o dono da faca, as obrigações duram pelo menos 14 dias.

Nas obrigações de festas ocorre um ritual chamado balança⁴⁵. As balanças são realizadas de acordo com o Orixá em obrigação. A menor balança é de Lodê com 7

⁴⁵ Balança é o nome dado a um ritual em que há um julgamento feito pelo Orixá Xangô, Orixá da justiça. Esse julgamento é referente a tudo que o Babalorixá fez na obrigação julgada. São entoados orins

homens, conforme destaca o Bàbá 1: *“Se Odé ou Ossãe comendo, a balança pode ser com 14. Aqui quando na rua o Lodê recebe o 4 pés é feito uma roda especial com 7 homens que é só pra ele, e claro né que se tu ver uma roda de 4 pés com 12 está correta.”*

A cada Orixá é atribuído um dia da semana. Essa convenção facilita a organização do culto aos Orixás. Entretanto, não se sabe os porquês que levaram a essa configuração, mantida ainda nos dias de hoje. O Bàbá 3 e, o Bàbá 4, acreditam que possa existir uma relação dos números de cada Orixá com a escolha do dia da semana.

5.2.2 Algumas implicações dos números relacionadas ao jogo de búzios

O jogo de búzios é o meio de comunicação que os babalorixás e ialorixás utilizam para se comunicarem com os Orixás. Todas as previsões ou respostas a dúvidas relacionadas tanto no âmbito pessoal, quanto no religioso, são consultadas no oráculo sagrado pelos praticantes do Batuque do Rio Grande do Sul. Durante o jogo, os búzios podem cair abertos ou fechados: abertos possuem o furo que se faz na parte côncava e fechado é sua abertura natural. Os búzios, de acordo com Portugal Filho (2006, p.43),

[...] são pequenas conchas, cônicas, univalves, também conhecidas por Kauris ou caurim. São procedentes de moluscos gastrópodes que rastejam na água doce, no mar e na terra. No passado era usado como dinheiro em algumas regiões do oriente e plagas africanas. São serrados ao meio e a tendência posicional, quando lançados na mesa do jogo, é caírem abertos ou fechados.

A quantidade de búzios abertos e fechados está relacionada com as perguntas realizadas. Conforme o Bàbá 1: *“Na caída dos búzios como ele cai tantos abertos como fechados, existe uma relação com o que a gente quer saber.”* O Bàbá 1 ainda destaca que, independentemente da quantidade de búzios que o Babalorixá jogar, seja com 8, 16, ou 32 búzios, as respostas serão sempre as mesmas. Convém

específicos para esse Orixá e, somente as pessoas prontas podem participar. O Babalorixá deve ficar de fora, pois, o mesmo está sendo julgado.

salientar que após receber seu axé de búzios, a quantidade não pode ser aumentada, nem diminuída.

Em alguns casos existe uma variação em relação à interpretação do búzio positivo ser a abertura feita no cauri e negativo ser a abertura natural. Isso se dá ao fundamento repassado em cada Nação religiosa. Para o Bábá 2, a abertura natural é considerada positiva. Abaixo, na parte superior da imagem, é possível visualizar búzios com a fenda natural e ainda não abertos. Na parte inferior da imagem estão os búzios com a abertura realizada, manualmente, em sua parte côncava. Como mostra a Figura 23.

Figura 23 - Búzios fechados naturalmente e abertos



Fonte: imagem capturada pelo autor (2016)

A abertura feita manualmente nos búzios tem a finalidade de igualar as mesmas possibilidades durante uma caída. Ou seja, aberto ou fechado, como afirma Beniste (2014, p.110), “A face traseira, originalmente fechada, é aberta para propiciar o equilíbrio e a queda dos búzios em duas posições, aberto e fechado, com idênticas probabilidades.”.

No jogo de búzios está presente a relação número-orixá. Esses números estão relacionados com a numeração representativa de cada um. Para o Bábá 4, um búzio aberto e os demais fechados, responde Bará. O mesmo ocorre para o Bábá 1. Cabe salientar que o Bábá 4, joga 16 búzios e o Bábá 1, joga 8 búzios. O fato de o Orixá Bará responder com apenas 1 búzio aberto pode estar relacionado a ordem de primeiro dos Orixás.

Outra possibilidade é, por ser o número 7 o número atribuído ao Orixá, os 7 búzios que permanecem fechados em sua resposta estar de acordo com seu número místico. Para o Bábá 2, o Orixá Bará responde com a maioria dos búzios abertos. O

Bàbá 1 e o Bàbá 3, salientam que na hora de um jogo de búzios, é preciso estar atento a figuras geométricas que podem ser formadas durante as caídas.

No Ilê do Bàbá 1, se 4 búzios caírem fechados em forma de retângulo, durante o jogo, pode ser um indicativo de morte, *“Se caírem os 4 próximos mesmo com 32 em forma de retângulo, podem representar a morte.”*. O Bàbá 1, esclarece que essa forma específica é uma alusão a um caixão de defunto. Se 3 búzios caírem fechados, próximo a representação do Orixá Bará, no jogo, pode haver um significado de caminhos fechados, destaca o Bàbá 1. Percebe-se que possíveis cálculos probabilísticos utilizando apenas a Matemática para explicar as caídas do jogo de búzios, não são eficientes.

É preciso levar em consideração diferentes fatores como as figuras geométricas configuradas após as caídas. Também em qual Orixá o mesmo está respondendo. O Bàbá 3 destaca que, se ao jogar os búzios os mesmos formarem um arco, durante um jogo de orí, a pessoa pertence a um Orixá feminino. Se ao jogar os búzios os mesmos formar uma lança, durante o jogo de orí, a pessoa é de um Orixá masculino. O Bàbá 2, assinala que, *“[...] a confirmação de um Ori, tu joga no mínimo 12 vezes a caída do búzio, até ele confirmar e as vezes é preciso jogar mais do que isso”*.

Existe diferença de interpretação para se jogar orí e para perguntas diversas. O Bàbá 2, afirma que em sua Nação religiosa, existe uma determinada regra estabelecida para serem jogados os búzios. Os mesmos são determinados levando-se em consideração a Nação religiosa na qual pertence ou pertenceu o mesmo. De acordo com o Bàbá 2:

Eu sempre começo com Ogum, pergunto pra pai Ogum, jogo de novo pergunto pra Bará, porque a bandeira hoje é de Ogum, mas a primeira bandeira era de Bará. Primeiro jogo para pai Ogum porque a primeira bandeira já não existe mais, pergunto pra ele pra ele me guiar, daí ele me confirma na terceira jogada eu tenho que confirmar para pai Oxalá, ele vai me dar a resposta definitiva.

O Bàbá 4 observa ainda que na confecção de uma guia imperial para o jogo de búzios, a mesma possui um limite máximo de 32 gomos. Ou seja, 32 passagens de orixás.

5.2.3 Crença relacionada às formas geométricas

As formas geométricas influenciam de sobremaneira o culto aos orixás do Batuque do Rio Grande do Sul. Durante as entrevistas e também em observações, percebi a inexistência de formas geométricas com ângulos retos. Formas quadradas, ou retangulares não são utilizadas para os orixás. Afirma o Bábá 1. O Bábá 4, destaca que, “ *As formas geométricas nas obrigações dos Orixás são em sua maioria, redondas.*”

Outra variação geométrica observada é que dependendo do pedido, as comidas dos Orixás são moldadas, relacionadas a partes do corpo humano, a locais específicos da natureza e ferramentas ou armas pertencentes aos orixás.

Uma outra forma utilizada pelos adeptos do Batuque do Rio Grande do Sul são nos rituais onde se utilizam oferendas para os orixás. Nesse caso as formas geométricas equivalentes ao pedido que se deseja ser atendido. De acordo com o Bábá 3:

Eu acho que tudo isso aí, a forma geométrica de um opeté, por exemplo, tu vai fazer um opeté para Lodê, é de uma maneira, o Orixá responde num astro diferente. Tu vai fazer um opeté para um Lanã é diferente porque não é o mesmo Orixá. Apesar de ter o mesmo nome ele não é o mesmo Orixá, não vai te responder da mesma maneira, por isso a comida é diferenciada, a forma dos opetés tem que ter a diferença para que tu saiba pra quem tu estás fazendo.

As formas geométricas das comidas dos Orixás determinam as respostas e finalidades dos pedidos, pois cada Orixá tem suas particularidades em cada prato. O Bábá 1, evidencia que o Orixá Oxum é responsável por questões relacionadas ao amor, por isso suas comidas podem ser moldadas em forma de coração. Nesse sentido, entende-se que cada Orixá é responsável por uma parte do corpo humano e também cada um é responsável por questões de diferentes aspectos da vida.

Isso pode ser evidenciado, por exemplo, nas oferendas para abertura de caminhos. Nelas são utilizados opetés para o Orixá Bará, como pode ser percebido na fala do Bábá 2, “ *Quando queremos realizar um ritual ou oferenda com a finalidade de abrir caminhos para uma determinada pessoa ou para si mesmo, usamos um apeté para o Orixá Bará [...]*”. O Bábá 1, afirma que, “ *Pra Iemanjá poderia se moldar em*

forma de pera porque a pera é uma fruta da iemanjá, então a comida pode ser moldada assim.”

O Bábá 4 destaca que em todas as comidas que são entregues aos orixás, as formas geométricas devem ser sempre respeitadas. Nessa perspectiva, o uso da geometria nas obrigações dos orixás, possibilita que adeptos do Batuque do Rio Grande do Sul, continuem respeitando o sagrado e dessa forma prossigam suas obrigações religiosas.

5.2.4 Normas estabelecidas em obrigações religiosas

O Batuque do Rio Grande do Sul possui alguns rituais necessários para a manutenção do culto aos orixás. Essas obrigações, realizadas em tempos estabelecidos pelo Babalorixá ou Ialorixá, varia de Nação para Nação. Toda essa organização acerca das obrigações para os orixás, é estabelecida por meio dos números que cada Orixá é representado. Também podendo variar ou ser determinado, pelo número ao qual pertença o dono do Ilê.

O Bábá 3 evidencia que, *“No corte para Lodê e Avagã, os números primordiais que procuramos colocar, 4 homens e 3 mulheres, porque a gente tem lansã lá na frente, 7, ou diretamente 7 homens, nunca se colocando mais mulheres do que homens.”*. Algumas regras estabelecidas pela Nação do Bábá 3 permitem que mulheres possam participar dos rituais dos orixás de rua por terem também um Orixá feminino, dividindo o espaço com os outros orixás masculinos.

Nas obrigações religiosas onde são necessários os resguardos, os adeptos precisam se organizar para cumprir as regras nos ilês, que precisam ser respeitadas. Existe uma quantidade mínima de dias para que a mesma não seja prejudicada. No Ilê do Bábá 1: *“Quando tem obrigação nós respeitamos 8 dias nessa obrigação, eventualmente as pessoas tem que trabalhar, então vão trabalhar e voltam para o Ilê.”*

Mesmo que a pessoa trabalhe é preciso a mesma entender que precisa voltar ao Ilê para dormir e continuar cumprindo os números referentes aos orixás em obrigação. Entendo, com isso, que os orixás compreendem que nos dias de hoje, devido ao trabalho, não é possível ficar 7 dias de obrigação. Como pode ser percebido na fala do Bábá 3.

A pessoa trabalha, como ele vai ficar de obrigação 7 dias, a menos que o filho esteja de férias, então ele entra naquela conta. Um tem mais disponibilidade de tempo de horário, então o filho vai segurar a obrigação do outro, um faz 6 outro faz 4 e vai uns segurando a obrigação dos outros, então os Orixás vão sendo respeitados.

É possível perceber uma ligação forte do Orixá com o número ao qual o mesmo é representado. Segundo os entrevistados, é necessário que os números dos orixás não sejam modificados sem a permissão expressa do Babalorixá ou da lalorixá. Isso sendo respeitado, permite que as obrigações prossigam sem erros.

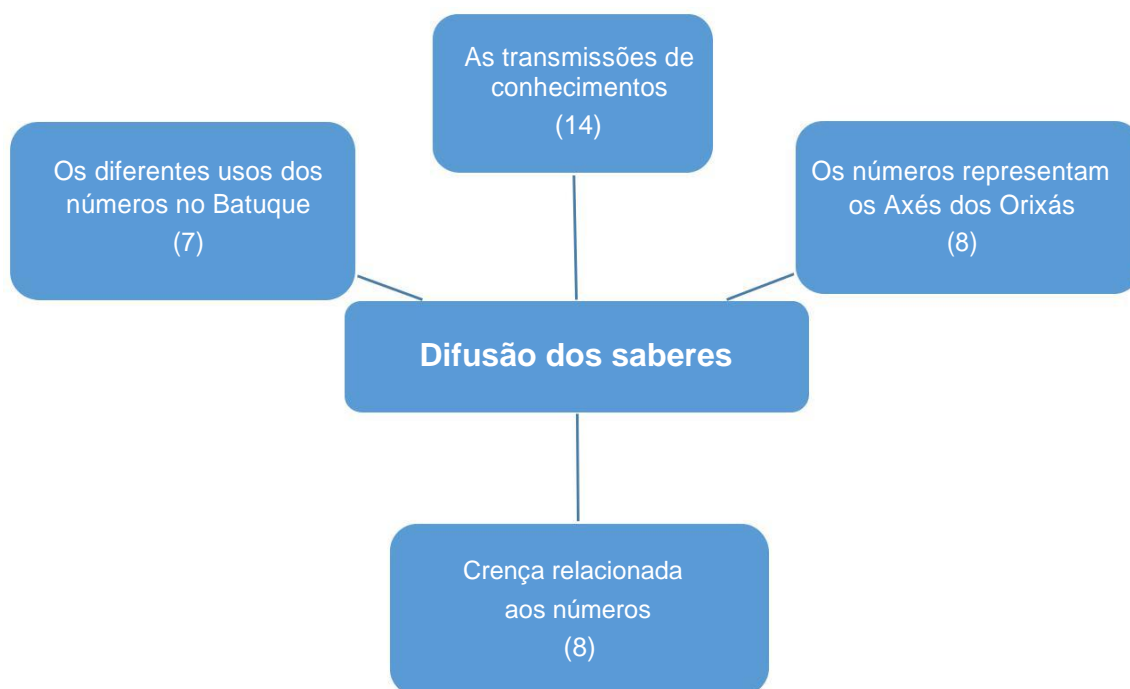
5.2.5 A importância dos números para o Batuque

Os rituais do Batuque do Rio Grande do Sul mantêm implicações com os números e esses por sua vez, estão presentes diferentes rituais religiosos. Como representam o sagrado, entendo que os números também são sagrados. Uma vez que têm o poder de representar cada Orixá e mantidos para que os pedidos sejam atendidos, para organizar melhor os rituais, determinar os valores cobrados, estipular o tempo de duração de uma obrigação, etc.

5.3 DIFUSÃO DOS SABERES

Na categoria *a priori*, **Difusão dos saberes**, quatro subcategorias emergiram: *os diferentes usos dos números no Batuque; crença relacionada aos números; os números representam os Axés dos Orixás; as transmissões de conhecimentos*. Para melhor visualizar as subcategorias emergentes elaborei o esquema 3.

Esquema 3: Frequências das subcategorias emergentes na terceira categoria *a priori*



Fonte: elaborado pelo autor (2016)

Essas subcategorias, como as anteriores, emergiram a partir da significação dada aos ditos dos participantes de pesquisa.

5.3.1 Os diferentes usos dos números no Batuque

Alguns orixás cultuados no Batuque do Rio Grande do Sul possuem os mesmos números. Em um quarto de santo, caso existam comidas ofertadas a eles, seria difícil identificar o Orixá ao qual elas se destinam, principalmente quando possuem a mesma numeração. Nesse caso, a diferença que se dá entre eles pela comida, já que cada Orixá possui particularidades que os distinguem dos demais. Algumas coincidências ocorrem nos rituais de música e dança, como por exemplo, nos toques de tambor. Embora alguns orixás possuam o mesmo toque, os cantos entoados e as danças rituais os diferenciam.

A importância dos números, segundo o Bábá 2, dentro do Batuque do Rio Grande do Sul é evidenciada inclusive nos valores arrecadados pelos ilês em obrigações. Para o Bábá 2:

Esses números, (Axés) são de tão suma importância, que devem ser respeitados em tudo que se for realizar aos Orixás, até na hora de cobrar por um Axé, ou seja, (valor cobrado por um trabalho ou ritual realizado pelo Babalorixá ou lalorixá responsável pela casa ou templo religioso).

Esses valores monetários são estabelecidos levando-se em conta o Orixá ao qual pertença o dono do Ilê, ou o Orixá que foi solicitado para realizar o pedido. Com isso, é possível prever possíveis valores a serem pagos por uma obrigação. Quanto maior for a obrigação a ser realizada, maior será o múltiplo numérico a ser cobrado, em reais.

Para o Bábá 1, a oferenda que o Orixá Bará recebe, “[...] comida, milho torrado, batata assada, bala de mel e opeté, é claro que tu vai identificar que é para o Bará, mas ele não está recebendo o necessário, a conta máxima dele é 7 e não deveria exceder esse número.”. As comidas do Orixá Bará, embora sejam o milho torrado, a batata assada, a bala de mel e, o opeté, devem estar de acordo com seu número para que a mesma tenha efeito. Os números que representam os orixás, influenciam a realização do pedido a ser alcançado.

O Bábá 1, destaca que é possível identificar, pelos números, se um presente é para determinado Orixá. Além disso, é possível perceber os múltiplos, submúltiplos e Orixá homenageado pelo tipo e qualidade da oferenda. O Bábá 2, assinala, que, “[...] podemos identificá-los nas oferendas dos Orixás que levarão alguns itens com seus respectivos números, (Axé), nas suas guias comuns e imperiais, no número de búzios correspondente aos Orixás etc.”. É possível compreender que os adeptos do Batuque do Rio Grande do Sul utilizam de diferentes formas os números para se guiarem e distinguirem os diferentes usos nos rituais religiosos. Ou seja, a difusão da importância do número é reforçada por meio dessas convenções que devem ser respeitadas por todos os adeptos e simpatizantes do Batuque.

5.3.2 Crença relacionada aos números

Nessa subcategoria, os participantes de pesquisa concordam que, se os números dos orixás não forem respeitados, aquilo que foi pedido pode não ser realizado ou atendido da forma que se espera. O Bábá 3 relata que os Orixás se acostumam com os números que utilizamos em suas obrigações. Se não for utilizado

o número que o Orixá está acostumado, sempre vai faltar alguma coisa nas respostas esperadas pelos pedidos, de acordo com o Bábá 3.

Existe, entretanto, uma compreensão acerca do não cumprimento dos números dos Orixás. Os múltiplos e submúltiplos numéricos de cada um contribuem para que esses sejam cumpridos. O Bábá 3 ainda destaca que sua percepção ao longo de sua vida religiosa, o permite perceber caso falte alguma coisa no quarto de santo. É possível pressentir que algo está em desequilíbrio.

Cada obrigação religiosa tem suas particularidades. O Bábá 3, destaca que, para uma obrigação ser completa, é preciso disponibilidade do filho de santo, pois, durante o período de obrigação, estará o mesmo fazendo uma reflexão com os Orixás. É um momento em que se aproxima do sagrado. É um momento onde o mesmo transcenderá suas próprias energias. Novamente se difunde a influência que o número possui na execução de obrigações.

5.3.3 Os números representam o Axé dos orixás

Nessa subcategoria, os participantes de pesquisa relatam a importância que os números representam aos orixás cultuados no Batuque do Rio Grande do Sul. Para o Bábá 2, a força, poder e energia de cada Orixá está representada em seu respectivo número. O Bábá 3 destaca que o número é a parte principal para representar o Orixá, a obrigação e o fundamento. Seja na confecção de uma guia, ou em um valor cobrado em uma obrigação. Ou nas oferendas de cada Orixá ou nos dias da semana, os números são imprescindíveis.

O Bábá 1 afirma que: *“Os números têm uma influência muito grande dentro da religião.”*. Percebe-se a influência que os números exercem em todos os rituais do Batuque do Rio Grande do Sul. Seja em um jogo de búzios ou em rituais é imprescindível as quantidades relacionadas aos orixás (Bábá 4). Os números são os axés dos orixás e representam a força, vitalidade e energia dos mesmos. Para o Bábá 3, os números são a palavra-chave do Batuque do Rio Grande do Sul. Além das regras estarem explícitas na geração dos saberes acerca dos números e relacionar o número ao axé dos orixás faz com que essas convenções sejam eternizadas dentro dessa Religião.

5.3.4 As transmissões de conhecimentos

Os números estão presentes em todos os rituais que envolvem os orixás. Possuíram total influência acerca desses rituais, no momento em que os orixás foram sendo representados pelos mesmos. Sabe-se que os mesmos têm grande influência nos rituais de Batuque, mas muitos desses conhecimentos foram perdidos com o tempo. O Bàbá 1 destaca que nas obrigações realizadas há décadas eram cumpridas à risca quanto a quantidade de dias de resguardo, sem questionamentos. Salaria que os escravos não conseguiram transmitir os significados e as razões dos números.

Dessa forma, a maioria das pessoas desconhecem os porquês. Os motivos podem estar relacionados com o desinteresse dos adeptos em encontrar as respostas a esses questionamentos, pois a convenção é suficiente. Além disso, pode estar relacionado com a falta de liberdade para perguntar aos mais velhos os significados. Pode estar relacionado, ainda mais remotamente, com uma comunicação precária por parte dos escravos que não conseguiam se comunicar eficientemente em português.

O Bàbá 1 afirma ainda que os adeptos antigos do Batuque tinham pouca ou nenhuma escolaridade. O Batuque do Rio Grande do Sul era frequentado principalmente por pessoas com baixa escolaridade. Essa falta de conhecimento a respeito da cultura africana pelos mais antigos acabou fazendo com que os mais novos não soubessem como foram gerados os números dentro do Batuque (Bàbá 3). Os praticantes mais antigos do Batuque do Rio Grande do Sul não eram alfabetizados e só repassaram o que seus antepassados lhes transmitiram.

O Bàbá 3 salienta que, “ [...] *na nossa religião as pessoas pecaram por não ter estrutura cultural, porque muitos não sabiam ler, não sabiam escrever, só sabiam o que os antepassados passaram [...]*”. Para o Bàbá 1: “*Nós sabemos da importância dos números na religião, mas não sabemos como veio, o pessoal era muito grosseiro, não sabiam transmitir.*”. Embora reconheçam a importância que os números exercem no Batuque do Rio Grande do Sul, não sabem como eles surgiram.

O Bàbá 2 amplia a questão dessa difusão dos saberes por meio da transmissão, pois não se delimita apenas às implicações dos números, como também às “[...] *formas geométricas, mas em tudo que se refere aos orixás cultuados na religião africana, com suas formas de assentá-los e cultuá-los, são hereditários, ou seja, passado de Pais e Mães de Santo para seus Filhos de Santo.*”. O Bàbá 2

complementa afirmando que os conhecimentos acerca da Religião africana são milenares apesar da falta de registros escritos sobre a mesma. Ainda assim, muitos fundamentos antigos estão sendo mantidos ao longo das gerações.

O Bábá 4, por sua vez, ressalta que os números associados aos orixás estão relacionados aos seus mitos. Esses mitos dos orixás, conhecidos como Itan, reúnem elementos que direcionam todo o Batuque do Rio Grande do Sul. A partir deles é possível identificar os números dos orixás (Bábá 4). Além disso, alguns desses Itan possuem menções a múltiplos numéricos e submúltiplos o que evidencia a possível ligação que os mesmos podem ter em consonância às crenças relacionadas aos números. Os Itan dos orixás são recontados nos ilês, porém seus autores são desconhecidos, pois essas transmissões orais são realizadas há séculos pelos anciões da Religião.

O Bábá 3 explicou os porquês de alguns orixás utilizarem, em alguns casos, o mesmo número. Já o Bábá 4 relatou algumas particularidades que os números utilizados no Batuque do Rio Grande do Sul possuem com os orixás. De acordo com o Bábá 4 cada número representa uma energia diferente e, por isso, houve uma associação dos mesmos com os orixás. No Quadro 6, organizou-se uma relação simplificada fornecida pelo Bábá 4.

Quadro 6 - Significados dos números

Orixá	Número	Significado do número
Bará	7	Representa a transformação, a busca, a luta, as conquistas.
Ogum	7	Representa a transformação, a busca, a luta, as conquistas.
Oiá	7 ou 9	O número 7 representa a transformação, a busca, a luta, as conquistas. O número 9 representa a ancestralidade. O fim de um ciclo. Representa os que já se foram para o Órun.
Xangô	6 ou 12	O número 6 e o número 12 Representam a justiça. O equilíbrio,
Odé	8	Representa a sabedoria, a paz, a reconstrução.
Otim	8	Representa a sabedoria, a paz, a reconstrução.
Ossãe	7	Representa a transformação, a busca, a luta, as conquistas.
Xapanã	7 ou 9	O número 7 representa a transformação, a busca, a luta, as conquistas. O número 9 representa a ancestralidade. O fim de um ciclo. Representa os que já se foram.

Obá	7	Representa a transformação, a busca, a luta, as conquistas.
Ibeji	6 e 8	O número 6 representa a justiça. O equilíbrio. O número 8 representa a sabedoria, a paz, a reconstrução.
Oxum	8	Representa a sabedoria, a paz, a reconstrução.
Iemanjá	8	Representa a sabedoria, a paz, a reconstrução.
Oxalá	8	Representa a sabedoria, a paz, a reconstrução.

Fonte: elaborado pelo autor (2016)

Os números citados pelo Bàbá 4 estão em conformidade com o aprendizado que o mesmo obteve em sua Nação religiosa. Ao verificar esses significados, no quadro 6, as implicações numéricas relacionadas aos orixás do Batuque do Rio Grande do Sul fazem sentido, sugere-se então que esses números não foram associados aleatoriamente, pois ao verificar o significado do número percebe-se que ele está relacionado ao perfil místico do orixá que representa. Porém compreende-se que nem todas as nações dos orixás praticadas no Rio Grande do Sul entendem ou aceitam os significados apresentados acima, já que os mesmos podem apresentar variações conforme cada Nação. Mas vale sublinhar que a difusão desses significados, embora diferenciados ocorrem entre os adeptos de cada Nação.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E INDAGAÇÕES

A presente pesquisa teve como foco central o estudo acerca dos processos de geração, organização e difusão dos saberes, envolvidos na associação dos números à representação mística utilizada no Batuque do Rio Grande do Sul. São demonstradas observações finais sobre tais processos, contudo, são propostas algumas reflexões e indagações acerca de alguns elementos que vieram à tona durante as análises.

Os resultados obtidos na pesquisa não se mostraram suficientes para explicar todo o processo que envolve os saberes e associações dos números utilizados no Batuque do Rio Grande do Sul. Portanto, novas pesquisas poderão ser realizadas sobre o tema. Algumas breves considerações sobre as vivências durante a pesquisa se fazem necessárias devido à sua importância.

A experiência de entrevistar babalorixás conceituados na comunidade batuqueira, buscando compreender melhor a própria Religião vivida, foi recompensadora. Os babalorixás entrevistados foram solícitos em detalhar as questões propostas e, em meio às entrevistas, relataram suas histórias de vida que se unem entre a doutrina religiosa e as experiências pessoais.

Os mesmos consideraram importante a realização desta pesquisa por divulgar um tipo de cultura religiosa legítima de um povo e colaborar igualmente para a diminuição de pré-conceitos, racismos, perseguições e intolerância religiosa. Estar diante de babalorixás ouvindo histórias que aconteceram há décadas, algumas repassadas especificamente somente naquela bacia religiosa, e perceber o carinho com o qual as transmitem, e o modo como tratam seus orixás foi uma experiência única vivenciada por mim, pois dessa vez eu estava do outro lado, um pesquisador.

Foi um sentimento de realização ao terminar esta pesquisa, por saber que se trata de um tema que não é importante apenas para mim, mas para a comunidade batuqueira e, também, para os babalorixás que tão bem me receberam em seus ilês.

Em relação aos registros históricos existentes sobre a utilização dos números nas religiões de matriz africana trazidas para o Rio Grande do Sul, foi possível perceber, por meio das entrevistas, que existem diversas semelhanças dos saberes matemáticos presentes nessa cultura religiosa com a Matemática Escolar. Contudo,

os conhecimentos matemáticos ensinados na escola não são relevantes para o Batuque do Rio Grande do Sul, pois a implicação dos números tem caráter místico.

Exemplo disso são as formas geométricas de um opeté de Bará, que lembra um cone. Ou um opeté de Oiá, que lembra uma esfera. Tratam-se de coincidências, uma vez que os saberes religiosos são transmitidos oralmente e estão relacionados com a origem de cada Orixá.

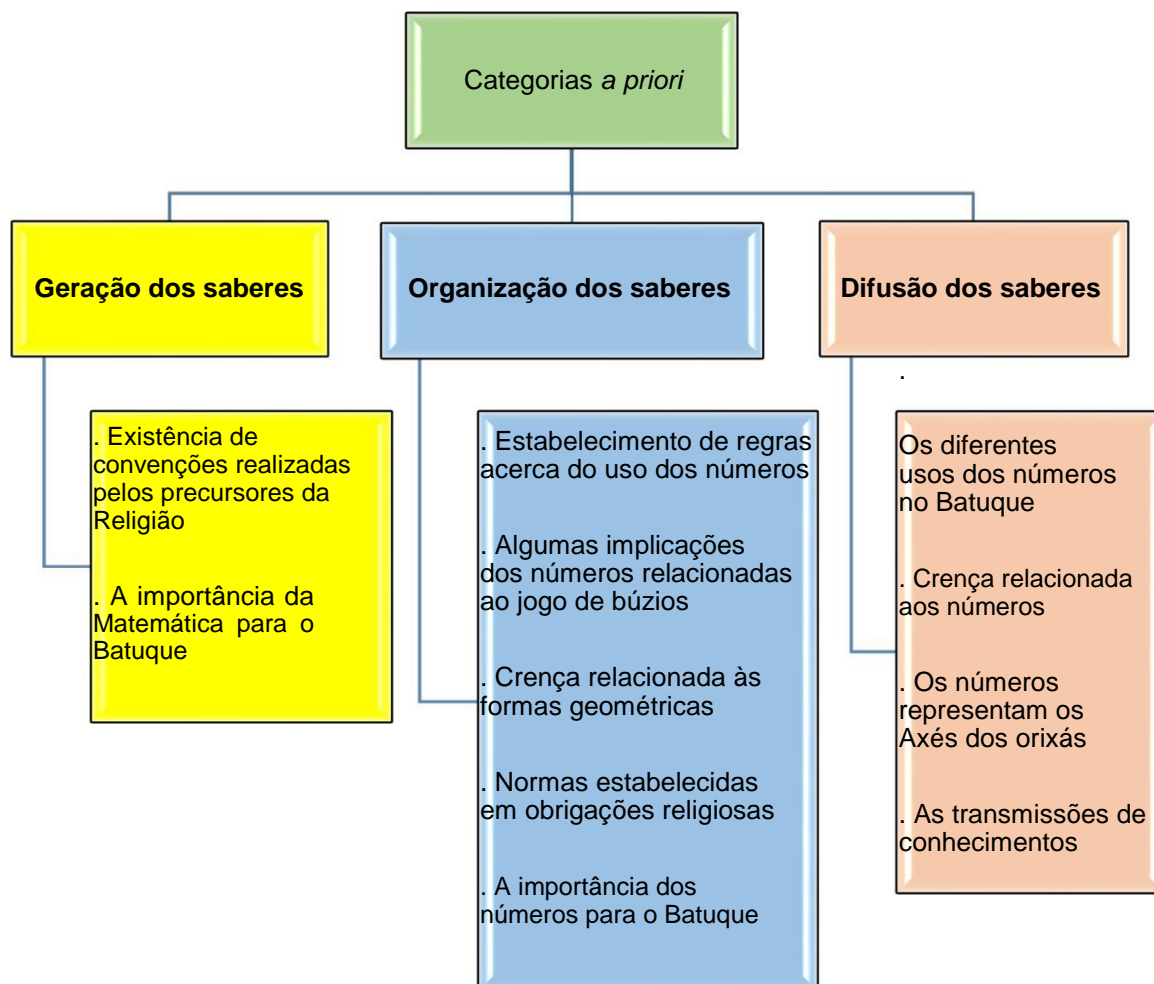
Ao buscar subsídios sobre o modo como os números são utilizados e as possíveis semelhanças e diferenças encontradas nas diversas nações em relação a essa utilização. Evidenciou-se, num primeiro momento, a relevância que os números exercem no Batuque do Rio Grande do Sul. Os números além de sagrados são decisivos.

Sagrados, pois representam o axé dos orixás, como evidenciado em vários excertos retirados das entrevistas. Decisivos, porque deles dependem a aceitação ou não das oferendas e as previsões das ocorrências no jogo de búzios.

Ao direcionar esta pesquisa, seguindo pressupostos do Programa Etnomatemática, definido por D'Ambrosio foi possível estabelecer as categorias *a priori*, **Geração dos saberes**, **Organização dos saberes** e **Difusão dos saberes**, e a partir delas, possibilitar a emergência de diferentes subcategorias. Portanto, se meu pressuposto teórico fosse outro, possivelmente viriam à tona outras subcategorias.

Assim, a partir dessa perspectiva, a intenção de compreender como esses saberes foram gerados, organizados e estão sendo difundidos dentro de cada Nação, levou-me ao encontro de 11 subcategorias emergentes, dispostas no Esquema 4.

Esquema 4 - Frequência das categorias *a priori*



Fonte: elaborado pelo autor (2016)

Na categoria *a priori*, **Geração dos saberes**, duas subcategorias emergiram: *existência de convenções realizada pelos precursores da Religião* e *a importância da Matemática para o Batuque*. Foi possível identificar diferentes regras utilizadas em diversas partes dos rituais religiosos. Essas regras determinam implicações em relação aos números que devem ser seguidas pelos membros pertencentes à comunidade batuqueira.

Todos os orixás do panteão africano são representados por números que se desdobram, em alguns casos, em múltiplos ou submúltiplos numéricos. Verificou-se

que cada Nação religiosa possui uma numeração específica para tratar seus orixás. Entretanto, os números pertencentes à Nação Igexá também são utilizados pelas demais nações religiosas. Isso pode estar relacionado à influência dessa Nação sobre as demais.

Os participantes de pesquisa, com escolaridades variadas, identificam saberes matemáticos em diferentes partes dos rituais. Contudo, em nenhum momento, eles relacionam tais saberes aos conhecimentos legitimados pela escola. Para eles é como se a Matemática transcendesse o mundo escolar.

Ao tratar da **Organização dos saberes** identifiquei cinco subcategorias: *estabelecimento de regras acerca do uso dos números; algumas implicações dos números relacionadas ao jogo de búzios; crença relacionada às formas geométricas; normas estabelecidas em obrigações religiosas; a importância dos números para o Batuque*. Por meio da análise dos excertos que constituíram cada uma delas constatei que a utilização dos múltiplos e submúltiplos numéricos está relacionada às dificuldades financeiras pelas quais os adeptos do Batuque do Rio Grande do Sul se deparam.

Essa foi a forma encontrada pelos batuqueiros de se organizarem e continuarem respeitando os orixás. As implicações dos números seguem na arrecadação financeira dos ilês, considerando que os valores cobrados têm correspondência com os múltiplos do Orixá utilizado para resolver a situação.

No jogo de búzios percebi que existe uma preocupação em relação a sua confecção, para que os mesmos sejam abertos em sua parte côncava e lixada de um modo que não haja uma tendência de um dos lados sobressair. Algo interessante foi identificar a inexistência de formas com cantos, quinas, ângulos retos, enfim, formas, principalmente quadradas e retangulares para os orixás, pois não são usados, conforme as falas dos entrevistados.

A geometria das comidas dos orixás está diretamente relacionada com a finalidade dos pedidos e precisam ser respeitadas, assim como os números de cada Orixá. Isso é efeito do caráter místico nos rituais. Diante disso foi possível mostrar que toda a organização dos números e das formas geométricas ocorre principalmente pela obediência de convenções estabelecidas pelos precursores da religião.

Em relação ao modo como esses saberes são difundidos verificou-se quatro subcategorias: *os diferentes usos dos números no Batuque; crença relacionada aos*

números; os números representam os Axés dos orixás; as transmissões de conhecimentos.

Foi possível compreender a crença que os praticantes do Batuque do Rio Grande do Sul possuem nos números dos orixás. E a difusão dessa crença se dá principalmente quando enfatizam a sua preocupação em relação ao respeito às quantidades e as formas durante a formulação dos pedidos. Em caso de desobediência os pedidos feitos podem sofrer anulação. Portanto, como afirma um dos bábás, os números são a palavra-chave do Batuque.

No entanto, vale destacar que embora os entrevistados estejam entre os babalorixás mais antigos, evidenciou-se uma precariedade dos seus conhecimentos em relação às origens de alguns desses saberes. Os participantes de pesquisa relataram que todo saber transmitido foi oral e, por isso, muito se perdeu com o passar dos séculos. Acreditam que houve algum tipo de dificuldade na comunicação entre os escravos, o que fez com que muitos questionamentos ficassem sem resposta. Porém, isso não minimiza o fato de que os números exercem um papel fundamental e significativo para o Batuque do Rio Grande do Sul.

A partir de todas essas evidências e conclusões advindas da análise das respostas dadas às entrevistas, algumas indagações começaram a se delinear, entre elas: *De que modo os saberes numéricos e geométricos, presentes no Batuque do Rio Grande do Sul, podem ser abordados de forma educativa, em sala de aula por meio da Etnomatemática, contemplando dessa forma a Lei 11.645/2008? A Etnomatemática pode contribuir de forma significativa para a diminuição dos pré-conceitos e intolerância religiosa por mostrar sob outra perspectiva um tipo de cultura diferente?*

Responder a esses questionamentos exige um aprofundamento teórico que instigam a continuidade do meu lado pesquisador, não apenas para o meu crescimento profissional como também para contribuir para a valorização de culturas afro-brasileiras.

Deste modo, concluo destacando que a Matemática, em particular a geometria e os números, utilizada no Batuque do Rio Grande do Sul não possui ligações diretas com a Matemática Escolar. Contudo, para esse grupo cultural trata-se de um saber essencial, válido e legítimo.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, M. E. B. **Organização, Sistemas e Métodos**. São Paulo: McGraw Hill, 1991.

ASSUMPÇÃO, J. E. Época das charqueadas (1780-1888). In: CARELI, S.S.; KNIERIM, L. C. (Orgs.). **Releituras da História do Rio Grande do Sul**. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Porto Alegre: CORAG, 2011. p. 139-158.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A.S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BARTON, B. Dando sentido a Etnomatemática: Etnomatemática fazendo sentido. In: RIBEIRO, J. P. M.; DOMITE, M. C. S.; FERREIRA, R. (Org.). **Etnomatemática: papel, valores e significado**. São Paulo: Zouk, 2004.

BENISTE, J. **Òrun Àiyé**. O encontro de dois mundos. O sistema de relacionamento nagô-yorubá entreo céu e a terra. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BICUDO, M. A. V. (org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

BOSI, A. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Cia das letras, 1992.

BRASIL. **Lei 11.645, de 10 de marco de 2008**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 22 de julho de 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012**. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 16 abril de 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural**. Brasília 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf>>. Acesso em: 03 de junho de 2016.

CLARO, R. **Olhar a África: Fontes visuais para sala de aula**. São Paulo: Hedra Educação, 2012.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **Etnomatemática: Arte ou técnica de explicar e conhecer**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Globalização e multiculturalismo**. Santa Catarina: editora Furb, 1996.

_____. **Etnomatemática**. Elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERNANDES, J.R. **Ensino de História e diversidade cultural**: desafios e possibilidades. Cvad. Cedes, v.25, n.67, p. 378- 388, Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 06 out. de 2016.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FLORES, M. **Contrabando de Escravos**. Porto Alegre: Ed. Pradense, 2013.

FONSECA, P. A. V. **O negro na história do Rio Grande heroico: (1725-1879)**. Projeto Passo Fundo, 2013. 114p; il.; E-book.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. II Tomo. São Paulo: ed. José Olympio, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: GuanaBará Koogan, 1989.

GERDES, P. **Sobre o conceito de Etnomatemática**. [S.l.], 1989. Tradução da primeira parte da introdução ao livro Estudos Etnomatemáticos, em alemão, ISP (Maputo) - KMU (Leipzig), 1989.

_____. **Etnomatemática – Cultura, Matemática, Educação**: Coletânea de Textos 1979-1991. Ed ISTEAG. 2012. 1ª edição em Maputo, Moçambique, 1991.

_____. **Etnomatemática cultura, matemática, educação**. Coletânea de Textos 1979-1991. Ed. Lulu. Maputo, 2012.

GIBA, G. **A influência do negro na música brasileira**. In: ASSUMPÇÃO, J.E. MAESTRI, M. et. Al. **Nós, os afro-gaúchos**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KNIJNIK, G. et al. **Etnomatemática em movimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

KUHN, F. **Breve História do Rio Grande do Sul**. 4. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2011. p. 67.

LAKATOS, E. M.; M., M. A. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LAPLANTINE, F. **A Descrição Etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

MAESTRI FILHO, M J. **O escravismo antigo**. São Paulo: Atual, 1986.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Etnomatemática: fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELLO, L. G. **Antropologia Cultural**. Petrópolis, São Paulo: vozes, 1986.

MORAES, R. **Da noite ao dia: tomada de consciência de pressupostos assumidos dentro das pesquisas sociais**. 2006. Texto digitado.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 2. Ed. Editora Unijuí, 2011.

MOURA, C. **História do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1989.

MUNANGA, K. **Racismo da desigualdade à intolerância**. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v04n02/v04n02_09.pdf>. 1990. Acesso em: 03 set. 2016.

OLIVEIRA, C.J. **Práticas etnomatemáticas no cotidiano escolar: possibilidades e limitações**. In: Knijnik, G. Wanderer, F. Oliveira, C, J. **Etnomatemática, currículo e formação de professores**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

PANOFF, M.; PERRIN, M. **Dicionário de Etnologia**, Lexis, São Paulo, 1979.

PASSOS, J. V. G. **O afro-Brasileiro e Umbanda na visão de Vinícius de Oxalá**. Porto Alegre. Ed. Evangraf. 1999.

PEREIRA, J. L. F. **Nação, Umbanda e Exu: Religiões de afro descendência praticadas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Ed. Toquí, 2008.

PEREIRA, L, R, B. **A África está em nós: História e Cultura Afro-Brasileira/ Africanidades Sul-Rio-Grandenses**. João Pessoa, PB: ED. Grafset, 2012.

PINSKY, J. **A escravidão no Brasil**. 21. Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

PORTUGAL FILHO, F. **Manual prático do jogo de búzios: Por Odù e pelo jogo da Oxum**. São Paulo: Cristális Editora e Livraria, 2006.

RIBEIRO, E. A. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**, Araxá/MG, n. 04, 2008.

ROSA, M.; OREY, D. C. Fragmentos históricos do programa Etnomatemática. *In: Anais/Actas do 6º Encontro Luso-Brasileiro de História da Matemática*. 2011.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SCHEIN, E. H. **Cultura organizacional e liderança**. São Paulo: Atlas, 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. Atual – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, E. L. & MENEZES, E. M. - **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. LED/UFSC. Florianópolis. 2000.

SILVEIRA, H. “**Não somos filhos sem pais**”. História e teologia do Batuque do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Faculdades EST, 2014. 134 f. Dissertação (Mestrado em Teologia – área de concentração Teologia e História) – Programa de Pós-Graduação em teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2014. P. 51 a p. 70.

SILVÉRIO, V. R. **Síntese da coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI/ coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha, Mariana Blanco Rincón, Muryatan Santana Barbosa** – Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Tradução: Karla Reis, Porto Alegre: Penso, 2011.

STURTEVANT, W. C. **Studies in ethnoscience**. American Anthropologist, 1964.

TYLOR, E. B. 1871. **Primitive Culture**. Londres, John Mursay & Co. [1958, Nova York, Harper Torchbooks.].

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista – Babalorixás

Identificação:

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: masc () fem ()

Qual é sua Nação? Há quanto tempo você pratica a religião africana?

- 1) Qual o significado que o número assume no Batuque do Rio Grande do Sul e qual a sua importância?

- 2) Qual a importância de se manter os números nas comidas dos Orixás?

- 3) Qual a influência que os números exercem no Batuque do Rio Grande do Sul?

- 4) Qual o significado das formas geométricas nas comidas dos Orixás e qual a sua importância?

5) Em que comidas essas formas devem ser respeitadas?

6) Qual a importância de se manter os números nos dias de obrigação e resguardo?

7) De que forma você acredita que foram gerados os saberes em relação aos números e às formas geométricas dentro do Batuque? Ou seja, como cada um aprende acerca dessas informações?

8) No jogo de búzios, os Orixás respondem de acordo com as caídas dos búzios, os mesmos respeitam determinadas contagens de acordo com os búzios fechados e abertos. Exemplifique de acordo com a sua Nação essas caídas.

APÊNDICE B**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar como entrevistado da pesquisa “ETNOMATEMÁTICA: implicações na utilização dos números pelo Batuque do Rio Grande do Sul”, sob responsabilidade do mestrando Jackson Luís Santos de Vargas e orientação da Prof.^a Dra. Isabel Cristina Machado de Lara, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática.

Declaro que estou ciente de que as informações prestadas serão analisadas e utilizadas na investigação, assim como as fotos captadas durante a entrevista, e concordo que meu nome e imagem sejam divulgados.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2016.

Assinatura

APÊNDICE C

Quadro 7 - Detalhamento da análise dos dados coletados

Pergunta 1: Qual o significado que o número assume no Batuque do Rio Grande do Sul e qual a sua importância?				
Código/excertos	Descrição do Pesquisador	Unidades de significado	Subcategorias emergentes	Categorias <i>a priori</i>
1.1.1 - Cada Orixá tem um número, e tu não pode desviar desse número.	Os números dos Orixás não podem ser desviados.	Existe uma regra acerca do número dos Orixás, estabelecida previamente, a qual não pode sofrer alterações.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes
1.1.2 - Por exemplo, Orixá Bará, o numero de Bará é 7, então tu não pode aumentar pra 8 nem diminuir pra 6, e aí se tu vais fazer uma oferenda, um presente para o Bará, não se pode mudar o axé.	O número do Orixá Bará é sete e esse número não pode ser modificado, mesmo sendo um presente ou oferenda.	Um dos preceitos do Orixá Bará é responder com o número sete, somente.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes
1.2.1 - Eu diria que existem alguns tipos de contas e cálculos dentro da religião africana que devem ser calculados, seguidos e respeitados.	Existem alguns cálculos que devem ser seguidos e respeitados no Batuque.	Existe uma especificação objetiva em relação a cálculos envolvendo preceitos para os Orixás.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
1.3.1 - O número é tão importante para o Orixá quanto para a gente. A gente que é do santo,	O número também é importante para os Orixás e os adeptos ao Batuque.	O número é importante no Batuque.	A importância dos números para o Batuque	Organização dos saberes

que é do Orixá, que é do Vodun, tem que dar importância ao número.				
1.3.2 - Eu vou te citar um exemplo. O número 9 pra nós é número de Egun, na minha Nação pelo menos é número de Egun, então esse número se usa só em certas obrigações.	O número 9 é de Eguns e só é utilizado em algumas obrigações.	Existe uma norma que estabelece o número nove para os Eguns.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes
1.3.3 - Múltiplos dos Orixás Bará Lode, Ogum Awàgán, Iansã Dirã, Timboá, é só até 21, não passa disso, é 7, 14, 21, acabou aí o número deles. Por que acima disso vai passar para Orixás Odé, Ossãe, Xapanã, e assim por diante.	Os múltiplos dos Orixás Bara Lode, Ogum Avagã e Oiá Timboá vão só até 21.	Por princípio, os Orixás Bara Lode, Ogum Avagã e Oiá Timboá, têm números que vão, no máximo, até o 21.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes
1.3.4 - Se tu começar a multiplicar todos esses números 7, múltiplos de Bará, ou de Exu como alguns falam, tu vai chegar no número de Oxalá, por isso não se pode continuar multiplicando.	Não se pode ultrapassar a numeração hierárquica de Oxalá, que é 32.	Existe uma regra que estabelece o número 32 como máximo numérico para os Orixás.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes

1.3.5 - Se bem que nós temos um número de Orixá Oxum que é 5 e não 8. Ela usa o número 8 por causa de lemanjá.	O número de Oxum é 5. Ela utiliza 8 por causa de lemanjá.	O número real de Oxum é cinco, porém ela utiliza por determinação o número de lemanjá, oito	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes
1.3.6 - O Oxalá também, o número dele não é 8, ele usa o número 8 porque ele deve obrigação para lemanjá.	Oxalá utiliza o número 8 porque deve obrigação a lemanjá.	Existe uma norma em relação ao Orixá Oxalá, em que o mesmo utiliza o número oito por dever obrigações a lemanjá.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes
1.4.1 - A religião é feita de matemática.	A religião é feita de Matemática.	O uso da Matemática no batuque é indispensável.	A importância da matemática para o Batuque	Geração dos saberes
1.4.2 - Através da conta de cada um Orixá, números, tanto de aves 4 pés, velas, quartinha, ferramentas.	Por meio da conta numérica de cada Orixá se dá a influência em todas as partes relacionadas a ele.	Regras em relação aos números dos Orixás influenciam os rituais do Batuque.	A importância dos números para o Batuque	Organização dos saberes
Pergunta 2: Qual a importância de se manter os números nas comidas dos Orixás?				
Código/excertos	Descrição do Pesquisador	Unidades de significado	Subcategorias emergentes	Categorias a priori
2.1.1 - Exemplo: Bará, 7 balas de mel, tu não pode colocar 6 ou 8 porque ele não vai responder.	Se o número do Orixá for modificado numa oferta, o mesmo não irá responder como desejado.	Os adeptos do Batuque devem respeitar a numeração que cada Orixá traz consigo.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
2.1.2 - Às vezes temos os múltiplos e submúltiplos mas é	É essencial que os números sejam mantidos no Batuque,	Os múltiplos e submúltiplos devem ser	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números.	Organização dos saberes

fundamental na religião se manter os números.	mesmo que sejam submúltiplos ou múltiplos.	mantidos nos rituais do Batuque.		
2.2.1 - Os números dentro da religião africana na maioria das vezes se referem aos Axés dos Orixás, aos Axés da casa ou templo religioso, aos Axés dos filhos de santos etc.	Os números estão presentes em diferentes ritos, dentro do Batuque.	Nos mais variados campos do Batuque, podem ser encontrados os números.	A importância da matemática para o Batuque.	Geração dos saberes
2.2.2 - Esses números, (Axés) são de tão suma importância, que devem ser respeitados em tudo que se for realizar aos Orixás, até na hora de cobrar por um Axé, ou seja, (valor cobrado por um trabalho ou ritual realizado pelo Babalorixá ou Ialorixá responsável pela casa ou templo religioso).	Os números são tão importantes dentro do Batuque, que são levados em conta inclusive nos valores arrecadados pelos ilês em obrigações.	Existe uma regra estabelecida em relação a arrecadação monetária nas obrigações.	Os diferentes usos dos números no Batuque.	Difusão dos saberes
2.2.3 - Ex.: se a pessoa que for realizar o trabalho pertencer ao Orixá Bará, ela cobrará um valor que tenha o número 7, se for do Orixá Xangô cobrará um	Os valores monetários são cobrados de acordo com os múltiplos pertencentes ao Orixá que comandou a obrigação.	As mesmas devem ser de acordo com os múltiplos do Orixá dono da casa.	Os diferentes usos dos números no Batuque.	Difusão dos saberes

valor que tenha o número 6, se for de Oxum cobrará um valor que tenha o número 8, e assim sucessivamente.				
2.3.1 - No corte para Lodê e Avagã, os números primordiais que procuramos colocar, 4 homens e 3 mulheres, porque a gente tem lansã lá na frente, 7, ou diretamente 7 homens, nunca se colocando mais mulheres do que homens.	Os números dos Orixás da rua são sempre o 7.	O número 7 corresponde aos Orixás da rua.	Normas estabelecidas em obrigações religiosas.	Organização dos saberes
2.3.2 - O número para Xangô, tem que multiplicar por 2. O número dele é 12 ou 24,	O número de Xangô é 12 ou 24.	Existe uma regra que determina que o número de Xangô seja 12 ou 24.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião.	Geração dos saberes
2.3.3 - Se usa o 6 porque é mais fácil.	O número usado para Xangô é o 6.	O uso do número 6 facilita uma obrigação para Xangô.	Normas estabelecidas em obrigações religiosas.	Organização dos saberes
2.4.1 - Ele assume a conta de cada um Orixá.	Os números assumem a conta de cada Orixá.	A conta de cada Orixá corresponde a um determinado número.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
Pergunta 3: Qual a influência que os números exercem no Batuque do Rio Grande do Sul?				

Código/excertos	Descrição do Pesquisador	Unidades de significado	Subcategorias emergentes	Categorias <i>a priori</i>
3.1.1 - Se integram e reintegram dentro das coisas,	Os números são associados dentro dos ritos do Batuque.	Os números dos Orixás se completam, conforme regras determinadas pelo Batuque.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números.	Organização dos saberes
3.1.2 - Se tu ver um presente pra Bará, um presente com 7 tu vai identificar que é pra Bará,	É possível identificar, pelos números, se um presente é para determinado Orixá.	Nos presentes dos Orixás é possível identificar a quem pertence, de acordo com características e quantidades.	Os diferentes usos dos números no Batuque.	Difusão dos saberes
3.1.3 - Bará 7, Oiá 6 Ogum 10, Xangô 12 Ibeji, 24, Xapanã 9, Obá 18, Ossãe e Odé é 14,	Na Nação de Cabinda, o número do Orixá Bará é 7, de Oiá é 6, de Ogum é 10, de Xangô é 12, de Ibeji é 24, de Xapanã é 9, de Obá é 18, de Ossãe e Odé é 14.	Na Nação de Cabinda, cada número corresponde a um Orixá.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião.	Geração dos saberes
3.1.4 - Embora tenham o mesmo número tu vai diferenciar pela comida.	Os Orixás que possuem o mesmo número são diferenciados pela comida.	Cada Orixá tem comidas específicas. Mesmo que tenham o mesmo número.	Os diferentes usos dos números no Batuque.	Difusão dos saberes
3.1.5 - Por exemplo, Oxum é 8, Iemanjá é 16 e Oxalá é 32,	O número de Oxum é 8, de Iemanjá é 16 e de Oxalá é 32.	O número de Oxum é 8, de Iemanjá é o dobro de 8 e de Oxalá é o dobro de 16.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião.	Geração dos saberes

<p>3.1.6 - Apesar de nós fazermos o básico tu pode fazer uma oferenda pra Oxum, é claro que há os submúltiplos e mais os múltiplos,</p>	<p>É possível utilizar os múltiplos e submúltiplos nas oferendas dos Orixás.</p>	<p>Embora cada Orixá tenham um número correspondente, existe a possibilidade de se utilizar múltiplos e submúltiplos nas oferendas dos mesmos.</p>	<p>Estabelecimento de regras acerca do uso dos números.</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>3.1.7 - Mas pelo tipo e pela qualidade da comida, tu vai identificar os submúltiplos e o Orixá,</p>	<p>É possível identificar os múltiplos, submúltiplos e Orixá homenageado, pelo tipo e qualidade da oferenda.</p>	<p>Pelos diferentes tipos de comida e também pelas numerações, se identifica o Orixá.</p>	<p>Os diferentes usos dos números no Batuque</p>	<p>Difusão dos saberes</p>
<p>3.1.8 - Muitas vezes as pessoas não tem condições de colocar 32 para Oxalá. Nossa Nação Oxalá come cocada, muitas vezes é difícil colocar 32 cocadas, então tu pode colocar submúltiplos.</p>	<p>Se o adepto não tiver condições de ofertar 32 cocadas (uma de suas comidas) ao Orixá Oxalá, o mesmo pode utilizar submúltiplos para isso.</p>	<p>Existem regras que permitem a utilização de submúltiplos para as comidas dos Orixás.</p>	<p>Estabelecimento de regras acerca do uso dos números</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>3.1.9 - Se colocar mais para o Bará ele não vai responder porque a conta máxima dele é 7,</p>	<p>O número máximo do Orixá Bará é 7.</p>	<p>A conta do Orixá Bará é 7, nem mais nem menos.</p>	<p>Existência de Convenções realizadas pelos precursores da religião</p>	<p>Geração dos saberes</p>
<p>3.1.10 - É claro que o que ele usa de comida, milho torrado, batata assada, bala de mel e opeté, é</p>	<p>As comidas do Orixá Bará são milho torrado, batata assada, bala de mel e</p>	<p>Por determinação, a comida do Orixá Bará é milho torrado, batata assada, bala de mel e</p>	<p>Os diferentes usos dos números no Batuque</p>	<p>Difusão dos saberes</p>

claro que tu vai identificar que é para o Bará, mas ele não está recebendo o necessário, a conta máxima dele é 7 e não deveria exceder esse número.	opeté que devem estar de acordo com o número 7 para que tenha efeito.	opeté, mas deverá estar em consonância com o número 7 para que aconteça o efeito esperado.		
3.1.11 - As guias seguem esse padrão, tudo se relaciona,	As guias seguem os padrões de ordem numéricas utilizadas nas comidas dos Orixás.	As normas para a confecção das guias, é seguida de acordo com as mesmas normas estabelecidas para as comidas e números dos Orixás.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
3.1.12 - Por exemplo, essa guia se chama delogun, que é só as pessoas prontas com Orixás na vasilha que podem utilizar essa guia. Essa outra aqui que seria uma imperial, que é só para o Orixá.	A guia delogun só pode ser utilizada por pessoas prontas com Orixás assentados. A guia Imperial é exclusiva para identificar os Orixás.	Existe uma regra que diferencia o uso das duas guias.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
3.1.13 - A guia do Xangô por exemplo pode ter 6 ou no máximo 12 pernas.	A guia imperial do Orixá Xangô pode ter 6 ou 12 pernas.	A guia do Orixá Xangô pode ter 6 ou 12 voltas.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes

3.1.14 - A guia dos búzios tem 8 pernas, porque é um submúltiplo de Oxalá, tudo se adequa.	A guia utilizada para jogar búzios tem 8 pernas porque é um submúltiplo de Oxalá	A guia de búzios tem oito fios por ser esse um submúltiplo de Oxalá	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
3.1.15 - Pode se jogar búzios com 8, 16 e 32 búzios.	Os búzios no Batuque podem ser jogados com 8, 16 ou 32.	Por determinação os búzios no Batuque podem ser jogados com 8, 16 ou 32.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
3.1.16 - E com a caída dos búzios tem uma identificação, ele cai, aberto ou fechado. Aberto com o furo que se faz, fechado é a abertura natural.	Quando jogados, os búzios podem cair abertos ou fechados. Abertos são com o furo que se faz e fechado é com sua abertura natural	Os búzios apresentam duas possibilidades. Abertos ou fechados	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
3.1.17 - Na caída dos búzios como ele cai tantos abertos como fechados, existe uma relação com o que a gente quer saber.	A quantidade de búzios abertos e fechados, estão relacionados com as perguntas realizadas	De acordo com as perguntas, os búzios podem permanecer abertos ou fechados	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
3.1.18 - Pode cair, se cair 4 abertos e 4 fechados, para onde eles indicam há uma relação com Orixá, entende. 3 abertos e 5 fechados, é Ogum quem responde.	O Orixá Ogum responde com 3 búzios abertos e 5 búzios fechados	Três búzios abertos e 5 búzios fechados indicam resposta do Orixá Ogum.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
3.1.19 - Os números tem um significado muito grande porque se cai 4	Se 4 búzios caírem fechados em forma de	Se quatro búzios caírem fechados em forma de retângulo,	Algumas implicações matemáticas	Organização dos saberes

fechados em retângulo pode significar a possibilidade de morte.	retângulo, pode ser um indicativo de morte	representa um mau presságio.	relacionadas ao jogo de búzios	
3.1.20 - Então todos esses números, todas essas quantidades, mesmo que 32, 16, 8 as coisas são as mesmas, tudo é a mesma coisa,	Independentemente da quantidade de búzios jogados (8, 16 ou 32), as respostas são as mesmas	Os búzios respondem sempre da mesma maneira, independentemente da quantidade lançada. Oito, dezesseis ou trinta e dois búzios	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
3.1.21 - Se caírem os 4 próximos mesmo com 32 em forma de retângulo, podem representar a morte.	Mesmo com 32 búzios, se caírem 4 em forma de retângulo, podem significar a morte.	Mesmo que sejam lançados trinta e dois búzios, a forma retangular numa caída pode ser indicativa de morte.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
3.1.22 - O Bará tem um submúltiplo de 3 também,	O Orixá Bará tem um submúltiplos de 3, além do número 7	Em algumas Nações o Orixá Bará pode ter submúltiplos de três, além do número sete.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes
3.1.23 - Se ele cai de 3 indicando para o Bará, ele está respondendo alguma coisa, ou se 3 fechados próximos do Bará significa caminhos fechados, mais ou menos assim,	Se 3 búzios caírem fechados próximo a representação do Orixá Bará no jogo, pode haver um significado de caminhos fechados.	Existem regras estabelecidas de acordo com a caída dos búzios.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
3.1.24 - Há uma grande influência dos números	Os números têm grande influência nos	A Matemática influencia bastante os rituais do	As transmissões de conhecimentos	Difusão dos saberes

nos rituais. Infelizmente a religião de matriz africana, seja em qualquer lado, perdeu muita coisa.	rituais de Batuque, mas, muito desses conhecimentos foram perdidos com o tempo.	Batuque, embora muitos desses conhecimentos tenham se perdido ao longo do tempo.		
3.2.1 - E podemos identificá-los nas oferendas dos Orixás que levarão alguns itens com seus respectivos números, (Axé), nas suas guias comuns e imperiais, no número de búzios correspondente aos Orixás etc.	Os números podem ser identificados e distinguidos nas oferendas, nas guias comuns e imperiais, na quantidade de búzios correspondentes aos Orixás, etc.	A identificação dos números pode ser observada das comidas ao toque do tambor e guias utilizadas nos rituais.	Os diferentes usos dos números no Batuque	Difusão dos saberes
3.2.2 - O número referente a um determinado Orixá, representa o Axé do mesmo, ou seja, representa a força, energia, poder etc. do Orixá,	A força, poder e, energia de cada Orixá, está representada em seu respectivo número.	O número está intimamente ligado a força, poder e, energia de cada Orixá.	Os números representam o Axé dos Orixás	Difusão dos saberes
3.2.3 - Não podendo em hipótese alguma ser cortado, ou seja, diminuído ou até mesmo aumentado sem a devida autorização do Orixá dado por ele mesmo ou	Sem a devida autorização mediante consulta nos búzios, não é possível alterar os números dos Orixás, seja em obrigações para adeptos ou não do Ilê.	Somente com autorização expressa dos búzios os seus números podem ser modificados, desde que sigam regras estabelecidas.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes

por uma consulta aos búzios.				
3.3.1 - Porque ele foi acostumado a responder para ti naquele axé, naquele número, então aquele número é super importante.	Os Orixás se acostumam com os números que utilizamos em suas obrigações.	O número é importante porque através dele o Orixá identifica as suas obrigações.	Crenças relacionadas aos números	Difusão dos saberes
3.3.2 - Tu vai cortar para Xangô, tu faz uma amalá com 6 bananas, mas o ideal seria fazer um amalá com 12,	O ideal de amalá para Xangô é com 12 bananas.	O amalá (comida) para Xangô pode ser feito com 6 bananas, embora o ideal sejam 12.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
3.3.3 - Mas se tu não fizer o axé que está acostumado pra ele, com aquele numero x eu acho que a coisa não fluir como deve, sempre vai te faltar alguma coisa, vai te faltar alguma coisa, isso eu te digo assim como particular meu,	Se não for utilizado o número que o Orixá está acostumado, sempre vai faltar alguma coisa nas respostas esperadas pelos pedidos.	Se não forem seguidas as determinações estabelecidas em relação aos Orixás, pode ser que as repostas das perguntas sejam incompletas.	Crenças relacionadas aos números	Difusão dos saberes
3.3.4 - Tanto que se eu chego num quarto de santo com menos quantidade eu sei que está faltando, eu sinto isso quando eu entro na porta do salão, eu sinto isso.	Se falta alguma coisa no quarto de santo, é possível sentir que algo está em desequilíbrio.	Os adeptos do Batuque possuem sensibilidade em relação aos rituais praticados no Batuque.	Crenças relacionadas aos números	Difusão dos saberes

3.3.5 - Então o número é a parte principal ao Orixá, a obrigação e ao fundamento.	O número é a parte principal ao Orixá, a obrigação e ao fundamento.	Uma das partes mais representativas em relação aos Orixás é o número.	Os números representam o Axé dos Orixás	Difusão dos saberes
3.4.1 - No jogo de búzios, nas ferramentas, nos cortes de aves e suas quantidades, também	No jogo de búzios e em rituais é imprescindível as quantidades relacionadas aos Orixás.	Os números estão relacionados inclusive nos búzios dos Orixás.	Os números representam o Axé dos Orixás	Difusão dos saberes
3.4.2 - Nas oferendas deles que são feitas e também nos dias	Nas oferendas e também nos dias se encontra a importância dos números.	Também nas oferendas e dias da semana os números aparecem como algo essencial.	Os números representam o Axé dos Orixás	Difusão dos saberes
Pergunta 4: Qual o significado das formas geométricas nas comidas dos Orixás e qual a sua importância?				
Código/excertos	Descrição do Pesquisador	Unidades de significado	Subcategorias emergentes	Categorias a priori
4.1.1 - Um opeté em forma de cone pra nós é em forma de cone. Um cone pra nós é Ossãe.	O opeté (batata amassada) do Orixá Ossãe tem forma de cone.	A forma de cone indica que aquele opeté pertence ao Orixá Ossãe.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes
4.1.2 - Tipo peso, tipo porongo, é para Bará.	O opeté do Orixá Bará tem forma de porongo.	Por determinação o opeté do Orixá Bará tem forma de porongo.	Existência de convenções realizadas pelos	Geração dos saberes

			precursores da religião	
4.1.3 - Também para o Oya a gente usa redondo a forma geométrica fundamental fora esses detalhes, é circulo redondo que é a forma perfeita,	O opeté para o Orixá Oiá é redondo.	Por determinação o opeté para o Orixá Oiá é redondo.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes
4.1.4 - Não se usa nada quadrado nem retangular para os Orixás.	Não são utilizadas formas quadradas, nem retangulares para os Orixás.	Para os Orixás não são utilizadas formas retangulares ou quadradas.	Crença relacionada às formas geométricas	Organização dos saberes
4.1.5 - Tem uma comida pra Obá que se faz em forma de coração, a gente molda em forma de coração, dependendo o tipo de trabalho a gente molda de acordo com relação até a parte do corpo humano, coração.	Dependendo do pedido, as comidas dos Orixás são moldadas, se relacionando inclusive com partes do corpo humano.	As oferendas seguem determinações de acordo com o pedido, incluindo as partes do corpo humano.	Crença relacionada às formas geométricas	Organização dos saberes
4.1.6 - O opeté em forma de cone para Ossãe, é porque o Ossae seria médico, Orixá das folhas também, e isso aí tem	O Orixá Ossãe é considerado médico e dono das folhas	A forma do cone remete o formato do monte onde o orixá descia para chegar à mata.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes

quando ele sobe no monte Gramy e desce depois pra mata, então isso é um significado pra ele.				
4.2.1 - Assim como cada Orixá tem seus números, (Axés), correspondentes e suas finalidades como foi falado anteriormente, eles também possuem algumas formas geométricas que na maioria das vezes correspondem a algumas coisas que lhes pertence.	São respeitadas as formas geométricas dos Orixás de acordo com coisas que lhes pertençam.	Existem regras que determinam que as formas geométricas aos Orixás são estabelecidas de acordo com objetos que pertencem aos mesmos.	Crença relacionada às formas geométricas	Organização dos saberes
4.2.2 - Ex.: partes do corpo do ser humano, locais e itens da natureza, ferramentas que são usadas nos assentamentos e às vezes até por eles mesmos quando estão incorporados nos seus médiuns, etc.	As formas geométricas variam de acordo com partes do corpo humano destinadas aos mesmos, bem como locais específicos da natureza e ferramentas ou armas pertencentes aos mesmos.	Existe uma variação de formas geométricas pertencentes aos Orixás.	Crença relacionada às formas geométricas	Organização dos saberes
4.2.3 - É por isso que quando realizamos um ritual ou fazemos uma	Quando rituais são realizados, as oferendas são feitas	Existem determinações para a realização de oferendas, sendo	Crença relacionada às formas geométricas	Organização dos saberes

<p>determinada oferenda ou obrigação para um determinado Orixá, usamos sempre alguns itens com algumas figuras geométricas conforme o Orixá destinado e a finalidade do que se, deseja atingir ou alcançar com o ritual ou oferenda a esse Orixá. Seja saúde, dinheiro, casa, caminhos abertos, amor etc.</p>	<p>com formas geométricas equivalentes ao pedido que se deseja ser atendido .</p>	<p>moldadas de acordo com o objetivo que se deseja alcançar.</p>		
<p>4.3.1 - Eu acho que tudo isso aí, a forma geométrica de um opeté, por exemplo, tu vai fazer um opeté para Lode, é de uma maneira, o Orixá responde num astro diferente,</p>	<p>As formas geométricas das comidas dos Orixás determinam as respostas e finalidades dos pedidos</p>	<p>A geometria muitas vezes é determinada de acordo com a finalidade do pedido</p>	<p>Crença relacionada às formas geométricas</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>4.3.2 - Tu vai fazer um opeté para um Lanã é diferente porque não é o mesmo Orixás.</p>	<p>Cada Orixá tem suas particularidades em suas comidas.</p>	<p>Existe uma regra acerca das diferenciações nas comidas dos orixás, em equivalência com a forma geométrica correspondente.</p>	<p>Crença relacionada às formas geométricas</p>	<p>Organização dos saberes</p>

4.3.3 - Apesar de ter o mesmo nome ele não é o mesmo Orixá, não vai te responder da mesma maneira, por isso a comida é diferenciada, a forma dos opetés tem que ter a diferença para que tu saiba pra quem tu estás fazendo.	As formas das comidas de santo determinam para que Orixá é dedicada aquela comida.	Pelas formas geométricas presentes nas comidas é possível identificar para qual Orixá a mesma pertence.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
4.3.4 - Sempre é feito daquela forma, é importante respeitar a forma geométrica.	É preciso respeitar as formas geométricas das comidas dos Orixás.	Utilizar a forma geométrica correta na comida indica respeito ao Orixá.	Crença relacionada às formas geométricas	Organização dos saberes
4.4.1 - Em todas as comidas as formas geométricas são respeitadas.	Em todas as comidas as formas geométricas são respeitadas.	A correta organização geométrica indica respeito aos Orixás.	Crença relacionada às formas geométricas	Organização dos saberes
Pergunta 5: Em que comidas essas formas devem ser respeitadas?				
Código/excertos	Descrição do Pesquisador	Unidades de significado	Subcategorias emergentes	Categorias <i>a priori</i>
5.1.1 - Para oxum pode ser em forma de coração, porque ela é a dona do amor.	Oxum é responsável por questões relacionadas ao amor, por isso suas comidas podem ser moldadas em forma de coração.	Cada Orixá é responsável por questões cotidianas de seus adeptos .	Crença relacionada às formas geométricas	Organização dos saberes
5.1.2 - Pra lemanjá poderia se moldar em forma de pera porque a	As comidas dos Orixás podem ser moldadas na	As frutas dos Orixás podem ser moldadas em suas comidas.	Crença relacionada às formas geométricas	Organização dos saberes

pera é uma fruta da iemanjá, então a comida pode ser moldada assim.	forma de suas respectivas frutas.			
5.2.1 - Quando queremos realizar um ritual ou oferenda com a finalidade de abrir caminhos para uma determinada pessoa ou para si mesmo, usamos um apeté para o Orixá Bará,	Em oferendas para abrir caminhos, são utilizados Opetés para o Orixás Bará.	O Orixá Bará é a quem se direcionam as oferendas para abertura de caminhos.	Crença relacionada às formas geométricas	Organização dos saberes
5.2.2 - Feito da batata inglês cozida, descascadas, amassada em purê, e com as mãos moldamos uma pirâmide, e junto podemos acender três velas em forma de triangulo.	O opeté do Orixá Bará é moldado com batata inglesa amassada com as mãos, e disposto em forma de pirâmide.	O opeté do Orixá Bará tem a forma de uma pirâmide e é feito de batata inglesa.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes
5.2.3 - Com outras finalidades, usamos para o Orixá Ogum o mesmo citado acima, formando uma ferradura.	O opeté para o Orixá Ogum é organizado em forma de ferradura.	Para o Orixá Ogum é feito em forma de ferradura.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes
5.2.4 - Para o Orixá lansã podemos fazer igual trocando a batata	Para o Orixá Oiá, é feito uma bola de batata doce amassada com as	Para o Orixá Oiá, é feito uma bola de batata doce.	Existência de convenções realizadas pelos	Geração dos saberes

inglesa por batata doce e moldando uma bola. Para o Orixá Oxum Um coração de polenta,	mãos, em formato redondo.		precursores da religião	
5.3.1 - Bará Lana que a gente faz de vez em quando 7 opetés pequenos em cima, bem bicudinho e bem achatadinho embaixo, opetés pequenos, digamos assim, 5 ou 6 cm de altura, são 7 opetés, que é para Bará Lanã.	Os opetés de Bará Lanã são em número de 7. São bicudos e achatados embaixo.	Para o Bara Lanã os opetés são em formato de porongo.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes
5.3.2 - Depois tem um opeté para lansã, se é feito com a batata doce bem cozida com casca, e que ele não é bicudo ele é redondo ele é uma bola, tu faz uma bola e depois tu dá uma achatadinha nele mal mal para que ele não fique oval, mas também é um opeté.	Para lansã os opetés são em forma de bola de batata doce cozida com casca e levemente achatada.	Para lansã os opetés são em formato redondo achatado levemente.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes
5.4.1 - Em todas as comidas devem as formas ser respeitadas	Deve-se manter as formas dos Orixás.	As formas geométricas dos Orixás precisam ser respeitadas sempre.	Crença relacionada às formas geométricas	Organização dos saberes

<p>5.4.2 - As formas geométricas nas obrigações dos Orixás são em sua maioria, redondas.</p>	<p>As formas para os Orixás são circulares na maioria das vezes.</p>	<p>Quase sempre as formas geométricas para os Orixás precisam ser em formato de círculo.</p>	<p>Crença relacionada às formas geométricas</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>Pergunta 6: Qual a importância de se manter os números nos dias de obrigação e resguardo?</p>				
<p>Código/excertos</p>	<p>Descrição do Pesquisador</p>	<p>Unidades de significado</p>	<p>Subcategorias emergentes</p>	<p>Categorias <i>a priori</i></p>
<p>6.1.1 - Temos os números que se referem com os Orixás</p>	<p>Cada Orixá tem um número atribuído a si e esse número está presente em suas obrigações.</p>	<p>Os números que são atribuídos aos Orixás estão presentes em suas obrigações.</p>	<p>Os números representam o Axé dos Orixás</p>	<p>Difusão dos saberes</p>
<p>6.1.2 - A gente as vezes atualmente é forçado a fugir desses detalhes porque como tu sabes a vida atual é muito agitada, o pessoal todo trabalha</p>	<p>Por causa dos compromissos dos adeptos do batuque, nem sempre o número dos Orixás é respeitado em suas obrigações.</p>	<p>Algumas regras em relação aos números dos Orixás não são rígidas.</p>	<p>Estabelecimento de regras acerca do uso dos números</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>6.1.3 - E os Orixás eles entendem porque apesar que eles minimizam o que a gente pode passar, e o pessoal não pode perder o trabalho, o</p>	<p>Os Orixás compreendem que os adeptos não podem cumprir à risca a quantidade de números presentes em suas obrigações.</p>	<p>Quando o adepto não cumpre à risca algum ritual por motivo de força maior, isso é compreendido pelo Orixá.</p>	<p>Crenças relacionadas aos números</p>	<p>Difusão dos saberes</p>

<p>peçoal tem outra obrigação, um compromisso que não pode ser deixado pra trás.</p>				
<p>6.1.4 - Antigamente o tempo era aquele e não se questionava.</p>	<p>Antigamente as pessoas cumpriam a quantidade de dias de resguardo das obrigações e não questionavam.</p>	<p>Antigamente não existia questionamentos em relação aos rituais do Batuque.</p>	<p>As transmissões de conhecimentos</p>	<p>Difusão dos saberes</p>
<p>6.1.5 - Quando tem obrigação nós respeitamos 8 dias nessa obrigação, eventualmente as pessoas tem que trabalhar, então vão trabalhar e voltam para o Ilê.</p>	<p>As obrigações duram 8 dias e mesmo que o adepto trabalhe, ele tem o compromisso de dormir no Ilê.</p>	<p>Existem normas estabelecidas nas obrigações dos Orixás, que precisam ser respeitadas.</p>	<p>Normas estabelecidas em Obrigações religiosas</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>6.1.6 - O resguardo é determinado de acordo com o Orixá.</p>	<p>O resguardo de uma obrigação é determinado de acordo com o Orixá.</p>	<p>Os rituais são organizados sempre com base na numeração dos Orixás.</p>	<p>Estabelecimento de regras acerca do uso dos números</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>6.1.7 - Exemplo: se Oxalá comeu 4 pés, é 32 dias.</p>	<p>O resguardo para Oxalá em obrigações de 4 pés é de 32 dias.</p>	<p>O número de dias de resguardo para Oxalá em obrigações de 4 pés é de 32 dias.</p>	<p>Estabelecimento de regras acerca do uso dos números</p>	<p>Organização dos saberes</p>

<p>6.1.8 - A obrigação de roda de 4 pés só pode participar as pessoas prontas e na conta do Orixá, como essa obrigação pertence pra Xangô, com 12 está certa, mas essa obrigação pode ser feita até com 32, ou 16 ou 14.</p>	<p>Na obrigação de balança, só podem participar pessoas prontas de cabeça e ela deve ser feita de acordo com os números dos Orixás que estão de obrigação.</p>	<p>Para um adepto participar de certos rituais, o mesmo deve estar habilitado para tal.</p>	<p>Normas estabelecidas em Obrigações religiosas</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>6.1.9 - Se Odé ou Ossãe comendo, a balança pode ser com 14. Aqui quando na rua o Lodê recebe o 4 pés é feito uma roda especial com 7 homens que é só pra ele, e claro né que se tu ver uma roda de 4 pés com 12 está correta.</p>	<p>A menor balança é de Lodê com 7 homens, as demais, a partir de 12 pessoas.</p>	<p>Lodê tem a menor balança, com 7 homens.</p>	<p>Estabelecimento de regras acerca do uso dos números</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>6.1.10 - Os números tem uma influência muito grande dentro da religião</p>	<p>Os números têm bastante influência no Batuque.</p>	<p>A Matemática influencia de sobremaneira os rituais do batuque.</p>	<p>Os números representam o Axé dos Orixás</p>	<p>Difusão dos saberes</p>
<p>6.2.1 - Os números são os Axés dos Orixás, que representam força, energia, vitalidade, poder etc.</p>	<p>Os números são os axés dos Orixás e representam a força, vitalidade e energia dos mesmos.</p>	<p>A energia dos Orixás está associada aos seus números.</p>	<p>Os números representam o Axé dos Orixás</p>	<p>Difusão dos saberes</p>
<p>6.2.2 - Devemos sempre respeitar os seus Axés,</p>	<p>Se os números dos Orixás não forem</p>	<p>A Matemática influencia inclusive no</p>	<p>Crenças relacionadas aos números</p>	<p>Difusão dos saberes</p>

(números), e tudo que se refere ou que pertença a ele, sobe pena não de sermos castigado, mais sim de perdermos tudo que foi feito e termos que repetir novamente todo o ritual, oferenda ou obrigação ao Orixá.	respeitados, aquilo que foi pedido pode não ser realizado ou atendido da forma que se espera.	atendimento de pedidos, caso os números não sejam respeitados.		
6.3.1 - Na verdade cada obrigação tem uma maneira diferenciada de fazer,	Cada obrigação tem suas particularidades	Cada obrigação tem suas particularidades e especificidades, sempre relacionadas aos números de cada Orixá.	Crenças relacionadas aos números	Difusão dos saberes
6.3.2 - Um exemplo, vou fazer uma obrigação para um filho de xango o ideal do filho é ficar pelo menos a metade do axé do Orixá dele, de obrigação de resguardo de guarnição para o Orixá	O filho precisa ficar pelo menos a metade do número de seu Orixá em sua obrigação.	Em relação as obrigações dos Orixás, é necessário ficar pelo menos a metade da numeração do mesmo.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
6.3.3 - O Orixá fazendo obrigação na tua cabeça, vai ter que cumprir muitas vezes da tua disponibilidade, de tempo pra tu fazer a obrigação completa.	Para que uma obrigação de eledá seja completa, é preciso disponibilidade .	Para que rituais sejam precisos, é importante que o adepto tenha disponibilidade.	Crenças relacionadas aos números	Difusão dos saberes

<p>6.3.4 - Por isso que se exige que quando a pessoa vai cortar 4 pés para um Orixá que tenha disponibilidade de no mínimo de 6 dias, que é o meio axé do xango, que não tem um outro meio, é o único Orixá que tu pode na verdade não deveria, mas que tu corta o axé, vou ficar 6 dias porque não tenho como ficar 12 dias, tem batuque, tem serão, tem levantação, então não tem como ele ficar.</p>	<p>Numa obrigação de 4 pés é exigido no mínimo 6 dias de disponibilidade do adepto.</p>	<p>O adepto necessita de, no mínimo dispor de 6 dias para uma obrigação de 4 pés</p>	<p>Estabelecimento de regras acerca do uso dos números</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>6.3.5 - A pessoa trabalha, como ele vai ficar de obrigação 7 dias, a menos que o filho esteja de férias, então ele entra naquela conta.</p>	<p>Os Orixás compreendem que nos dias de hoje, devido ao trabalho, não é possível ficar 7 dias de obrigação.</p>	<p>Os rituais religiosos se adequam aos dias de hoje .</p>	<p>Normas estabelecidas em obrigações religiosas</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>6.3.6 - Um tem mais disponibilidade de tempo de horário, então o filho vai segurar a obrigação do outro, um faz 6 outro faz 4 e vai</p>	<p>Quem tem mais disponibilidade de horário segura a obrigação do irmão. Dessa forma, os Orixás</p>	<p>No batuque uns ajudam os outros.</p>	<p>Normas estabelecidas em Obrigações religiosas</p>	<p>Organização dos saberes</p>

uns segurando a obrigação dos outros, então os Orixás vão sendo respeitados	continuam sendo respeitados.			
6.3.7 - Na medida do possível até que se termine a obrigação vão levar de 21 a 36, é nessa média, nunca tu vai terminar uma obrigação com menos de 14 dias.	As obrigações podem durar de 14 a 36 dias dependendo do nível.	As obrigações tem um prazo de duração de 14 a 36 dias.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
6.3.8 - Porque 14 dias? O dono da faca é Ogum, seja pra qual Orixá for cortar o dono da faca é Ogum, não importa se tu vai cortar com faca de madeira, de prata, de aço, de inox, não importa o dono do corte é Ogum.	Ogum é o dono da faca, por isso as obrigações duram pelo menos 14 dias.	As obrigações para Ogum duram pelo menos 14 dias, pois ele é o dono da faca, independente do material com que ela tenha sido confeccionada.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
6.3.9 - O único Orixá que pode dar o corte é ogum. Por isso que muitas vezes se diz assim:	O único Orixá que pode dar corte para os demais Orixás é Ogum.	Ogum é o único Orixá que pode dar corte para os demais.	Peculiaridades de alguns Orixás	Geração dos saberes
6.3.10 - O Ogum é o rei da Nação, tira tudo o que corta, vamos fazer obrigação agora, O	Ogum é rei de todas as Nações porque é o dono da faca e sem ela não é possível	Existe uma regra que determina que Ogum é rei de todas as Nações porque é ser ele o dono	Peculiaridades de alguns Orixás	Geração dos saberes

Ogum continua sendo rei.	sacralizar para os Orixás.	da faca. Esse fato determina essa regra porque sem faca não é possível sacralizar para os Orixás.		
6.3.11 - Porque que todas as bandeiras de Nações tem que louvar a Ogum? Por esse motivo, ele é o nosso ferreiro ele é o que dá imolação para os nossos Orixás sem a faca de Ogum meu amigo, não existe faca de Xangô e de nenhum Orixá,	Todas as Nações devem louvar Ogum porque sem faca não é possível a continuidade das obrigações para os Orixás.	As nações dos Orixás devem louvar sempre a Ogum para que exista a continuidade da religião africana, já que os rituais utilizam a faca que é o instrumento de Ogum .	Peculiaridades de alguns Orixás	Geração dos saberes
6.3.12 - O dono do corte é Ogum, ponto final.	O dono do corte é Ogum.	O dono do corte é Ogum, sem questionamento.	Peculiaridades de alguns Orixás	Geração dos saberes
6.3.13 - Cortou 4 pés não vai durar menos, os números são a nossa palavra chave.	Os números são nossa palavra chave.	Os números são a palavra chave do Batuque.	Os números representam o Axé dos Orixás	Difusão dos saberes
6.4.1 - É uma reflexão, com aquele Orixá, é um momento que tu fica mais próximo dele e ele mais próximo de ti.	É uma reflexão com os Orixás. É um momento em que se aproxima do sagrado.	Uma obrigação faz parte de uma reflexão onde o adepto se aproxima do sagrado.	Crenças relacionadas aos números	Difusão dos saberes

Pergunta 7: De que forma você acredita que foram gerados os saberes em relação aos números e às formas geométricas dentro do Batuque? Ou seja, como cada um aprende acerca dessas informações?				
Código/excertos	Descrição do Pesquisador	Unidades de significado	Subcategorias emergentes	Categorias <i>a priori</i>
7.1.1 - As pessoas antigas eram muito incultas, não tinham escolaridade,	Os adeptos antigos do Batuque tinham pouca ou nenhuma escolaridade.	Os antigos praticantes do Batuque caracterizavam-se pela baixa ou nenhuma instrução escolar.	As transmissões de conhecimentos	Difusão dos saberes
7.1.2 - Os escravos não conseguiram transmitir a razão e o porquê desses números, de certa forma ninguém sabe.	Os escravos não conseguiram transmitir os significados e as razões dos números. Dessa forma, a maioria das pessoas não sabem os porquês dos números.	As transmissões de conhecimento entre os praticantes do Batuque foram prejudicadas por os escravos não conseguirem transmitir seus significados.	As transmissões de conhecimentos	Difusão dos saberes
7.1.3 - Nós sabemos da importância dos números na religião, mas não sabemos como veio, o pessoal era muito grosseiro, não sabiam transmitir.	Os adeptos sabem da importância dos números no batuque, mas não sabem como eles surgiram.	Os adeptos sabem que os números são importantes, porém desconhecem a origem dos mesmos.	As transmissões de conhecimentos	Difusão dos saberes
7.1.4 - Os números de Bará a Oxalá Bará 7 Ogum 10 Oya6 Xango 12 Ibeji 24	Os números de Bará a Oxalá, são: Bará 7, Ogum 10, Oya 6, Xangô 12, Ibeji 24, Obá 18, Odé e Ossãe 14, Xapanã 9, Oxum 8, Iemanjá 16, Oxalá 32.	A cada Orixá é atribuído um número específico.	Existência de convenções realizadas pelos precursores da religião	Geração dos saberes

Obá 18 Odé e Ossãe 14 Xapanã 9 Oxum 8 Iemanjá 16 Oxalá 32				
7.1.5 - A Otim vem junto com Odé, é o único casal perfeito dentro da nação,	Otim e Odé são o casal perfeito do Batuque, não se separam.	Existe um itan que relata que Otim e Odé são o casal perfeito do Batuque, os quais, por essa razão, nunca se separam	Peculiaridades de alguns Orixás	Geração dos saberes
7.1.6 - A Otim sempre vem junto com Odé, porque em verdade ela não seria um Orixá, quando Odé se encontrou e se apaixonou com a Otim e os dois casaram e	Otim não era um Orixá, ela se apaixonou por Odé ele e se casaram.	Otim transformou-se em Orixá a partir do casamento com Odé.	Peculiaridades de alguns Orixás	Geração dos saberes
7.1.7 - Não ela foi por benevolência de Oxalá elevada a categoria de Orixá, então tu vai ver muitas poucas pessoas com a cabeça de Otim, ela não seria um Orixá nato como Odé,	Otim foi elevada a categoria de Orixá por benevolência de Oxalá.	Oxalá por bondade elevou Otim a categoria de Orixá.	Peculiaridades de alguns Orixás	Geração dos saberes
7.1.8 - Por isso quando a gente fala Odé a gente está falando na	Como o casal Odé e Otim não se separam, quando um adepto tem	Quando se fala em Odé, implicitamente	Peculiaridades de alguns Orixás	Geração dos saberes

Otim junto. Segundo a nossa Nação.	um, automaticamente tem o outro.	está se falando de Otim.		
7.2.1 - Não só em relação aos números, (Axés), e formas geométricas, mais em tudo que se refere aos Orixás cultuados na religião africana, com suas formas de assentá-los e cultuá-los, são hereditários, ou seja, passado de Pais e Mães de Santo para seus Filhos de Santo.	Os ensinamentos referentes aos ritos do Batuque, são passados pelos babalorixás e pelas lalorixás.	Existe uma regra que determina que os ensinamentos aos praticantes do Batuque seja feito pelo Babalorixá ou pela lalorixá.	As transmissões de conhecimentos	Difusão dos saberes
7.2.2 - São conhecimentos milenares que apesar da deturpação até hoje sobrevive alguns fundamentos muito antigos.	Os conhecimentos sobre o culto aos Orixás são milenares, apesar da deturpação.	Os conhecimentos sobre o culto aos Orixás sobrevive há milênios.	As transmissões de conhecimentos	Difusão dos saberes
7.3.1 - Eu não saberia dar essa resposta porque na nossa religião as pessoas pecaram por não ter estrutura cultural,	A falta de conhecimento a respeito da cultura africana pelos mais antigos acabou fazendo com que os mais novos não saibam como foram gerados os números dentro do Batuque.	O conhecimento cultural do Batuque deveria ter sido passado de geração para geração. Como isso não ocorreu, os mais novos não sabem precisar a origem dos números no Batuque.	As transmissões de conhecimentos	Difusão dos saberes

7.3.2 - Porque muitos não sabiam ler, não sabiam escrever, só sabiam o que os antepassados passaram,	Os mais antigos não eram alfabetizados e só repassaram o que seus antepassados lhes transmitiram.	Os conhecimentos do Batuque foram passados através da oralidade para os mais antigos.	As transmissões de conhecimentos	Difusão dos saberes
7.3.3 - Mas muitas vezes eu acho, que eles foram classificados pelos números de dias de semana,	Os números podem ter sido associados de acordo com os dias da semana.	Uma teoria é a de que os números podem ter associação aos dias da semana.	Estabelecimento de regras acerca do uso dos números	Organização dos saberes
7.3.4 - Eu acho que a organização dos números veio com os escravos, apesar de muitos deles não cultuar nossos Orixás.	Os escravos organizaram os números dos Orixás cultuados no Batuque.	A organização dos números dos Orixás podem ter sido organizados pelos escravos.	As transmissões de conhecimentos	Difusão dos saberes
7.4.1 - Os números vem dos mitos dos orixás. Foi assim que eu aprendi com meu pai.	Os mitos dos orixás contam os porquês dos números	Os números descendem dos orixás	As transmissões de conhecimentos	Difusão dos saberes
7.4.2 - Cada Orixá tem suas histórias e nessas histórias são contados os porquês desses números	Cada orixá têm histórias que contam suas particularidades	Nas histórias dos orixás podemos encontrar seus números	As transmissões de conhecimentos	Difusão dos saberes
7.4.3 – A relação que eu aprendi foi assim: o número 6 representa a justiça e o equilíbrio,	O número 6 e o número 12 representam o equilíbrio e justiça. O número 7 tem o	Significados dos números dos orixás	As transmissões de conhecimentos	Difusão dos saberes

<p>assim como o número 12. O número 7 ele representa as conquistas a transformação as lutas, a busca. O número 8, que é o número dos orixás maiores, Oxum, Iemanjá e Oxalá, representa a paz, a sabedoria, a reconstrução. O número 9 ele representa a nossa ancestralidade, os que já se foram para o Órun desse plano. Representa o fim de um ciclo. Existem uma relação de outros números, mas esses são os que mais utilizamos para nossos 12 orixás.</p>	<p>significado de transformação e representa as conquistas, as lutas e busca por novos caminhos. O número 8 tem o significado de representar a paz, a sabedoria e a reconstrução. O número 9 representa toda ancestralidade, traz o significado de encerramento do ciclo da vida.</p>			
---	---	--	--	--

Pergunta 8: No jogo de búzios os Orixás respondem de acordo com as caídas dos búzios, os mesmos respeitam determinadas contagens de acordo com os búzios fechados e abertos. Exemplifique de acordo com a sua Nação essas caídas.

Código/excertos	Descrição do Pesquisador	Unidades de significado	Subcategorias emergentes	Categorias <i>a priori</i>
8.1.1 - Isso não tem muita explicação.	Não se sabe qual a origem das caídas.	Alguns conhecimentos referentes a determinados rituais no Batuque, se perderam com o tempo	As transmissões de conhecimentos	Difusão dos saberes
8.1.2 - 8 abertos responde Oxalá, um aberto responde Bará e assim por diante.	Oxalá responde com 8 búzios abertos e Bará com apenas 1.	Cada Orixá responde ao jogo de búzios de acordo com o seu respectivo número representado pela quantidade de búzios abertos.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.1.3 - Na conta de 8 responde Oxalá e lemanjá também.	lemanjá responde com 8 búzios abertos.	lemanjá responde com 8 búzios abertos, assim como Oxalá.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.1.4 - Na conta de 7 Ogum de 6 Xangô e de cinco responde Ossãe	Ogum responde com 7 búzios abertos.	No jogo Ogum responde com 7 búzios abertos.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.1.5 - Na conta de 4 responde Oxalá também na conta de 3 responde lansã	lansã responde com 3 búzios abertos.	No jogo lansã responde com 3 búzios abertos.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.2.1 - É o conjunto dos dois, mas eu boto positivo o búzio fechado.	O búzio com a fenda natural é considerado positivo.	As caídas dos búzios podem ser interpretadas de acordo com as caídas .	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes

<p>8.2.2 - Meu búzio todo ele é aberto, só que por exemplo se ele cair a parte que a gente abre pra cima, dependendo da pergunta que eu fizer é positivo e do Orixá que responder,</p>	<p>Dependendo do Orixá que responder ao jogo de búzios, a parte com a abertura natural é considerada positiva.</p>	<p>A leitura do jogo de búzios segue regras bem definidas.</p>	<p>Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>8.2.3 - E eu jogar o Ori, todo búzio aberto pra cima é positivo, se eu jogar para uma pergunta sobre uma pergunta, todo ele fechado pra cima é positivo,</p>	<p>No jogo de Ori todo búzio aberto a resposta é positiva.</p>	<p>Quando se descobre qual é o Orixá da pessoa, todo búzio aberto a resposta é positiva.</p>	<p>Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>8.2.4 - Jogando o Ori ele é diferenciado, dai vai a interpretação do Orixá.</p>	<p>Existe diferença de interpretação para se jogar Ori e para perguntas diversas.</p>	<p>Existem regras que são modificadas de acordo com critérios estabelecidos nas perguntas.</p>	<p>Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios</p>	<p>Organização dos saberes</p>
<p>8.2.5 - Eu sempre começo com Ogum, pergunto pra pai Ogum, jogo de novo pergunto pra bara, porque a bandeira hoje é de Ogum, mas a primeira bandeira era de bara,</p>	<p>A primeira pergunta é sempre confirmada com Ogum por causa da bandeira atual, depois perguntada para Bará. porque foi a primeira bandeira</p>	<p>As perguntas sempre são feitas primeiro ao dono da bandeira.</p>	<p>Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios</p>	<p>Organização dos saberes</p>

8.2.6 - Primeiro jogo para pai Ogum porque a primeira bandeira já não existe mais, pergunto pra ele pra ele me guiar, daí ele me confirma na terceira jogada eu tenho que confirmar para pai Oxalá, ele vai me dar a resposta definitiva	São feitas três confirmações em cada pergunta. A primeira na bandeira atual, a segunda com a antiga bandeira, a terceira com o Orixá do Babalorixá que está jogando.	Há uma norma em relação a quantidade de jogadas dos Búzios em cada pergunta.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.2.7 - E a confirmação de um Ori, tu joga no mínimo 12 vezes a caída do búzio, até ele confirmar e as vezes é preciso jogar mais do que isso.	Cada jogo de Ori é realizado no mínimo doze vezes.	É necessário que se jogue no mínimo doze vezes para se confirmar o Orixá da pessoa.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.2.8 - Se eu quero uma resposta do Bará, o meu búzio são 8 não é 16, mas eu quero uma resposta do Bará, que que acontece, tem que cair mais búzios abertos pra cima,	Bará responde com a maioria dos búzios abertos.	Búzios abertos para cima, em maioria, significam que Bará está respondendo.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.3.1 - Pai Ogum e Mãe Iansã todos eles o búzio aberto pra cima,	Para Ogum e Iansã os búzios abertos devem ser para cima.	Os búzios abertos e para cima indicam resposta de Ogum e Iansã.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes

8.3.2 - Se eu quero uma resposta do pai Xangô ele tem que cair no mínimo 5 fechado pra cima e 3 abertos pra baixo,	Para Xangô responder é preciso que três búzios estejam abertos para cima e cinco abertos para baixo.	Xangô responde quando caírem 3 búzios abertos para cima e 5 abertos para baixo.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.3.3 - Se eu quero uma resposta de Oxalá, é um búzio aberto.	Oxalá responde com um búzio aberto e os outros fechados.	Para Oxalá responder é preciso que esteja um búzio aberto e os outros fechados.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.3.4 - Se cair os búzios em arco é filho de um Orixá feminino.	Se ao jogar os búzios os mesmos formarem um arco, a pessoa pertence a um Orixá feminino.	Se o Orixá da pessoa for feminino, os búzios cairão em forma de arco.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.3.5 - Os Orixás masculinos caem em forma de lança.	Se ao jogar os búzios os mesmos formar uma lança, a pessoa é de um Orixá masculino.	Os búzios indicarão que o Orixá da pessoa é masculino se formarem uma lança.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.4.1 - A guia pode 16 ou 28 gomos com o limite de 32 gomos.	A guia imperial tem o limite de trinta e dois gomos.	A guia imperial pode ter no máximo 32 gomos.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes

8.4.2 - Os Orixás respondem com búzios abertos ou fechados. Fechados com a fenda natural e aberto com a abertura feita no outro lado.	Os búzios podem ser abertos ou fechados	As respostas dos Orixás podem ser representadas por búzios abertos ou fechados.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.4.3 - Um búzio aberto responde Bará.	Bará responde com um búzio aberto e os demais fechados.	Bará responde com apenas um búzio aberto.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.4.4 - Cinco búzios abertos responde Ogum	Ogum responde com dois búzios fechados e cinco abertos.	Quando no jogo há 2 búzios fechados e 5 abertos, a resposta é de Ogum.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.4.5 - Três ou seis búzios abertos responde Xangô	Xangô responde com três ou seis búzios abertos.	Três ou seis búzios abertos indicam resposta de Xangô.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.4.6 - Quatro búzios abertos responde Odé e Otim, Oxalá, Oxum e Iemanjá	Odé e Otim, Oxalá, Oxum e Iemanjá respondem com a metade dos búzios abertos	Mais de um Orixá pode responder com a metade dos búzios abertos.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.4.7 - Sete búzios abertos responde Ossãe, Obá e Xapanã	Com um búzio aberto e os demais fechados,	Mais de um Orixá pode responder com um	Algumas implicações matemáticas	Organização dos saberes

	respondem Ossãe Obá e Xapanã	búzio aberto e os demais fechados.	relacionadas ao jogo de búzios	
8.4.8 - Oito búzios abertos responde Oxalá	Com todos os búzios abertos responde Oxalá.	Oxalá responde com todos os búzios abertos.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes
8.4.9 - Todos os Búzios fechados reponde Egum	Se nenhum búzio cair aberto, responde Egum.	Se nenhum búzio cair aberto, é sinal de que quem está respondendo é um Egum.	Algumas implicações matemáticas relacionadas ao jogo de búzios	Organização dos saberes

Fonte: elaborado pelo autor (2016)